OS HERÓIS DO OLIMPO

OS DIÁRIOS DO SEMIDEUS



RICK RIORDAN

AUTOR DA SÉRIE PERCY JACKSON & OS OLIMPIANOS

intrínseca

OS DIÁRIOS DO SEMIDEUS

OS HERÓIS DO OLIMPO

RICK RIORDAN

Tradução de Débora Isidoro

intrínseca

Copyright © 2012 Rick Riordan
"Son of Magic" copyright © 2012 Haley Riordan
Copyright das ilustrações © 2012 Steve James
Copyright das ilustrações dos personagens no encarte © 2012 Antonio Caparo
Originalmente publicado nos Estados Unidos e no Canadá por Disney • Hyperion Books. Tradução publicada mediante acordo com Nancy Gallt Literary Agency e Sandra Bruna Agencia Literaria, SL.

TÍTULO ORIGINAL
The Demigod Diaries

PREPARAÇÃO
Mônica Reis

REVISÃO
Suelen Lopes
Clarissa Peixoto

REVISÃO DE EPUB
Fernanda Neves

GERAÇÃO DE EPUB
Intrínseca

E-ISBN
978-85-8057-318-3

Edição digital: 2013

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 – Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br


You
Tube

» » »


intrínseca

»

Para a Winston School de San Antonio,
um lugar seguro para semideuses.

SUMÁRIO

Carta do Acampamento Meio-Sangue

O diário de Luke Castellan

Os perigos da casa de Hal

Percy Jackson e o Cajado de Hermes

Entrevista com George e Martha,
as cobras de Hermes

Galeria de personagens

Fuga da caverna subterrânea

Leo Valdez e a busca por Buford

Bunker 9

Profecia

Uma nota de Rick Riordan

Filho da magia

Querido jovem semideus,

Seu destino o espera. Agora que você descobriu sua verdadeira linhagem, deve se preparar para um futuro difícil: lutar contra monstros, aventurar-se pelo mundo e lidar com deuses gregos e romanos bem temperamentais. Não invejo você.

Espero que este livro o ajude em suas jornadas. Tive que pensar muito antes de publicar estas histórias, porque foram relatadas a mim em sigilo absoluto. Porém, sua sobrevivência é prioridade, e este livro vai lhe oferecer informações privilegiadas sobre o mundo dos semideuses — informações que podem ajudá-lo a continuar vivo.

Começaremos com *O diário de Luke Castellan*. Ao longo dos anos, muitos leitores e campistas do Acampamento Meio-Sangue têm me pedido para contar sobre o início da história de Luke, sobre suas aventuras com Thalia e Annabeth antes de eles chegarem ao acampamento. Relutei em atender a esse pedido, pois tanto Annabeth quanto Thalia não gostam de falar sobre aquele período. A única informação que possuo sobre o assunto foi escrita pelo próprio Luke em seu diário, entregue a mim por Quíron. No entanto, acho que está na hora de compartilhar um pouco da história dele. Isso nos ajudará a entender o que deu errado com aquele jovem semideus tão promissor. Nesse trecho, você vai descobrir como Thalia e Luke chegaram a Richmond, na Virgínia, perseguindo uma cabra mágica, que quase foram mortos em uma casa "mal-assombrada" e como acabaram conhecendo uma garota chamada Annabeth.

Também incluí um mapa da casa de Halcyon Green. Apesar do estrago descrito na história, a casa foi reconstruída, o que é muito preocupante. Se você for até lá, tome muito cuidado. O lugar ainda pode conter tesouros, mas com certeza também abriga monstros e armadilhas.

Nossa segunda história certamente vai me causar problemas com Hermes. *Percy Jackson e o cajado de Hermes* descreve um incidente constrangedor para o deus dos viajantes, que esperava resolver a questão sem alarde e com a ajuda de Percy e Annabeth. Cronologicamente, a história se passa entre *O último olimpiano* e *O*

herói perdido, logo depois de eles começarem a namorar e antes do desaparecimento de Percy. Esse é um ótimo exemplo de como a rotina de um semideus pode ser interrompida de uma hora para outra por uma crise no Olimpo. Mesmo que você só esteja indo ao Central Park para um piquenique, sempre leve sua espada! Hermes me ameaçou com atrasos no correio, internet ruim e queda no mercado de ações caso publicasse essa história. Espero que ele só esteja blefando.

Logo em seguida, há uma entrevista com George e Martha, as cobras de Hermes, e também retratos de alguns semideuses importantes que você talvez encontre durante suas missões. Entre eles está a primeira imagem registrada de Thalia Grace. Ela não gosta de ser retratada, mas conseguimos convencê-la, só dessa vez.

Depois, *Leo Valdez e a busca por Buford* levará você aos bastidores do bunker 9 enquanto Leo tenta construir seu barco voador, o *Argo II* (ou "a incrível máquina de guerra"). Você vai descobrir que é possível encontrar monstros até dentro das fronteiras do Acampamento Meio-Sangue, e que nesse caso Leo se mete em uma confusão potencialmente catastrófica envolvendo garotas festeiras e malucas, mesas que andam e materiais explosivos. Mesmo com a ajuda de Piper e Jason, é difícil prever se ele vai conseguir sobreviver à aventura.

Também incluí um diagrama do bunker 9, mas saiba que é só um esboço grosseiro! Ninguém, nem mesmo Leo, descobriu todas as passagens secretas, túneis e salas escondidas do bunker. Podemos apenas imaginar quão grande e complicado o lugar realmente é.

Finalmente, a mais perigosa de todas as histórias: *Filho da magia*. O assunto é tão delicado que eu não conseguiria escrever sobre ele. Não houve jeito de me aproximar o suficiente do jovem semideus Alabaster para entrevistá-lo. Ele me reconheceria como um agente do Acampamento Meio-Sangue e provavelmente acabaria comigo na hora. No entanto, meu filho Haley conseguiu ter acesso a seus segredos. Ele, que agora tem dezesseis anos, a mesma idade de Percy, escreveu *Filho da magia* especialmente para este livro, e devo dizer que conseguiu responder a algumas questões misteriosas até para mim. Quem controla a Névoa, e como? Por que os monstros conseguem sentir a presença dos semideuses? O que aconteceu com os semideuses que lutaram no exército de Cronos durante a invasão de

Manhattan? Todas essas dúvidas são respondidas em *Filho da magia*. Você vai perceber que esse relato lança luz sobre uma parte inteiramente nova e muito perigosa do mundo de Percy Jackson.

Espero que *Os diários do semideus* o ajude a se preparar para as próprias aventuras. Como diria Annabeth, o conhecimento é uma arma. Desejo-lhe sorte, jovem leitor. Mantenha sua armadura e as armas à mão. Fique atento. E lembre-se, você não está sozinho!

Sinceramente,



Rick Riordan
Escriba sênior, Acampamento Meio-Sangue
Long Island, Nova York

O Diário de Luke Castellan



Meu nome é Luke.

Sinceramente, não sei se vou conseguir manter este diário. Minha vida é bem maluca. Mas prometi ao velho que iria tentar. Depois do que aconteceu hoje... Bem, eu devo isso a ele.

Minhas mãos estão tremendo enquanto fico aqui de vigia. Não consigo tirar aquelas imagens horríveis da cabeça. Ainda tenho algumas horas até as garotas acordarem. Se eu escrever a história, talvez consiga superá-la.

Acho que devo começar com a cabra mágica.

* * *

Durante três dias, Thalia e eu seguimos a cabra pela Virgínia. Eu não sabia ao certo o porquê. Para mim, a cabra não parecia ter nada de especial, mas Thalia estava mais nervosa do que eu jamais a vira antes. Ela tinha certeza de que o animal era algum tipo de sinal enviado pelo pai, Zeus.

Sim, o pai dela é um deus grego. O meu também é. Somos semideuses. Se você acha que isso parece legal, pense duas vezes. Semideuses são ímãs de monstros. Todas aquelas coisas horríveis da Grécia Antiga, como Fúrias, harpias e górgonas,

ainda existem e são capazes de sentir a presença de heróis como nós a quilômetros de distância. Por causa disso, Thalia e eu passamos o tempo todo fugindo. Nossos pais superpoderosos sequer falam com a gente, muito menos nos ajudam. Por quê? Se eu tentasse explicar isso ia acabar com o espaço do diário, então vou seguir em frente.

De qualquer maneira, a tal cabra aparecia em momentos aleatórios, sempre ao longe. Quando tentávamos alcançá-la, ela desaparecia e ressurgia mais distante, como se quisesse nos levar a algum lugar.

Por mim, deixaríamos o bicho para lá. Thalia não me explicava por que achava que o animal era importante, mas nós já havíamos passado por muitas aventuras juntos, o suficiente para eu ter aprendido a confiar em seu bom senso. Então, seguimos a cabra.

Chegamos a Richmond de manhã cedo. Atravessamos uma ponte estreita sobre um rio calmo e esverdeado, passamos por parques arborizados e cemitérios da Guerra Civil. Na medida em que nos aproximávamos do centro da cidade, cruzamos bairros tranquilos e cheios de casas de tijolos vermelhos bem próximas umas das outras, com varandas de colunas brancas e pequenos jardins.

Imaginei todas as famílias normais que moravam naquelas casas aconchegantes. Pensei em como seria ter um lar, saber quando seria minha próxima refeição, e não ter que me preocupar todos os dias com a possibilidade de ser devorado por monstros. Fugi de casa quando tinha apenas nove anos — cinco longos anos atrás. Mal me lembro de como é dormir em uma cama de verdade.

Depois de caminharmos por mais de um quilômetro, meus pés pareciam estar derretendo nos sapatos. Esperava encontrar um lugar para descansar, talvez arranjar comida. Em vez disso, encontramos a cabra.

A rua pela qual seguíamos terminava em um grande parque circular. Imponentes mansões de tijolos vermelhos cercavam a área. No meio da rotatória, em um pedestal de mármore de uns seis metros, havia uma estátua de bronze de um cara montado em um cavalo. A cabra pastava na grama ao redor do monumento.

— Esconda-se!

Thalia me puxou para trás de umas roseiras.

— É só uma cabra — repeti pela milionésima vez. — Por que...?

— Ela é especial — insistiu ela. — É um dos animais sagrados do meu pai. Seu nome é Amalteia.

Thalia não havia mencionado o nome da cabra antes. Eu me perguntava por que ela parecia tão nervosa.

Ela não tem medo de muita coisa. Só tem doze anos, é dois anos mais nova que eu, mas se você a visse andando na rua, sairia da frente. Ela usa botas pretas de couro, jeans pretos e uma jaqueta velha de couro com *spikes*; seu cabelo é escuro e arrepiado como o pelo de um animal feroz; os intensos olhos azuis sondam você como se estivesse pensando na melhor maneira de transformá-lo em purê.

Se alguma coisa assusta Thalia, eu tenho que levar a sério.

— Você já viu essa cabra antes? — perguntei.

Ela assentiu, relutante.

— Em Los Angeles, na noite em que fugi de casa. Amalteia me levou para fora da cidade. E depois, naquela noite em que nos encontramos... Ela me guiou até *você*.

Encarei Thalia. Até onde eu sabia, nosso encontro havia sido acidental. Nós literalmente trombamos um no outro na caverna de um dragão perto de Charleston e nos unimos para continuarmos vivos. Ela nunca mencionara cabra alguma.

Thalia não gostava de falar sobre sua antiga vida em Los Angeles, e eu a respeitava demais para bisbilhotar. Sabia que sua mãe havia se apaixonado por Zeus, e que, depois de um tempo, Zeus a dispensou, como os deuses tendem a fazer. A mãe dela ficou muito deprimida, começou a beber e fazer coisas malucas — não sei os detalhes — até que, finalmente, ela decidiu fugir. Em outras palavras, seu passado era muito parecido com o meu.

Ela respirou fundo.

— Luke, quando Amalteia aparece, alguma coisa importante está para acontecer... alguma coisa *perigosa*. Ela é como um aviso de Zeus, um guia.

— Para quê?

— Não sei... mas olhe. — Thalia apontou para o outro lado da rua. — Desta vez ela não desapareceu. Devemos estar perto do lugar para onde ela está nos levando.

Thalia tinha razão. A cabra estava ali, a menos de cem metros de nós, pastando tranquilamente na base do monumento.

Não sou especialista em animais de fazenda, mas Amalteia parecia mesmo estranha, agora que estávamos perto o bastante para observá-la. Tinha chifres espiralados como os de um carneiro, mas suas tetas eram inchadas como as de uma fêmea. E o pelo cinza e longo estava... brilhando? Raios de luz pareciam sair de seu

corpo como uma nuvem de néon, fazendo o animal parecer desfocado e fantasmagórico.

Alguns carros passavam pela rotatória, mas ninguém parecia notar a cabra radioativa. Isso não me surpreendeu. Há uma espécie de camuflagem mágica que impede que os mortais vejam a verdadeira aparência de monstros e deuses. Nós não sabemos ao certo qual é o nome dessa força ou como ela funciona, mas é bem poderosa. Os mortais provavelmente viam a cabra como um simples cachorro vira-lata, ou talvez nem conseguissem enxergá-la.

Thalia me segurou pelo pulso.

— Venha. Vamos tentar falar com ela.

— Primeiro nos escondemos da cabra — disse. — Agora você quer falar com ela?

Thalia me puxou de trás das roseiras e me arrastou para o outro lado da rua. Eu não protestei. Quando ela mete uma ideia na cabeça, a única coisa a fazer é aceitar. Ela sempre faz tudo do jeito dela.

Além do mais, eu não podia deixá-la ir sem mim. Thalia salvou minha vida um monte de vezes. É minha única amiga. Antes de nos encontrarmos, eu havia viajado durante anos sozinho, infeliz e solitário. De vez em quando fazia amizade com mortais, mas sempre que contava a verdade sobre mim, eles não entendiam. Eu dizia que era filho de Hermes, o mensageiro imortal com as sandálias aladas. Explicava que monstros e deuses gregos eram reais e viviam no mundo moderno. Meus amigos mortais diziam: "Que legal! Eu queria ser um semideus!", como se fosse uma espécie de jogo. Eu sempre acabava indo embora.

Mas Thalia entendia. Ela era como eu. Agora que eu a encontrara, estava determinado a continuar com ela. Se a garota queria seguir uma cabra mágica brilhante, então era o que faríamos, mesmo que eu tivesse um mau pressentimento sobre isso.

Nós nos aproximamos da estátua. A cabra não nos deu atenção, mastigou um bocado de grama e depois bateu os chifres na base de mármore do monumento. Em uma placa de bronze estava inscrito *Robert E. Lee*. Eu não sabia muito de história, mas tinha quase certeza de que Lee era um general que havia perdido uma guerra. Não me pareceu um bom presságio.

Thalia ajoelhou-se ao lado da cabra.

— Amalteia?

O animal se virou. Tinha olhos tristes cor de âmbar e uma coleira de bronze no pescoço. Uma luz branca e indistinta o cercava como uma névoa, mas o que realmente chamou minha atenção foram as tetas. Cada uma era marcada com letras gregas, como tatuagens. Eu sabia ler um pouco de grego antigo — uma habilidade natural para os semideuses, acho. As inscrições nas tetas eram: *Néctar*, *Leite*, *Água*, *Refrigerante*, *Refrigerante diet* e *Puxe aqui para gelo.* Ou talvez eu tenha lido errado. Espero que sim.

Thalia olhou nos olhos da cabra.

— Amalteia, o que você quer que eu faça? Meu pai a mandou?

A cabra olhou de esguelha para mim. Ela parecia um pouco irritada, como se eu estivesse me metendo em uma conversa particular.

Dei um passo para trás, resistindo ao impulso de pegar minha arma. Ah, a propósito, minha arma era um taco de golfe. Pode rir à vontade. Antes eu tinha uma espada feita de bronze celestial, que é letal para os monstros, mas a espada fora corroída por ácido (uma longa história). Agora tudo que eu possuía era um taco de ferro que carregava nas costas. Não é exatamente épico. Se a cabra decidisse nos atacar, eu estaria encrencado.

Pigarreei.

— Hã... Thalia, tem certeza de que essa cabra foi enviada pelo seu pai?

— Ela é imortal — respondeu ela. — Quando Zeus era um bebê, Reia, a mãe dele, o escondeu em uma caverna...

— Porque Cronos queria devorá-lo?

Eu havia escutado isso em algum lugar, a história de que o velho rei Titã devorava os próprios filhos.

Thalia assentiu.

— Então essa cabra, Amalteia, cuidou do bebê Zeus em seu berço. Ela o amamentou.

— Com refrigerante diet? — perguntei.

Ela franziu a testa.

— O quê?

— Leia as tetas. A cabra tem cinco sabores, além de um dispenser de gelo.

— Béééééé — bradou Amalteia.

Thalia afagou a cabeça do animal.

— Tudo bem, tudo bem. Ele não teve a intenção de ofender você. Por que nos trouxe aqui, Amalteia? Aonde quer que eu vá?

A cabra bateu a cabeça na base do monumento. Do topo, veio o som de metal rangendo. Ergui os olhos e vi o general Lee de bronze mover o braço direito.

Quase me escondi atrás da cabra. Thalia e eu já havíamos lutado contra várias estátuas móveis antes. Elas são chamadas de autômatos e são sinônimos de problemas. Eu não desejava enfrentar Robert E. Lee com um taco de golfe.

Felizmente, a estátua não atacou. Apenas apontou para o outro lado da rua.

Olhei para Thalia sem esconder o nervosismo.

— O que foi isso?

Ela indicou com a cabeça a direção apontada pela estátua.

Do outro lado da rua que circundava o parque havia uma mansão de tijolos vermelhos coberta de hera. Nas laterais, grandes carvalhos tinham várias trepadeiras penduradas nos galhos. As janelas da casa estavam fechadas e as luzes, desligadas. Colunas brancas e descascadas ladeavam a varanda. A porta era preta como carvão. Mesmo em uma manhã brilhante e ensolarada, o lugar parecia sombrio e sinistro — como uma mansão assombrada em *E o vento levou*.

Minha boca ficou seca.

— A cabra quer que a gente entre *ali*?

— Béééé.

Amalteia inclinou ligeiramente a cabeça, como se assentisse. Thalia tocou os chifres espiralados da cabra.

— Obrigada, Amalteia. Eu... confio em você.

Eu não sabia por que, considerando que Thalia parecia estar com muito medo.

A cabra me incomodava, e não só porque distribuía refrigerante por aí. Alguma coisa martelava em minha mente. Lembrei de já ter ouvido outra história sobre a cabra de Zeus, alguma coisa sobre aquele pelo brilhante...

De repente a névoa ficou mais densa e se expandiu em torno de Amalteia. Algo parecido com uma pequena nuvem de tempestade a envolveu. Houve um clarão de relâmpago. Quando a névoa se dissipou, a cabra havia desaparecido.

Eu nem tive a chance de testar o dispenser de gelo.

Olhei para a construção em ruínas. Em ambos os lados da casa, as árvores cobertas de musgo pareciam garras esperando para nos pegar.

— Tem certeza? — perguntei a Thalia.

Ela se voltou para mim.

— Amalteia me leva a coisas boas. Na última vez que apareceu, ela me levou até você.

O elogio me aqueceu como uma caneca de chocolate quente. Fico bobo com essas coisas. Thalia só precisa piscar aqueles olhos azuis, me dizer uma palavra gentil, que consegue me convencer a fazer praticamente qualquer coisa. Mas eu não podia deixar de me perguntar: em Charleston, a cabra a levara para *mim* ou para a caverna do dragão?

Eu respirei fundo.

— Tudo bem. Mansão sinistra, aí vamos nós.

* * *

A aldrava de bronze na porta era uma reprodução do rosto da Medusa, o que não era um bom sinal. As tábuas do piso da varanda estalavam sob nossos pés. As persianas das janelas caíam aos pedaços, mas o vidro estava sujo e havia cortinas escuras do lado de dentro, de forma que era impossível ver o interior.

Thalia bateu na porta.

Ninguém respondeu.

Ela girou a maçaneta, mas a porta parecia estar trancada. Minha esperança era de que ela desistisse. Em vez disso, olhou-me cheia de expectativa.

— Pode dar um jeito aqui?

Rangi os dentes.

— Odeio fazer isso.

Apesar de nunca ter conhecido meu pai e não querer conhecê-lo, herdei alguns de seus talentos. Além de ser o mensageiro dos deuses, Hermes é o deus dos mercadores — o que explica por que sou bom com dinheiro — e dos viajantes, o que explica por que aquele canalha divino abandonou minha mãe e nunca mais voltou. Ele também é o deus dos ladrões. Já roubou coisas como... Ah, gado de Apolo, mulheres, boas ideias, carteiras, a sanidade da minha mãe e minha chance de ter uma vida normal.

Desculpe, isso foi mordaz demais?

Enfim, por causa dos roubos divinos de meu pai, tenho algumas habilidades que não gosto de espalhar por aí.

Pus a mão no trinco da porta. Concentrei-me, sentindo o mecanismo interno que controlava o ferrolho. Com um estalo, o trinco deslizou para trás. A fechadura da maçaneta foi ainda mais fácil. Dei uma batidinha nela, girei-a, e a porta se abriu.

— Isso é muito legal — murmurou Thalia, mesmo depois de ter me visto fazer a mesma coisa uma dezena de vezes.

O interior da casa tinha um cheiro azedo e maligno, como o hálito de um moribundo. Thalia entrou assim mesmo. Eu não tinha escolha a não ser segui-la.

Nós nos deparamos com um antigo salão de baile. No alto, um lustre enorme brilhava com pingentes de bronze celestial — pontas de flecha, pedaços de armadura, punhos de espada quebrada —, tudo isso projetava uma luminosidade pálida e amarelada pelo salão. Dois corredores se estendiam à direita e à esquerda, e havia uma escada na parede do fundo. Cortinas pesadas cobriam as janelas.

O lugar podia ter sido impressionante no passado, mas agora estava destruído. As placas de mármore pretas e brancas do piso estavam sujas de barro e cobertas de manchas secas de alguma coisa que eu esperava que fosse apenas ketchup. Em um canto, um sofá fora destruído, as molas pulando para fora. Várias cadeiras de mogno haviam sido destruídas até virarem gravetos. No pé da escada havia uma pilha de latas, trapos e ossos — ossos que pareciam humanos.

Thalia tirou sua arma da cintura. O cilindro de metal parecia uma lata de spray paralisante, mas, quando ela o sacudia, ele se expandia até se tornar uma imensa lança com ponta de bronze celestial. Segurei meu taco de golfe, que não era nem de perto tão legal.

— Talvez isso não seja uma boa... — comecei a dizer.

A porta se fechou atrás de nós com um estrondo.

Corri até ela, agarrei a maçaneta e puxei. Nada. Pus minha mão sobre a fechadura e tentei destrancá-la. Dessa vez nada aconteceu.

— É algum tipo de magia — falei. — Estamos presos.

Thalia dirigiu-se rapidamente à janela mais próxima. Tentou afastar as cortinas, mas o pesado tecido preto envolveu suas mãos.

— Luke! — gritou.

As cortinas derreteram e se transformaram em uma espécie de lodo oleoso que parecia imensas línguas pretas. Elas se espalharam por seus braços e cobriram a lança. Tive a sensação de que meu coração ia sair pela boca, mas corri até Thalia e bati nas cortinas com meu taco de golfe.

O lodo estremeceu e voltou à forma de tecido por tempo suficiente para eu libertar Thalia. A lança caiu no chão.

Eu a puxei para trás quando as cortinas voltaram à forma líquida e tentaram envolvê-la. Os tentáculos chicoteavam no ar. Felizmente, pareciam estar presos aos trilhos das cortinas. Depois de mais algumas tentativas frustradas de nos alcançar, a substância lodosa parou de se mover e voltou a ser apenas uma cortina.

Thalia tremia em meus braços. Sua lança estava caída perto de nós, fumegando como se houvesse sido mergulhada em ácido.

Ela levantou as mãos. Estavam fumegando também, e havia muitas bolhas. Seu rosto empalideceu, ela parecia estar entrando em choque.

— Aguenta firme! — Eu a deitei no chão e revirei minha mochila. — Aguenta firme, Thalia. Vai ficar tudo bem.

Finalmente encontrei meu estoque de néctar. A bebida dos deuses podia curar feridas, mas o cantil estava quase vazio. Despejei o que havia nele sobre as mãos de Thalia. O vapor se dissipou. As bolhas desapareceram.

— Você vai ficar bem — disse. — Descanse.

— Nós... nós não podemos... — Sua voz estava trêmula, mas ela conseguiu se levantar. Em pé, olhou para as cortinas com uma mistura de medo e náusea. — Se todas as janelas são assim, e a porta está trancada...

— Vamos encontrar outra saída — prometi.

Aquele não era um bom momento para lembrá-la de que não estaríamos *ali* se não fosse pela cabra estúpida.

Considerei nossas opções: uma escada ou dois corredores escuros. Olhei para o corredor à esquerda. Consegui distinguir um par de luzinhas vermelhas brilhando perto do chão. Luzes noturnas, talvez?

As luzes se moveram. Subiam e desciam, ficando cada vez mais brilhantes e próximas. Um rosnado fez os cabelos da minha nuca se arrepiarem.

Thalia soltou um murmúrio estrangulado.

— Hum, Luke...

Ela apontou para o outro corredor. Outro par de olhos vermelhos e brilhantes nos espiava, escondido nas sombras. De ambos os corredores ouvimos um *clac, clac, clac*, como se alguém estivesse tocando castanholas de marfim.

— A escada parece uma ótima opção — decidi.

Como que em resposta, uma voz masculina soou de algum lugar lá em cima:

— Sim, por aqui.

A voz era carregada de tristeza, como se desse instruções para um funeral.

— Quem é você? — gritei.

— Depressa — chamou a voz, que não soava nada animada.

À minha direita, a mesma voz ecoou:

— Depressa.

Clac, clac, clac.

Olhei novamente naquela direção sem acreditar. A voz parecia ter vindo da coisa no corredor — a coisa com os brilhantes olhos vermelhos. Mas como ela podia vir de dois lugares diferentes?

Então a mesma voz surgiu do corredor à esquerda:

— Depressa.

Clac, clac, clac.

Eu já havia enfrentado coisas bem assustadoras antes — cachorros que cospem fogo, escorpiões das profundezas, dragões — sem mencionar um par de cortinas pretas melequentas que tentaram nos devorar. Mas alguma coisa naquelas vozes ecoando à minha volta, nos olhos brilhantes avançando de ambos os lados e os estranhos estalos faziam eu me sentir como um cervo cercado por lobos. Todos os músculos de meu corpo estavam tensos. Meus instintos ordenavam: *Corra.*

Segurei a mão de Thalia e corri para a escada.

— Luke...

— Vamos!

— Se for outra armadilha...

— Não temos escolha!

Subi a escada arrastando Thalia. Eu sabia que ela estava certa. Podíamos estar correndo diretamente para a morte, mas também sabia que tínhamos que escapar daquelas criaturas lá embaixo.

Tive medo de olhar para trás, mas podia ouvir os monstros se aproximando — rosnando como gatos selvagens, andando pesadamente pelo piso de mármore com um som que lembrava o de cascos de cavalo. O que *eram* aquelas coisas, por Hades?

Depois de chegarmos ao alto da escada, continuamos por outro corredor. O fogo tremulante das tochas fixadas nas paredes criava a impressão de que as portas estavam dançando. Pulei uma pilha de ossos, chutando um crânio humano sem querer.

Em algum lugar adiante, a voz falou:

— Por aqui! — Então soava mais urgente que antes. — A última porta à esquerda. Depressa!

Atrás de nós, as criaturas repetiram suas palavras.

— Esquerda! Depressa!

Talvez elas estivessem apenas imitando a voz como papagaios. Ou talvez a voz que ouvíamos à frente também pertencesse a um monstro. Porém, alguma coisa em seu tom soava real. Parecia a voz de um homem sozinho e infeliz, como um refém.

— Temos que ajudá-lo — anunciou Thalia, como se lesse meus pensamentos.

— Sim — concordei.

Seguimos em frente. O corredor foi ficando cada vez mais deteriorado — o papel de parede parecia descamar como a casca de uma árvore, os suportes para tochas caindo aos pedaços. O carpete estava rasgado e coberto de ossos. Uma luz escapava sob a fresta da última porta à esquerda.

Atrás de nós, o som de cascos ficou mais alto.

Chegamos à porta e eu me lancei contra ela, mas ela se abriu sozinha. Thalia e eu caímos de cara no carpete.

A porta bateu.

Do lado de fora, as criaturas rosnavam, frustradas, e arranhavam as paredes.

— Olá — disse a voz masculina, agora muito mais próxima. — Sinto muito.

Minha cabeça rodava. Pensei tê-lo ouvido à minha esquerda, mas quando levantei a cabeça ele estava em pé bem na nossa frente.

O homem usava botas de couro de cobra e um terno com estampa verde e marrom que provavelmente era feito do mesmo material. Era alto e magro, com cabelos grisalhos e espetados, quase tão revoltos quanto os de Thalia. Parecia um Einstein muito velho, doente e bem vestido.

Seus ombros estavam caídos. Havia bolsas sob seus olhos verdes e tristes. Ele podia ter sido bonito no passado, mas a pele do rosto pendia, flácida, como se ele tivesse murchado.

Seu quarto parecia um apartamento conjugado. Diferente do restante da casa, o espaço estava conservado. Encostada à parede dos fundos havia uma bicama, uma mesa com computador e uma janela com cortinas escuras como as do andar de baixo. Na parede à direita havia uma estante de livros, uma cozinha pequena e duas portas — uma para o banheiro, a outra para um grande closet.

— Hãã̃ã, Luke... — disse Thalia.

Ela apontou para a esquerda.

Meu coração quase pulou do peito.

O lado esquerdo do quarto tinha uma grade de ferro, como uma cela de prisão. Do outro lado estava a atração de zoológico mais assustadora que eu já vi. O chão de cascalho era coberto de ossos e partes de armaduras e, andando de um lado o outro, havia um monstro com corpo de leão e pelo vermelho-ferrugem. No lugar das patas ele tinha cascos como os de um cavalo, e a cauda estalava como um chicote. A cabeça era uma mistura de cavalo e lobo, com orelhas pontudas e focinho alongado, e os lábios negros pareciam perturbadoramente humanos.

O monstro rosnou. Por um segundo pensei que ele estivesse usando um daqueles protetores de dentes que os boxeadores usam. Em vez de dentes, ele tinha duas sólidas placas de osso em forma de ferradura. Quando o monstro fechava a boca, as placas faziam o barulho estridente que eu ouvira lá embaixo. *Clac, clac, clac*.

O monstro cravou seus olhos vermelhos em mim. Pingava saliva das estranhas placas ósseas. Eu queria correr, mas não havia para onde ir. Ainda podia ouvir as outras criaturas — mais duas, pelo menos — rosnando no corredor.

Thalia me ajudou a levantar. Agarrei a mão dela e encarei o velho.

— Quem é você? — perguntei. — O que é aquela coisa na jaula?

O homem fez uma careta. Sua expressão demonstrava tanta infelicidade que pensei que ele estivesse prestes a chorar. Abriu a boca, mas, quando falou, as palavras não vinham dele.

Como em uma terrível apresentação de ventríloquo, o monstro falava no lugar do velho, com a voz dele:

— Sou Halcyon Green. Sinto muito, mas *vocês* estão na jaula. Foram atraídos até aqui para morrer.

* * *

Havíamos deixado a lança de Thalia lá embaixo, por isso tínhamos apenas uma arma — meu taco de golfe. Eu o brandi na direção do velho, mas ele não fez qualquer movimento ameaçador. Parecia tão pesaroso e deprimido que não fui capaz de agredi-lo.

— É... melhor se ex... explicar — gaguejei. — Por que... como... o que...?

Como pode ver, sou bom com as palavras.

Atrás das grades, o monstro estalou o maxilar ósseo.

— Entendo sua confusão — disse ele com a voz do velho. O tom simpático não combinava com o brilho homicida em seus olhos. — A criatura que você vê aqui é um leucrota. Ele tem talento para imitar vozes humanas. É assim que atrai a presa.

Meu olhar foi do homem para o monstro, do monstro para o homem.

— Mas... a voz é sua? Quer dizer, do cara no terno de pele de cobra... Estou ouvindo o que *ele* quer dizer?

— Isso mesmo. — O leucrota suspirou profundamente. — Sou, como você diz, o cara no terno de pele de cobra. Essa é minha maldição. Meu nome é Halcyon Green, filho de Apolo.

Thalia cambaleou para trás.

— Você é um *semideus*? Mas é tão...

— Velho? — completou o leucrota. O homem, Halcyon Green, analisou as mãos manchadas como se não conseguisse acreditar que eram dele. — Sim, eu sou.

Eu entendia a surpresa de Thalia. Conhecemos alguns outros semideuses em nossas viagens — alguns simpáticos, outros nem tanto —, mas todos eram jovens como nós. Nossa vida era tão perigosa que eu e Thalia deduzimos ser improvável que um semideus sobrevivesse até a vida adulta. Mas Halcyon Green era *velho*, com uns sessenta anos, pelo menos.

— Há quanto tempo está aqui? — perguntei.

Halcyon deu de ombros, desanimado, e o monstro falou por ele.

— Perdi a conta. Décadas? Meu pai é o deus dos oráculos, por isso nasci com a maldição de ver o futuro. Apolo me preveniu para ficar quieto. Ele me disse que eu nunca deveria divulgar minhas visões, porque isso enfureceria os deuses. Mas há muitos anos... eu simplesmente tive que falar. Conheci uma garota que estava fadada a morrer em um acidente. Salvei a vida dela revelando seu futuro.

Eu tentava me concentrar no homem, mas era difícil não olhar para a boca do monstro — para os lábios negros, os maxilares ossudos.

— Não entendo... — Fiz um esforço para encarar Halcyon. — Você fez uma boa ação. Por que os deuses ficariam furiosos com isso?

— Eles não gostam que mortais interfiram no destino — disse o leucrota. — Meu pai me amaldiçoou. Ele me obrigou a usar estas roupas, feitas com a pele de píton que no passado guardou o Oráculo de Delfos, como um lembrete de que eu

não era um oráculo. Ele me tirou a voz e me trancou nesta mansão, na casa onde passei minha infância. Depois os deuses enviaram os leucrotas para me vigiar. Normalmente o leucrota só imita a fala humana, mas esses estão ligados aos meus pensamentos. Eles falam por mim e me mantêm vivo como uma isca para atrair outros semideuses. É uma forma de Apolo me lembrar eternamente que minha voz só conduziria outras pessoas à ruína.

Um ardente gosto de cobre invadiu minha boca. Eu já sabia que os deuses podiam ser cruéis. O pilantra do meu pai havia me ignorado por quatorze anos. Mas a maldição de Halcyon Green era simplesmente *terrível*. Era maldosa.

— Você devia reagir — falei. — Não merecia isso. Lute. Mate os monstros. Nós o ajudaremos.

— Ele tem razão — concordou Thalia. — A propósito, esse é Luke. Eu sou Thalia. Já lutamos contra muitos monstros. Deve haver alguma coisa que possamos fazer, Halcyon.

— Pode me chamar de Hal — disse o leucrota. O velho balançou a cabeça com ar derrotado. — Mas vocês não entendem. Não são os primeiros a vir aqui. Receio que todos os semideuses que chegam até aqui acreditam que há esperanças. Às vezes tento ajudá-los. Nunca dá certo. As janelas são guardadas por cortinas mortais...

— Eu percebi — resmungou Thalia.

— ... E a porta é enfeitiçada. Permite a entrada, mas não a saída.

— É o que vamos ver.

Virei-me e toquei a fechadura. Concentrei-me até sentir o suor escorrendo pelo pescoço, mas nada aconteceu. Meus poderes eram inúteis.

— Eu disse — falou o leucrota com amargura. — Nenhum de nós pode sair. Lutar contra os monstros é inútil. Eles não são feridos por qualquer metal conhecido pelos homens ou pelos deuses.

Para provar o que dizia, o velho afastou um dos lados do paletó de couro de cobra, mostrando a adaga que levava presa à cintura. Ele empunhou a lâmina aparentemente letal feita de bronze celestial e se aproximou da jaula do monstro.

O leucrota rosnou para ele. Hal arremessou a adaga por entre as barras da grade, na direção da cabeça do monstro. Normalmente, o bronze celestial desintegraria um monstro ao primeiro contato. A lâmina simplesmente deslizou pelo focinho do leucrota sem deixar marcas. Ele bateu com os cascos na grade, e Hal recuou.

— Está vendo? — falou o monstro no lugar de Hal.

— Então você desiste? — perguntou Thalia. — Ajuda os monstros a nos atrair e espera enquanto eles nos matam?

O velho guardou a adaga.

— Lamento, minha cara, mas não tenho escolha. Também estou preso aqui. Se eu não cooperar, os monstros me deixam morrer de fome. Eles poderiam ter matado vocês no instante em que entraram na casa, mas me usaram para atraí-los até o andar superior. Permitem que eu desfrute da companhia de vocês por um tempo. Isso ameniza minha solidão. E depois... bem, os monstros gostam de comer ao pôr do sol. Hoje, o sol vai se pôr às sete e três. — Ele apontou para um relógio digital sobre a mesa; o mostrador indicava dez e trinta e quatro da manhã. — Depois que vocês se forem, eu... eu sobrevivo das rações que encontro nas suas coisas.

O velho olhou de relance, faminto, para minha mochila, e um arrepio percorreu minhas costas.

— Você é tão mau quanto os monstros — falei.

O velho se encolheu. Eu não me importava muito com a ideia de ferir seus sentimentos. Em minha mochila havia duas barras de chocolate, um sanduíche de presunto, um cantil de água e uma garrafa vazia de néctar. Não queria ser morto por isso.

— Tem razão de me odiar — falou o leucrota com a voz de Hal —, mas não posso salvá-los. Ao pôr do sol aquela grade será erguida. Os monstros arrastarão vocês para a jaula e os matarão. Não há como escapar.

Na jaula do monstro, um painel quadrado na parede do fundo se abriu. Eu nem havia notado o painel antes, mas devia ser uma abertura para outro cômodo. Mais dois leucrotas entraram na jaula. Os três cravaram em mim seus olhos vermelhos e brilhantes; as bocas com as placas ósseas em vez de dentes mordiam o ar, ansiosas.

Eu tentei imaginar como os monstros conseguiam comer com aquela boca tão estranha. Como que respondendo à minha pergunta, um leucrota abocanhou um pedaço de uma velha armadura. O peitoral de bronze celestial parecia ser grosso o bastante para impedir uma perfuração por lança, mas o leucrota o mordeu com força, deixando uma marca em forma de ferradura no metal.

— Como você vê — disse outro leucrota com a voz de Hal —, os monstros são muito fortes.

Minhas pernas pareciam espaguete que passou do ponto. Os dedos de Thalia afundaram em meu braço.

— Mande-os embora — pediu ela. — Hal, pode fazê-los ir embora?

O velho franziu a testa.

— Se eu mandá-los embora, não vamos conseguir conversar — disse o primeiro monstro.

— Além do mais, qualquer estratégia de fuga que esteja passando pela cabeça de vocês já foi tentada por outras pessoas — continuou o segundo monstro com a mesma voz.

— Conversas particulares são inúteis — manifestou-se o terceiro monstro.

Thalia andava de um lado para o outro, tão inquieta quanto os monstros.

— Eles sabem do que estamos falando? Quer dizer, apenas reproduzem a fala ou eles entendem o significado das palavras?

O primeiro leucrota ganiu alto. Depois imitou a voz de Thalia:

— Eles entendem o significado das palavras?

Meu estômago revirou. O monstro havia imitado Thalia perfeitamente. Se eu ouvisse aquela voz na escuridão pedindo ajuda, teria corrido em sua direção.

— As criaturas têm uma inteligência parecida com a dos cachorros — explicou o segundo monstro, falando no lugar de Hal. — Compreendem emoções e algumas frases simples. Conseguem atrair a presa gritando coisas como "socorro", mas não sei ao certo o quanto do discurso humano eles são capazes de entender. E não importa. Não se pode enganá-los.

— Mande-os embora — falei. — Você tem um computador. Digite o que quer dizer. Se vamos morrer ao pôr do sol, não quero essas coisas olhando para mim o dia inteiro.

Hal hesitou. Depois olhou para os monstros e os encarou em silêncio. Após alguns momentos, os leucrotas rosnaram. Eles saíram da jaula silenciosamente, e a passagem ao fundo se fechou atrás deles.

Hal olhou para mim e abriu os braços como se pedisse desculpas, ou fizesse uma pergunta.

— Luke, você tem um plano?

Thalia parecia ansiosa.

— Ainda não — admiti. — Mas é melhor pensarmos em um até o pôr do sol.

* * *

Era uma sensação estranha, a de esperar a morte. Normalmente, quando Thalia e eu lutávamos contra monstros, tínhamos cerca de dois segundos para pensar em um plano. A ameaça era imediata. Viver ou morrer instantaneamente. Agora passaríamos o dia todo trancados em um quarto sem nada para fazer, sabendo que ao pôr do sol aquela grade seria erguida e nós seríamos devorados e mortos, destroçados por monstros que não podiam ser destruídos por arma alguma. Depois, Halcyon Green comeria minhas barras de chocolate.

O suspense era quase pior que o ataque.

Em parte, eu me sentia tentado a atacar o homem com meu taco de golfe e dá-lo de comer às cortinas. Assim, ele não ajudaria mais os monstros a atrair outros semideuses para a morte. Mas eu não era capaz de fazer isso. Hal era frágil e patético demais. Além do mais, ele não tinha culpa de sua maldição. Estava preso naquele quarto há décadas; era forçado a depender dos monstros para falar e sobreviver, a presenciar a morte de outros semideuses, tudo porque salvara a vida de uma garota. Que tipo de justiça era aquela?

Eu ainda estava zangado com Hal por ter nos atraído até ali, mas entendia por que ele havia perdido a esperança depois de tantos anos. Se alguém merecia levar uma tacada de golfe na cabeça, esse alguém era Apolo — e *todos* os outros pais pilantras que faziam parte do Olimpo.

Fizemos o inventário do que havia na prisão de Hal. As estantes eram repletas de livros, de história antiga a thrillers.

Pode ler o que quiser, Hal digitou em seu computador. *Só não leia meu diário, por favor. É pessoal.*

Ele pousou a mão em um velho caderno com capa de couro verde ao lado do teclado, como se estivesse protegendo-o.

— Tudo bem — respondi. Duvidava que um daqueles livros pudesse nos ajudar, e não acreditava que Hal tivesse registrado qualquer coisa interessante em um diário depois de passar a maior parte da vida trancado naquele quarto.

Ele nos mostrou o navegador de internet do computador. Muito bom. Podíamos pedir pizza e ver os monstros devorarem o entregador. Não era muito útil. Mandar um e-mail para alguém pedindo socorro talvez fosse uma opção, mas não havia ninguém com quem pudéssemos entrar em contato, e eu nunca tinha usado e-mail. Thalia e eu nem tínhamos celulares. Havíamos descoberto da maneira mais difícil

que, quando um semideus usa tecnologia, atrai monstros como sangue atrai tubarões.

Fomos ao banheiro. Estava limpo, considerando o tempo em que Hal vivia ali. Havia duas mudas de roupa de couro de cobra, aparentemente lavadas à mão, penduradas no cano que sustentava a cortina sobre a banheira. O armário do banheiro estava cheio de suprimentos roubados de outros prisioneiros — produtos de higiene pessoal, remédios, creme dental, material de primeiros socorros, ambrosia e néctar. Tentei não pensar na origem de tudo aquilo enquanto procurava em vão alguma coisa com que pudesse derrotar os leucrotas.

Thalia bateu uma gaveta com frustração.

— Não entendo! Por que Amalteia me trouxe até aqui? Os outros semideuses vieram por causa da cabra?

Hal franziu a testa. Ele fez um gesto para que o acompanhássemos até o computador. Debruçado sobre o teclado, digitou: *Que cabra?*

Eu não via motivo para guardar segredo. Contei a ele nossa perseguição à cabra brilhante de Zeus e suas tetas fornecedoras de refrigerante até Richmond, e como ela nos direcionara para aquela casa.

Hal parecia confuso. Ele digitou: *Já ouvi falar em Amalteia, mas não sei por que ela os traria até aqui. Os outros semideuses foram atraídos à mansão por causa do tesouro. Presumi que houvesse acontecido o mesmo com vocês.*

— Tesouro? — perguntou Thalia.

Hal se levantou e nos mostrou seu closet. Era um espaço cheio de suprimentos recolhidos de semideuses desafortunados — casacos pequenos demais para ele, algumas tochas velhas de madeira, partes amassadas de armaduras e algumas espadas de bronze celestial retorcidas e quebradas. Que desperdício! Eu precisava de outra espada.

Hal reorganizou caixas de livros, sapatos, algumas barras de ouro e uma pequena cesta cheia de diamantes nos quais não parecia interessado. Ele desenterrou um cofre de metal de aproximadamente meio metro quadrado e fez um gesto na direção dele, como se dissesse: *Tã dãã!*

— Pode abri-lo? — perguntei.

Hal balançou a cabeça, negando.

— Sabe o que tem nele? — indagou Thalia.

Mais uma vez, ele balançou a cabeça.

— Tem uma armadilha — deduzi.

Hal assentiu, enfático, e passou um dedo pelo pescoço.

Ajoelhei-me ao lado do cofre. Não toquei nele, mas mantive as mãos próximas da fechadura. Meus dedos formigavam com o calor, como se a caixa fosse um forno aceso. Concentrei-me até sentir os mecanismos internos. Não gostei do que encontrei.

— Isso aqui não é boa coisa — resmunguei. — Seja lá o que for, deve ser importante.

Thalia ajoelhou-se a meu lado.

— Luke, é por isso que estamos aqui. — A voz dela soou animada. — Zeus queria que eu encontrasse isso.

Olhei para ela com ceticismo. Não sabia como ela podia ter tanta confiança no pai. Zeus não a tratara melhor do que Hermes havia me tratado. Além do mais, muitos semideuses haviam sido levados até ali, e todos estavam mortos.

Mesmo assim, ela mantinha aqueles intensos olhos azuis cravados em mim, e eu sabia que, mais uma vez, Thalia faria as coisas do seu jeito.

Suspirei.

— Vai me pedir para abrir o cofre, não vai?

— Você consegue?

Mordi o lábio. Na próxima vez que me aliasse a alguém, escolheria uma pessoa de quem eu não gostasse muito. Eu simplesmente não conseguia dizer não a Thalia.

— Outras pessoas já tentaram abrir isso antes — avisei. — Tem uma maldição no puxador. Acho que quem tocar nele vai pegar fogo e virar uma pilha de cinzas.

Olhei para Hal. O rosto dele tornou-se ainda mais triste, tão cinzento quanto seu cabelo grisalho. Interpretei a reação como uma confirmação.

— Você consegue contornar a maldição? — perguntou-me Thalia.

— Acho que sim — respondi. — Mas é com a segunda armadilha que estou preocupado.

— Segunda armadilha? — indagou ela.

— Ninguém conseguiu acionar a combinação — expliquei. — Sei disso porque há uma lata de veneno pronta para liberar seu conteúdo assim que alguém chegar ao terceiro número. E a lata nunca foi ativada.

A julgar pelos olhos arregalados de Hal, isso era novidade para ele.

— Posso tentar desarmá-la — continuei —, mas, se eu errar, o apartamento inteiro vai ficar cheio de gás. Vamos morrer.

Thalia engoliu em seco.

— Confio em você. Apenas... não erre.

Olhei para o velho.

— Talvez você possa se esconder na banheira. Tente cobrir o rosto com algumas toalhas molhadas. Isso deve protegê-lo.

Hal se moveu com desconforto. O couro de cobra do terno ondulava como se ainda estivesse vivo, tentando engolir alguma coisa desagradável. As emoções se sucediam no rosto dele — medo, dúvida, mas, principalmente, vergonha. Acho que ele não suportava a ideia de se encolher em uma banheira enquanto dois adolescentes arriscavam a vida. Ou talvez ainda restasse nele um pouco do espírito de um semideus, afinal. Ele fez um sinal na direção do cofre indicando que o garoto seguisse em frente.

Toquei no fecho da combinação. Concentrei-me tanto que parecia que estava levantando um haltere de duzentos e vinte quilos. Minha pulsação acelerou. Um fio de suor escorria pelo nariz. Finalmente, senti o mecanismo se movendo. O metal rangia, as engrenagens estalavam e a tranca se soltou. Evitando cuidadosamente a maçaneta, abri a porta do cofre com a ponta dos dedos e peguei um recipiente intacto contendo um líquido verde.

Hal expirou.

Thalia beijou meu rosto, o que, provavelmente, ela não devia ter feito enquanto eu estivesse segurando um frasco de veneno mortal.

— Você é *muito* bom — disse ela.

Isso compensava o risco? Sim, muito.

Olhei o interior do cofre, e parte do meu entusiasmo desapareceu.

— É *isso*?

Thalia tirou um bracelete do cofre.

Não parecia ser grande coisa, só uma corrente de elos de prata polida.

Thalia o pôs no pulso. Nada aconteceu.

Ela franziu a testa.

— Devia *fazer* alguma coisa. Se Zeus me mandou aqui...

Hal bateu palmas para chamar nossa atenção. De repente os olhos dele pareciam quase tão loucos quanto seus cabelos. Ele gesticulava freneticamente, mas eu não

tinha ideia do que o velho estava tentando dizer. Finalmente, ele bateu a bota de couro de cobra no chão em uma reação frustrada e nos levou de volta à sala.

O velho sentou-se diante do computador e começou a digitar. Olhei para o relógio em cima da mesa. Talvez o tempo passasse mais depressa naquela casa, ou simplesmente voasse quando se está esperando para morrer, mas o fato é que já passava do meio-dia. Metade do dia já havia acabado.

Hal nos mostrou o pequeno testamento que acabara de escrever: *Vocês são demais! Conseguiram mesmo pegar o tesouro! Não acredito! Aquele cofre foi lacrado antes de eu nascer! Apolo me disse que minha maldição terminaria quando o dono do tesouro o pegasse! Se vocês são os donos...*

Havia mais, com muitos outros pontos de exclamação, mas, antes que eu conseguisse terminar de ler, Thalia disse:

— Espere aí. Eu nunca vi este bracelete. Como posso ser dona dele? E se sua maldição termina agora, isso significa que os monstros se foram?

Um *clac, clac, clac* no corredor respondeu à pergunta.

Olhei intrigado para Hal.

— Sua voz voltou?

Ele abriu a boca, mas não produziu som algum. Seus ombros murcharam.

— Talvez Apolo tenha tentado dizer que nós o resgataríamos — sugeriu Thalia.

Hal digitou mais uma frase: *Ou talvez eu morra hoje.*

— Obrigado, sr. Empolgação — comentei. — Pensei que *você* pudesse prever o futuro. Não sabe o que vai acontecer?

Hal digitou: *Não posso. É muito perigoso. Vocês estão vendo o que aconteceu comigo na última vez que tentei usar meus poderes.*

— É claro — resmunguei. — Melhor não arriscar. Você vai acabar complicando essa vidinha boa que tem aqui.

Eu sabia que o comentário era cruel. Mas a covardia do velho me irritava. Ele deixou que os deuses o usassem como saco de pancada durante tempo demais. Era hora de revidar, de preferência antes de Thalia e eu nos tornarmos a próxima refeição dos leucrotas.

Hal abaixou a cabeça. Seu peito tremia, e percebi que ele estava chorando em silêncio.

Thalia me olhou irritada.

— Tudo bem, Hal. Não vamos desistir. Este bracelete deve ser a resposta. Deve ter um poder especial.

Hal inspirou trêmulo. Ele se virou para o teclado e digitou: *É prata. Mesmo que o transforme em arma, os monstros não podem ser feridos por metal algum.*

Thalia me encarou com uma súplica silenciosa no olhar, como se dissesse: "Sua vez de ter uma ideia útil."

Estudei a jaula vazia, o painel de metal por onde os monstros haviam saído. Se a porta do quarto não abria por dentro e as janelas eram cobertas por cortinas devoradoras de homens, aquele painel provavelmente era nossa única saída. Não podíamos usar armas de metal. Eu tinha um frasco de veneno, mas, se estivesse certo, todos que estavam ali morreriam quando a substância se dispersasse. Examinei mais uma dezena de ideias, mas rejeitei todas elas.

— Precisamos achar um tipo diferente de arma — decidi. — Hal, preciso do seu computador.

Ele hesitou, mas me cedeu seu lugar.

Olhei para a tela. Para ser franco, não tinha muita experiência com computadores. Como disse, a tecnologia atrai monstros. Mas Hermes *era* o deus da comunicação, das estradas e do comércio. Talvez ele tivesse algum poder sobre a internet. Eu bem que precisava de um Google com um toque divino naquele momento.

— Só dessa vez — murmurei para a tela —, quebre meu galho. Mostre que há um lado positivo em ser seu filho.

— O que, Luke? — perguntou Thalia.

— Nada — eu disse.

Abri o navegador e comecei a digitar. Procurei "leucrotas", esperando descobrir qual era o ponto fraco deles. A internet tinha pouquíssimas informações, exceto que eram animais lendários que atraíam as presas imitando vozes humanas.

Procurei "armas gregas". Encontrei imagens incríveis de espadas, lanças e catapultas, mas com certeza eu não ia conseguir matar monstros com JPEGs de baixa resolução. Digitei uma lista de coisas que tínhamos na sala — tochas, bronze celestial, veneno, barras de chocolate, taco de golfe — esperando que algum tipo de fórmula mágica de um raio mortal para os leucrotas aparecesse do nada. Não tive sorte. Digitei "Ajude-me a matar leucrotas". O resultado mais próximo que encontrei foi *ajude-me a curar leucemia*.

Minha cabeça latejava. Eu não tinha ideia de quanto tempo havia passado pesquisando até olhar para o relógio: quatro da tarde. Seria *possível*?

Enquanto isso, Thalia tentava ativar seu novo bracelete, também sem muita sorte. Ela o torceu, bateu nele, sacudiu-o, botou-o no tornozelo, jogou-o na parede e girou-o sobre a cabeça gritando "Zeus!". Nada aconteceu.

Nós nos entreolhamos, e eu soube que nenhum de nós tinha outra ideia. Pensei no que Hal Green nos dissera. Todos os semideuses chegavam esperançosos. Todos tinham ideias para fugir. Todos fracassaram.

Eu não podia deixar isso acontecer. Thalia e eu havíamos sobrevivido a muitas coisas para desistirmos naquele momento. Mas juro pela minha vida (literalmente) que eu não conseguia pensar em mais nada que pudéssemos tentar.

Hal se aproximou e apontou para o teclado.

— Vá em frente — falei derrotado.

Trocamos de lugar.

O tempo está acabando, ele digitou. *Vou tentar ler o futuro.*

Thalia estranhou.

— Você não disse que era perigoso?

Não importa, Hal digitou. *Luke está certo. Sou um velho covarde, mas Apolo não pode me castigar mais do que já castigou. Talvez eu veja alguma coisa que possa ajudá-los. Thalia, me dê suas mãos.*

Ele a encarou.

Thalia hesitou.

Do lado de fora do apartamento, os leucrotas rosnavam e arranhavam a porta. Pareciam famintos.

Thalia pôs as mãos nas de Halcyon Green. O velho fechou os olhos e concentrou-se, como eu faço quando tenho que lidar com uma fechadura complicada.

Ele se encolheu, depois inspirou, trêmulo. Olhou para Thalia com uma expressão solidária. Então, virou-se para o teclado e hesitou durante um bom tempo antes de começar a digitar.

Você está destinada a sobreviver hoje, escreveu.

— Isso... isso é bom, certo? — perguntou ela. — Por que está tão triste?

Hal olhou para o cursor piscando. E digitou: *Um dia, em breve, você vai se sacrificar para salvar seus amigos. Vejo coisas que são... difíceis de descrever. Anos de solidão. Permanecerá corajosa e serena, viva, mas adormecida. Vai mudar uma vez, e de novo. Seu caminho será triste e solitário. Mas, um dia, você vai encontrar sua família novamente.*

Thalia cerrou os punhos. Fez menção de falar, mas depois saiu andando pela sala. Finalmente, ela bateu com a mão aberta em uma das estantes.

— Isso não faz nenhum *sentido*. Vou me sacrificar, mas vou continuar viva. Mudando, dormindo? Chama isso de futuro? Eu... eu nem *tenho* uma família. Só tenho a minha mãe, e não vou voltar para ela de jeito nenhum.

Hal comprimiu os lábios e digitou: *Sinto muito. Não controlo o que vejo. Mas não me referia a sua mãe.*

Thalia quase esbarrou nas cortinas. Ela se segurou a tempo, mas parecia tonta, como se houvesse acabado de descer de uma montanha-russa.

— Thalia? — chamei, no tom mais gentil possível. — Sabe do que ele está falando?

Ela dirigiu a mim um olhar aflito. Não entendi por que parecia tão abalada. Sabia que ela não gostava de falar sobre sua vida em Los Angeles, mas ela já havia me contado que era filha única, e nunca havia mencionado familiares além da mãe.

— Não é nada — respondeu ela finalmente. — Esqueça. A vidência de Hal está enferrujada.

Eu tinha certeza de que nem mesmo Thalia acreditava nisso.

— Hal — falei —, deve haver mais. Você disse que Thalia vai sobreviver. *Como?* Viu alguma coisa sobre o bracelete? Ou a cabra? Precisamos de *alguma coisa* que possa nos ajudar.

Ele balançou a cabeça com tristeza e digitou: *Não vi nada sobre o bracelete. Sinto muito. Sei um pouco sobre Amalteia, a cabra, mas duvido que seja útil. O leite da cabra alimentou Zeus quando ele era bebê. Mais tarde, Zeus a matou e usou a pele para fazer seu escudo, o Aegis.*

Cocei o queixo. Tinha certeza de que aquela era a história de que eu havia tentado me lembrar mais cedo, sobre a pele da cabra. Parecia importante, embora eu não conseguisse imaginar por quê.

— Então, Zeus matou a própria mamãe cabra. Típico de um deus. Thalia, sabe alguma coisa sobre o escudo?

Ela assentiu, claramente aliviada por mudar de assunto.

— Atena pôs a cabeça da Medusa nele e o cobriu completamente de bronze celestial. Ela e Zeus se revezavam para usá-lo em batalhas. Servia para assustar os inimigos.

Eu não via como a informação podia ajudar. Estava claro que a cabra Amalteia voltara à vida. Isso acontecia muito com monstros mitológicos — com o tempo eles

se refaziam e retornavam do fundo do Tártaro. Mas por que Amalteia nos levara até ali?

Um pensamento ruim me ocorreu. Se Zeus houvesse arrancado *minha* pele, eu definitivamente não teria interesse em ajudá-lo. Na verdade, poderia pensar em me vingar na filha de Zeus. Talvez por isso Amalteia tivesse nos levado à mansão.

Hal Green estendeu as mãos para mim. Sua expressão sombria dizia que era minha vez de saber o futuro.

Uma onda de medo me invadiu. Depois de ouvir o futuro de Thalia, não queria saber o meu. E se ela sobrevivesse, e eu não? E se nós dois sobrevivêssemos, mas Thalia se sacrificasse para me salvar em algum momento, como Hal havia mencionado? Eu não suportaria.

— Não, Luke — disse Thalia amargurada. — Os deuses estão certos. As profecias de Hal não ajudam ninguém.

O homem piscou, os olhos cheios de lágrimas. Suas mãos eram tão frágeis que era difícil acreditar que ele tinha o sangue de um deus imortal. Ele dissera que sua maldição acabaria hoje, de um jeito ou de outro. Previra que Thalia sobreviveria. Se visse alguma coisa em meu futuro que pudesse nos ajudar, eu teria que tentar.

Pus minhas mãos entre as dele.

Hal respirou fundo e fechou os olhos. Seu paletó de couro de cobra reluzia como se fosse trocar de pele. Eu me forçava a permanecer calmo.

Podia sentir a pulsação de Hal em meus dedos — um, dois, três.

Seus olhos se abriram de repente. Ele puxou as mãos de repente e me encarou aterrorizado.

— Tudo bem — falei. Minha boca estava seca. — Acho que não viu nada muito bom.

Hal voltou-se para o computador. Ficou parado, encarando a tela por tanto tempo que cheguei a pensar que havia entrado em transe.

Finalmente, ele digitou: *Fogo. Eu vi fogo.*

Thalia franziu a testa.

— Fogo? Hoje, você quer dizer? Isso vai nos ajudar?

Hal ergueu o olhar infeliz. Assentiu.

— Tem mais alguma coisa — insisti. — O que o assustou tanto?

Ele evitou meu olhar. Relutante, digitou: *É difícil ter certeza, Luke, mas também vi um sacrifício em seu futuro. Uma escolha. Mas também uma traição.*

Eu esperei, mas ele não explicou mais nada.

— Uma traição — disse Thalia. Seu tom era perigoso. — Está dizendo que alguém vai trair Luke? Porque Luke jamais trairia alguém.

Hal digitou: *O caminho dele é difícil de ver. Mas, se sobreviver hoje, ele trairá...*

Thalia agarrou o teclado.

— Chega! Você atrai semideuses para cá e depois destrói as esperanças deles com essas previsões horríveis? Não é de se espantar que os outros tenham desistido como você desistiu. Você é patético!

Havia raiva nos olhos de Hal. Eu não esperava que o velho ainda guardasse aquele sentimento dentro de si, mas ele se levantou. Por um momento, pensei que fosse atacar Thalia.

— Continue — vociferou ela. — Tente me bater, velho. Ainda tem fogo correndo nas veias?

— Parem com isso! — ordenei.

Hal Green recuou imediatamente. Eu podia jurar que o homem estava com medo de mim, mas não queria saber o que ele vira em meu futuro. Independentemente dos pesadelos que me esperavam, eu precisava sobreviver ao presente antes.

— Fogo — falei. — Você mencionou fogo.

Ele assentiu, depois abriu os braços para dizer que não tinha mais detalhes.

Uma ideia começou a se manifestar no fundo da minha mente. Fogo. Armas gregas. Alguns suprimentos que tínhamos no apartamento... a lista que eu digitara no mecanismo de busca da internet esperando encontrar uma fórmula mágica.

— O que é? — perguntou Thalia. — Conheço esse olhar. Você está planejando alguma coisa.

— Preciso do teclado. — Sentei-me diante do computador e fiz outra pesquisa na internet.

Um artigo apareceu imediatamente.

Thalia olhou por cima do meu ombro.

— Luke, isso seria perfeito! Mas sempre pensei que essas coisas fossem apenas uma lenda.

— Não sei — admiti. — Se for real, como vamos fazer? Não há uma receita aqui.

Hal bateu com os nós dos dedos na mesa para chamar nossa atenção. Seu rosto estava animado. Ele apontou as estantes de livros.

— Livros de história antiga — deduziu Thalia. — Hal tem razão. Muitos deles são realmente velhos. Esses livros devem ter informações que não estão na internet.

Nós três corremos para a estante. Começamos a puxar livros das prateleiras. Logo a biblioteca de Hal parecia ter sido atingida por um furacão, mas ele não parecia se incomodar. Pegava os títulos e folheava as páginas tão depressa quanto nós. Na verdade, sem ele, jamais teríamos encontrado a resposta. Depois de muito procurar em vão, ele se aproximou correndo, batendo na página de um velho livro com capa de couro.

Li a lista de ingredientes, e meu entusiasmo cresceu.

— É isso. A receita de fogo grego.

Como eu sabia que deveria procurar por isso? Talvez meu pai, Hermes, um deus versátil, estivesse me guiando, com uma habilidade especial para poções e alquimia. Talvez eu tivesse visto as receitas em algum lugar antes, e revistar o apartamento servira como um gatilho para a memória.

Tudo de que precisávamos estava ali naquela sala. Eu havia visto todos os ingredientes quando examinamos os suprimentos dos semideuses derrotados: breu de tochas velhas, uma garrafa de néctar divino, álcool do kit de primeiros socorros...

Na verdade, eu não devo escrever toda a receita, nem mesmo neste diário. Se alguém encontrá-lo e descobrir o segredo do fogo grego... Bem, não quero ser responsável por queimar o mundo mortal.

Li a lista até o fim. Só faltava uma coisa.

— Um catalisador. — Olhei para Thalia. — Precisamos de um raio.

Ela arregalou os olhos.

— Luke, não posso. Na última vez...

Hal nos puxou para perto do computador e digitou: *Você pode evocar raios???*

— Às vezes — reconheceu Thalia. — É uma coisa de Zeus. Mas não posso fazer isso em lugares fechados. E mesmo que estivéssemos ao ar livre, eu teria problemas para controlá-lo. Na última vez, quase matei Luke.

Os pelos de minha nuca se arrepiaram quando me lembrei daquele acidente.

— Vai dar tudo certo. — Tentei soar confiante. — Eu preparo a mistura. Há uma tomada embaixo do computador. Quando estiver pronta, você poderá atrair um raio até a casa e fazer sua carga percorrer a fiação elétrica.

— E incendiar tudo — acrescentou Thalia.

Hal digitou: *Vocês farão isso de qualquer forma, caso sejam bem-sucedidos. Entendem quanto o fogo grego é perigoso?*

Engoli em seco.

— Sim. É fogo mágico. Queima tudo que toca. Não é possível apagá-lo com água, extintor de incêndio, nada. Mas, se conseguirmos produzir o suficiente para criar uma espécie de bomba e jogá-la nos leucrotas...

— Eles vão queimar. — Thalia olhou para o velho. — Por favor, diga que os monstros não são imunes ao fogo.

Ele franziu a testa: *Acho que não. Mas o fogo grego vai transformar este lugar em um inferno. E vai se espalhar pela casa toda em poucos segundos.*

Olhei para a jaula vazia. De acordo com o relógio de Hal, tínhamos mais ou menos uma hora até o pôr do sol. Quando aquela grade subisse e os leucrotas atacassem, talvez tivéssemos uma chance... se pudéssemos surpreender os monstros com uma explosão, e se conseguíssemos passar por eles e correr até o painel no fundo da jaula sem sermos devorados ou queimados vivos. Muitos "se".

Minha mente analisava uma série de estratégias diferentes, mas eu sempre voltava ao que Hal dissera sobre sacrifício. Não conseguia me livrar da sensação de que seria impossível nós três sairmos vivos.

— Vamos fazer o fogo grego — eu disse. — Depois nós pensamos no resto.

Thalia e Hal me ajudaram a reunir os ingredientes de que precisávamos. Acendemos o fogão de Hal e preparamos uma receita extremamente perigosa. O tempo passava depressa. Do lado de fora, no corredor, os leucrotas rosnavam e estalavam as mandíbulas.

As cortinas das janelas impediam a entrada da luz do sol, mas o relógio mostrava que estávamos quase sem tempo.

As gotas de suor revestiam meu rosto enquanto eu misturava os ingredientes. Cada vez que eu piscava, lembrava as palavras de Hal na tela do computador, como se estivessem gravadas no fundo dos meus olhos: *Um sacrifício em seu futuro. Uma escolha. Mas também uma traição.*

O que ele queria dizer? Eu tinha certeza de que não me contara tudo. Mas uma coisa era clara: meu futuro o aterrorizava.

Tentei me concentrar no trabalho. Eu não sabia o que estava fazendo, mas não tinha escolha. Talvez Hermes estivesse olhando por mim, me emprestando um pouco de seu conhecimento sobre alquimia. Ou talvez eu tivesse sorte, apenas. Por

fim, obtive uma panela cheia de uma substância preta, que despejei em um velho pote de vidro, uma embalagem vazia de geleia. Fechei-o e atarraxei a tampa.

— Pronto. — Entreguei o pote a Thalia. — Consegue acender? O vidro deve impedir que exploda até o quebrarmos.

Thalia não parecia entusiasmada.

— Vou tentar. Preciso deixar alguns fios elétricos expostos na parede. E atrair o raio, bem, isso vai exigir alguns minutos de concentração. É melhor vocês se afastarem, caso... você sabe, caso eu exploda ou algo do tipo.

Ela pegou uma chave de fenda da gaveta da cozinha, rastejou para baixo da mesa do computador e começou a remover a tomada.

Hal pegou seu diário de couro verde. Ele fez um gesto para que eu o seguisse. Fomos até a porta do closet; Hal tirou uma caneta do bolso do paletó e começou a folhear o livro. Vi páginas e páginas de caligrafia alinhada e espremida. Finalmente, Hal encontrou uma página vazia e escreveu alguma coisa.

Ele me entregou o livro.

A mensagem era: *Luke, quero que fique com este diário. Ele contém minhas previsões, minhas anotações sobre o futuro, meus pensamentos sobre em que pontos eu errei. Acho que será útil para você.*

Balancei a cabeça.

— Hal, isto é seu. Fique com ele.

Ele pegou o livro de volta e escreveu: *Você tem um futuro importante. Suas escolhas vão mudar o mundo. Você pode aprender com meus erros, continuar escrevendo no diário. Ele pode ajudá-lo em suas decisões.*

— Que decisões? — perguntei. — O que viu que o deixou tão assustado?

A caneta deslizou sobre o papel por um bom tempo. *Acho que finalmente entendo por que fui amaldiçoado,* ele escreveu. *Apolo estava certo. Às vezes é realmente melhor que o futuro seja um mistério.*

— Hal, seu pai era um idiota. Você não merecia...

A caneta de Hal batia na página com insistência: *Apenas prometa que vai continuar a escrever no diário. Se houvesse começado a registrar meus pensamentos mais cedo, eu poderia ter evitado alguns erros estúpidos. E mais uma coisa...*

Hal deixou a caneta sobre o diário e tirou da cintura a adaga de bronze celestial. Ele me ofereceu a arma.

— Não posso — recusei. — Quer dizer, agradeço, mas prefiro espadas. Além do mais, você vai embora com a gente. Vai precisar dessa arma.

Ele balançou a cabeça e pôs a adaga em minhas mãos. Depois voltou a escrever: *Essa adaga foi presente da garota que salvei. Ela me garantiu que a arma sempre protegeria seu dono.*

Hal respirou fundo. Devia saber como a promessa soava amargamente irônica, considerando sua maldição. *Uma adaga não tem o poder ou o alcance de uma espada, mas pode ser uma arma excelente nas mãos certas. Vou me sentir melhor sabendo que você está com ela.*

Ele me encarou, e finalmente entendi o que Hal planejava.

— Não — falei. — Todos nós vamos sair.

O velho comprimiu os lábios e escreveu: *Nós dois sabemos que é impossível. Eu posso me comunicar com os leucrotas. Sou a escolha lógica para servir de isca. Você e Thalia esperam no closet. Eu atraio os monstros para o banheiro. Assim vocês vão ganhar alguns segundos para chegar ao painel e à saída antes de eu detonar o explosivo. É o único jeito de terem esse tempo.*

— Não — eu disse.

Mas a expressão dele era séria e determinada. Ele não parecia mais um velho covarde. Parecia um semideus, pronto para lutar.

Eu não podia acreditar que ele estava se oferecendo para sacrificar a vida por dois adolescentes que acabara de conhecer, especialmente depois de tantos anos de sofrimento. No entanto, eu não precisava que ele se expressasse com a caneta e o papel para saber o que ele estava pensando. Era sua chance de redenção. Um último ato heroico, e sua maldição chegaria ao fim hoje, como Apolo havia previsto.

Hal escreveu alguma coisa e me entregou o diário. Uma única palavra: *Prometa.*

Respirei fundo e fechei o livro.

— Sim. Prometo.

Um trovão fez a casa estremecer, e nós nos assustamos. De perto da mesa do computador veio um estalo. Uma fumaça branca brotava da máquina, e um cheiro parecido com o de pneus queimados invadiu a sala.

Thalia estava sentada, sorrindo. A parede atrás dela havia escurecido e encontrava-se repleta de bolhas. A tomada derretera completamente, mas nas mãos dela o pote de geleia com o fogo grego agora tinha um brilho esverdeado.

— Alguém pediu uma bomba mágica? — perguntou ela.

Naquele momento o relógio marcou sete e três. A grade da jaula começou a subir, e o painel no fundo, a se abrir.

Nosso tempo tinha acabado.

* * *

O velho estendeu a mão.

— Thalia — eu falei —, entregue o fogo grego a Hal.

Ela olhou de um para o outro.

— Mas...

— Ele precisa disso. — Minha voz soava mais grave que de costume. — Vai nos ajudar a escapar.

Quando entendeu o significado das minhas palavras, ela empalideceu.

— Luke, não.

A grade já estava pela metade. Na parede do fundo, o painel se abria lentamente. Um casco vermelho surgiu na abertura. Os leucrotas, impacientes, rugiam e estalavam as mandíbulas.

— Não há mais tempo! — alertei. — Vamos!

Hal pegou o pote com fogo das mãos de Thalia. Ele sorriu para ela com bravura, depois me cumprimentou com um movimento de cabeça. Lembrei-me da última palavra que ele tinha escrito: *Prometa.*

Guardei o diário e a adaga em minha mochila. Depois puxei Thalia para o interior do closet.

Uma fração de segundo mais tarde, ouvimos os leucrotas invadindo a sala. Os três monstros rugiam, sibilavam e pisoteavam a mobília, ansiosos pela refeição.

— Aqui! — chamou a voz de Hal. Devia ser um dos monstros falando por ele, mas suas palavras soavam corajosas e confiantes. — Eu os tranquei no banheiro! Venham, monstros horrorosos!

Era estranho ouvir um leucrota ofender a si mesmo, mas o truque parecia estar dando certo. As criaturas seguiram a galope na direção do banheiro.

Segurei a mão de Thalia.

— Agora!

Saímos do closet e corremos para a jaula. Lá, o painel já se fechava. Um dos leucrotas grunhiu surpreso e se virou para nos seguir, mas eu nem me atrevi a olhar para trás. Entramos na jaula. Eu me lancei para a abertura na parede, mantendo a porta aberta com meu taco de golfe.

— Vai, vai, vai! — gritei.

Thalia passou quando a pressão da placa de metal já começava a entortar o taco.

A voz de Hal gritou no banheiro:

— Sabe o que é isso, seus vira-latas do Tártaro? Essa é sua última refeição!

O leucrota investiu sobre mim. Eu me contorci, gritei, e a mandíbula óssea abocanhou o ar duas vezes no exato local em que meu rosto estivera poucos segundos antes.

Consegui acertar um soco em seu focinho, mas era como bater em um saco de cimento. Então, alguma coisa agarrou meu braço. Thalia me puxou. O painel se fechou, quebrando meu taco de golfe.

Rastejamos por um duto de metal para outro quarto e corremos para a porta.

Ouvi Halcyon Green dar seu grito de guerra:

— Por Apolo!

E a mansão tremeu com uma forte explosão.

Fomos atirados para o corredor, que já estava em chamas. Labaredas lambiam o papel de parede, e o carpete fumegava. A porta do quarto de Hal havia sido arrancada das dobradiças, e o fogo passava pela abertura como uma avalanche, destruindo tudo que encontrava em seu caminho.

Alcançamos a escada. A fumaça era tão densa que eu não conseguia ver os últimos degraus lá embaixo. Cambaleávamos e tossíamos, e o calor ardia em meus olhos e nos pulmões. Chegamos à base da escada, e eu começava a pensar que conseguiríamos alcançar a porta, quando um leucrota saltou e me derrubou de costas no chão.

Deve ter sido o que nos seguiu até a jaula. Acho que ele acabou se afastando o suficiente da explosão para sobreviver e, de alguma forma, conseguiu escapar do quarto, embora não parecesse ter apreciado a experiência. Seu pelo vermelho estava chamuscado e enegrecido. As orelhas pontudas estavam em chamas, e um olho vermelho inchara até se fechar.

— Luke! — gritou Thalia. Ela pegou a lança, que estava no chão do salão de baile, e enfiou a ponta nas costelas do monstro, mas isso só irritou o leucrota.

Ele estalou as mandíbulas na direção dela, mantendo um dos cascos plantado em meu peito. Eu não conseguia me mover, e sabia que a fera poderia esmagar meu tórax se aplicasse um pouquinho mais de pressão.

Meus olhos ardiam por causa da fumaça, eu mal conseguia respirar. Vi Thalia tentar ferir o monstro com a lança outra vez, e um lampejo de metal chamou minha atenção. O bracelete de prata.

Algo finalmente provocou um estalo em minha cabeça: a história da cabra Amalteia, que nos levou até ali. Thalia havia sido destinada a encontrar aquele

tesouro. Ele pertencia à filha de Zeus.

— Thalia! — arquejei. — O escudo! Como era o nome dele?

— Que escudo? — gritou ela.

— O escudo de Zeus! — De repente eu lembrei. — Aegis. Thalia, o bracelete... Tem uma senha!

Era um palpite desesperado. Graças aos deuses — ou à sorte —, Thalia entendeu. Ela tocou o bracelete, mas dessa vez gritou:

— Aegis!

No mesmo instante a pulseira se expandiu, assumindo a forma de um grande disco de bronze — um escudo com desenhos complexos nas bordas. No centro, forjado no metal como uma máscara da morte, havia um rosto tão horroroso que eu teria corrido dele, se pudesse. Desviei o olhar, mas a imagem estava gravada em minha mente — cabelos de cobra, olhos arregalados e uma boca com presas à mostra.

Thalia empurrou o escudo na direção do leucrota. O monstro ganiu como um filhote e recuou, libertando-me do peso de seu casco. Em meio à fumaça, vi o leucrota apavorado correr direto para as cortinas mais próximas, que se transformaram em brilhantes línguas negras e o envolveram. O monstro se contorcia. Ele começou a gritar "socorro" em uma dezena de vozes, provavelmente as de suas antigas vítimas, até finalmente se desintegrar em meio a dobras de tecido escuras e oleosas.

Eu teria ficado ali, perplexo e horrorizado, até o teto em chamas desabar em cima de mim, mas Thalia segurou meu braço e gritou:

— Depressa!

Corremos para a porta da frente. Eu me perguntava como a abriríamos quando a avalanche de fogo desceu pela escada e nos alcançou. A casa explodiu.

* * *

Não me lembro de como saímos. Apenas imagino que o impacto da explosão tinha conseguido abrir a porta da frente e nos jogado para fora da casa.

Quando dei por mim, estava caído na rotatória, tossindo ofegante enquanto uma torre de fogo subia para o céu noturno. Minha garganta queimava. Meus olhos pareciam ter sido lavados com ácido. Procurei Thalia e, em vez disso, vi o rosto da

Medusa em bronze. Gritei, consegui recuperar a energia para ficar em pé e corri. Só parei quando me encolhi atrás da estátua de Robert E. Lee.

Sim, eu sei. Agora pode soar engraçado. Mas é um milagre que eu não tenha sofrido um infarto nem sido atropelado por um carro. Finalmente, Thalia me alcançou, a lança reduzida outra vez ao tamanho de uma lata de spray, o escudo em forma de bracelete de prata.

Nós nos levantamos e vimos a mansão queimar. Os tijolos esfarelavam. As cortinas pretas explodiam, transformando-se em lençóis de fogo vermelho. O telhado despencou e a fumaça se elevava para o céu.

Thalia deixou escapar um soluço. Uma lágrima riscou a fuligem que cobria seu rosto.

— Ele se sacrificou — disse ela. — Por que nos salvou?

Abracei minha mochila. Senti o diário e a adaga de bronze dentro dela — únicos remanescentes da vida de Halcyon Green.

Meu peito estava apertado, como se o leucrota ainda pisasse nele. Eu havia criticado Hal por ter sido covarde, mas, no fim, ele tinha sido mais corajoso que eu. Os deuses o amaldiçoaram. Ele passara boa parte da vida preso com monstros. Teria sido fácil para ele nos deixar morrer, como havia feito com todos os outros semideuses antes de nós. Mas escolhera se tornar um herói.

Eu me sentia culpado por não ter conseguido salvar o homem. Queria ter conversado mais com ele. O que Hal havia visto em meu futuro que o assustara tanto?

Suas escolhas vão mudar o mundo, ele avisara.

Eu não gostava nada da ideia.

O barulho de sirenes me fez voltar à realidade.

Éramos menores de idade e havíamos fugido de casa, por isso Thalia e eu aprendemos a desconfiar da polícia e de qualquer figura de autoridade. Os mortais iriam querer nos interrogar, talvez nos pôr em um abrigo para menores ou em um lar temporário. Não podíamos deixar isso acontecer.

— Vamos — eu disse.

Percorremos as ruas de Richmond até encontrarmos um pequeno parque. Fomos a um banheiro público e limpamos a pele e as roupas da melhor maneira possível. Depois ficamos escondidos até escurecer completamente.

Não falamos sobre o que havia acontecido. Andamos atordoados por bairros e áreas industriais. Não tínhamos um plano, nenhuma cabra brilhante que pudéssemos seguir. Estávamos exaustos, mas não queríamos dormir ou parar. Eu desejava me afastar o máximo possível daquela mansão em chamas.

Não era a primeira vez que escapávamos vivos por pouco, mas era a primeira que sobrevivíamos à custa da vida de outro semideus. Eu não conseguia afastar a tristeza.

Prometa, Halcyon Green escrevera.

Prometo, Hal, pensei. *Vou aprender com seus erros. Se os deuses me tratarem mal desse jeito, vou reagir.*

Tudo bem, eu sei que parece papo de maluco. Mas eu me sentia amargurado e zangado. Se isso aborrece o pessoal do Monte Olimpo, que pena. Eles que desçam aqui e falem isso na minha cara.

Paramos para descansar perto de um velho galpão. À luz pálida da lua eu vi um nome pintado na lateral de um prédio de tijolos vermelhos: RICHMOND IRON WORKS. A maioria das janelas estava quebrada.

Thalia estremeceu.

— Podemos ir para nosso antigo acampamento — sugeriu. — No rio James. Temos muitos suprimentos lá.

Assenti apático. Levaríamos pelo menos um dia para chegar lá, mas pelo menos era um plano.

Dividi com Thalia meu sanduíche de presunto, que estava com gosto de papelão. Comemos em silêncio. Eu havia acabado de engolir o último pedaço quando ouvi um fraco tinido metálico em uma viela próxima. Minhas orelhas começaram a formigar. Não estávamos sozinhos.

— Há alguém aqui por perto — avisei. — Não é um mortal comum.

Thalia ficou tensa.

— Como pode ter certeza?

Eu não tinha uma resposta, mas me levantei. Peguei a adaga de Hal, mais pelo brilho do bronze celestial. Thalia empunhou sua lança e evocou Aegis. Não olhei para o rosto da Medusa, mas sua presença ainda me causava arrepio. Eu não sabia se o escudo era *o Aegis* ou uma réplica feita para heróis, mas, de qualquer maneira, ele irradiava poder. Eu entendia por que Amalteia queria que Thalia o reivindicasse.

Nós nos esgueiramos junto à parede do galpão.

Entramos em um beco escuro que terminava em uma área de carregamento cheia de velhas sobras de metal.

Apontei para a plataforma.

Thalia franziu a testa.

— Tem certeza? — sussurrou.

Eu assenti.

— Tem alguma coisa ali. Eu sinto.

Naquele momento houve um *clang* alto. Uma folha de zinco corrugado se moveu na plataforma. Alguma coisa — *alguém* — estava ali embaixo.

Continuamos nos aproximando devagar até estarmos sobre a pilha de metal. Thalia preparou a lança. Fiz um gesto pedindo que ela esperasse. Segurei a folha de metal corrugado e movi os lábios para contar: *um, dois, três!*

Assim que levantei a folha de zinco, alguma coisa voou em minha direção — um borrão de flanela e cabelos louros. Um martelo foi arremessado contra meu rosto.

As coisas podiam ter acabado muito mal. Felizmente, meus reflexos eram muito bons depois de anos de luta.

— Ei! — gritei.

Desviei do martelo e depois segurei o pulso da menina. A ferramenta caiu na calçada e deslizou para longe.

A menina se debateu; não devia ter mais que sete anos de idade.

— Chega de monstros! — gritou ela enquanto chutava minhas pernas. — Vá embora!

— Tudo bem!

Eu me esforçava para contê-la, mas era como segurar um gato selvagem.

Thalia parecia estar perplexa demais para se mover. Ela ainda segurava a lança e o escudo em prontidão.

— Thalia — eu disse —, guarde o escudo! Você está assustando a menina!

Thalia saiu da paralisia. Ela tocou o escudo, que se encolheu e voltou a ser um bracelete. Soltou a lança.

— Ei, garotinha — disse ela, e sua voz era a mais suave que já ouvi sair de sua boca. — Está tudo bem. Não vamos machucá-la. Meu nome é Thalia. Esse é o Luke.

— Monstros! — ela choramingou.

— Não! — garanti. A pobrezinha não lutava mais com o mesmo empenho, mas tremia muito, morrendo de medo de nós. — Mas sabemos sobre os monstros — continuei. — Também lutamos contra eles.

Eu a segurava, agora mais para confortá-la do que para contê-la. Depois de um tempo ela parou de espernear. Estava gelada. As costelas eram proeminentes sob o pijama de flanela. Imaginei há quanto tempo a menina estava sem comer. Era ainda mais nova do que eu quando fugi de casa.

Apesar do medo, ela me encarava com seus olhos grandes. Eram cinzentos, lindos e inteligentes. Uma semideusa — não havia dúvida sobre isso. Senti que ela era poderosa — ou seria, se sobrevivesse.

— Você é como eu? — perguntou ela, ainda desconfiada, mas um pouco mais esperançosa, também.

— Sim — respondi. — Nós somos... — Hesitei, sem saber se ela entendia o que era, ou se alguma vez ouvira a palavra *semideus*. Não queria assustá-la ainda mais. — Bem, é difícil explicar, mas lutamos contra monstros. Onde está sua família?

A expressão da garotinha tornou-se dura e zangada. Seu queixo tremeu.

— Minha família me odeia. Eles não me querem. Eu fugi.

Isso partiu meu coração. Havia muito sofrimento na voz dela — um sofrimento familiar. Olhei para Thalia, e tomamos uma decisão silenciosa ali. Cuidaríamos daquela criança. Depois do que havia acontecido com Halcyon Green... Bem, parecia ser o destino. Vimos um semideus morrer por nós. Agora encontrávamos a menininha. Era quase como uma segunda chance.

Thalia ajoelhou-se a meu lado. Ela tocou o ombro da garotinha.

— Qual é seu nome?

— Annabeth.

Eu não contive um sorriso. Jamais ouvira aquele nome antes, mas era bonito, e parecia combinar com ela.

— Belo nome — falei. — Quer saber de uma coisa, Annabeth? Você é bem valente. Estamos precisando de uma guerreira como você.

Ela arregalou os olhos.

— Estão?

— Ah, sim — confirmei com franqueza. Então, um pensamento repentino me ocorreu. Peguei a adaga de Hal que levava presa à cintura. *Isto vai proteger seu dono,*

dissera o semideus. Ele a ganhara da menina cuja vida salvara. Agora o destino nos dava a chance de salvar outra menina.

— O que acha de ter uma verdadeira arma para matar monstros? — perguntei. — Isto é bronze celestial. Funciona muito melhor do que um martelo.

Annabeth pegou a faca e a estudou, fascinada. Eu sei... ela só tinha sete anos de idade, no máximo. Onde eu estava com a cabeça para dar uma arma à menina? Mas a garota era uma semideusa. Tínhamos que nos defender. Hércules era só um bebê quando estrangulou duas cobras no berço. Quando eu tinha nove anos, já havia lutado diversas vezes para defender minha vida. Annabeth era capaz de usar uma arma.

— Apenas os guerreiros mais corajosos e rápidos possuem adagas — eu expliquei a ela. Minha voz soou embargada quando me lembrei de Hal Green e de que ele havia morrido para nos salvar. — Elas não têm o alcance ou o poder de uma espada, mas são fáceis de esconder e encontram pontos fracos na armadura do inimigo. Só um guerreiro esperto sabe usar uma faca como esta. E tenho a sensação de que você é muito esperta.

Annabeth sorriu para mim e, naquele instante, foi como se todos os meus problemas desaparecessem. Eu sentia que havia feito a coisa certa. Jurei para mim mesmo que nunca deixaria nenhum mal se abater sobre aquela criança.

— Eu sou esperta! — retrucou ela.

Thalia riu e afagou os cabelos de Annabeth. E foi assim que arrumamos uma nova companheira.

— Agora temos que ir, Annabeth — avisou Thalia. — Temos um abrigo seguro no rio James. Vamos providenciar roupas e comida para você.

O sorriso de Annabeth perdeu parte do brilho. Por um momento, a expressão selvagem de antes voltou.

— Você não... Não vai me levar de volta para minha família? Promete?

Engoli o nó que se formou em minha garganta. Annabeth era muito jovem, mas já havia aprendido uma dura lição, como Thalia e eu. Nossos pais haviam nos abandonado. Os deuses eram cruéis, duros e distantes. Semideuses só tinham uns aos outros.

Toquei o ombro de Annabeth.

— Você agora é parte da *nossa* família. E prometo que não vou abandonar você como nossas famílias nos abandonaram. Combinado?

— Combinado — respondeu ela com uma expressão feliz, pegando sua nova adaga.

Thalia apanhou a lança e sorriu para mim em sinal de aprovação.

— Agora vamos. Não podemos ficar aqui por muito tempo!

* * *

Então aqui estou eu de vigia, escrevendo no diário de Halcyon Green — *meu* diário agora.

Estamos acampados na floresta ao sul de Richmond. Amanhã iremos seguir adiante até o rio James para nos reabastecer com suprimentos. Depois disso... Eu não sei. Não consigo parar de pensar nas previsões de Hal Green. Uma sensação sinistra aperta meu peito. Há algo sombrio no futuro. O caminho até lá pode ser longo, mas a impressão é de que uma tempestade se forma no horizonte, tornando o ar mais pesado. Só espero ter forças para cuidar de meus amigos.

Ao observar Thalia e Annabeth adormecidas à luz do fogo, fico admirado com a paz em seus semblantes. Se eu vou ser o "pai" deste grupo, preciso ser digno da confiança delas. Nenhum de nós teve sorte com nossos pais. Tenho que ser melhor do que isso. Posso ter apenas quatorze anos, mas não é desculpa. Preciso manter minha nova família unida.

Olho em direção ao norte. Imagino quanto tempo levaria para chegar à casa de minha mãe em Westport, Connecticut. Eu me pergunto o que ela está fazendo agora. Ela estava péssima quando eu saí de casa...

Mas não posso me sentir culpado por deixá-la. Eu tive que fazer isso. Se algum dia eu encontrar meu pai, teremos uma conversa sobre o assunto.

Por enquanto, terei que sobreviver um dia após o outro. Escreverei neste diário sempre que tiver oportunidade, embora duvide de que alguém vá lê-lo.

Thalia está se mexendo, é a vez dela de montar guarda. Nossa, minha mão está doendo. Nunca escrevi tanto na vida! É melhor eu dormir e não esperar pelos sonhos.

Isso é tudo por enquanto.

Luke Castellan.



OS PERIGOS DA CASA DE HAL

Percy Jackson e o Cajado de Hermes



Annabeth e eu estávamos relaxando no gramado do Central Park quando ela me atacou com uma pergunta.

— Você esqueceu, não é?

Entrei em modo de alerta vermelho. É fácil entrar em pânico quando o namoro é recente. Sim, eu combatia monstros com Annabeth havia anos. Enfrentamos juntos a ira dos deuses. Lutamos contra titãs e encaramos a morte tranquilamente dezenas de vezes. Mas agora que estávamos namorando, bastava ela franzir a testa para eu entrar em pânico. O que eu tinha feito de errado?

Revi mentalmente a lista do piquenique: toalha confortável? Confere. A pizza favorita de Annabeth com porção extra de azeitonas? Confere. Bala de chocolate da La Maison du Chocolat? Confere. Água com gás e limão bem gelada? Confere. Armas para o caso de um repentino apocalipse mitológico grego? Confere.

Então, o que eu havia esquecido?

Eu me senti (brevemente) tentado a blefar para escapar. Duas coisas me impediram. Primeiro, eu não queria mentir para Annabeth. Segundo, ela era esperta demais. Perceberia na hora.

Então, fiz o que eu faço melhor. Olhei para ela inexpressivo, com cara de idiota.

Annabeth revirou os olhos.

— Percy, hoje é dezoito de setembro. O que aconteceu há um mês, exatamente?

— Foi meu aniversário.

Era verdade: dezoito de agosto. Mas, a julgar pela expressão de Annabeth, não era aquela a resposta que ela esperava.

O fato de Annabeth estar tão linda não contribuía para melhorar minha concentração. Ela usava sua costumeira camiseta cor de laranja e short, mas suas pernas e seus braços bronzeados pareciam brilhar ao sol. Os cabelos louros caíam sobre os ombros. No pescoço havia uma tira de couro com contas coloridas do nosso camping de treinamento de semideuses, o Acampamento Meio-Sangue. Os olhos cinzentos eram ofuscantes, como sempre. Eu só queria que aquele olhar penetrante não estivesse cravado em mim.

Tentei pensar. Um mês atrás nós havíamos derrotado o titã Cronos. Era a isso que ela se referia? Então Annabeth logo estabeleceu minhas prioridades.

— Nosso primeiro beijo, Cabeça de Alga — disse ela. — É nosso aniversário de um mês.

— Ah... sim! — Eu pensei: *As pessoas comemoram coisas desse tipo? Tenho que me lembrar de aniversários, tempo de namoro, feriados, tudo?* Tentei sorrir. — É por isso que estamos fazendo esse grande piquenique, certo?

Ela se sentou sobre as pernas.

— Percy... Adoro o piquenique. De verdade. Mas você prometeu me levar para um jantar especial esta noite, lembra? Não que eu *espere* por isso, mas você disse que tinha planejado alguma coisa. Então...?

Ouvi esperança na voz dela, mas havia dúvida também. Ela esperava que eu admitisse o óbvio: tinha esquecido. Estava frito. Era um namorado derrotado.

Meu esquecimento não deve ser interpretado como um sinal de que eu não me importava com Annabeth. Sério, o último mês com ela havia sido incrível. Eu era o semideus mais sortudo de todos os tempos. Mas um jantar especial... Quando eu havia falado sobre isso? Talvez depois de Annabeth me beijar, quando estava meio atordoado. Talvez um deus grego tenha se disfarçado e feito a promessa como se fosse eu, de brincadeira. Ou talvez eu fosse mesmo um péssimo namorado.

Hora da confissão. Eu pigarreei.

— Bem...

Um súbito raio de luz me fez piscar; era como se alguém tivesse virado um espelho na direção do meu rosto. Olhei em volta e vi um caminhão de entregas marrom estacionado no meio do grande gramado, onde carros não eram permitidos. Nas laterais do caminhão havia as seguintes palavras:

HERNIAS DE EXPRESSÃO

Espere... desculpe. Sou disléxico. Estreitei os olhos e decidi que, provavelmente, as palavras eram:

HERMES EXPRESS

— Ah, ótimo — resmunguei. — Uma mensagem para nós.

— O quê? — perguntou Annabeth.

Apontei o caminhão. O motorista estava descendo. Ele usava uma camisa de uniforme marrom, bermuda, meias pretas e chuteiras. Os cabelos grisalhos e encaracolados escapavam pelas beiradas do boné marrom. Ele parecia ter trinta e poucos anos, mas eu sabia por experiência que, na verdade, tinha cinco mil e poucos.

Hermes. Mensageiro dos deuses. Amigo pessoal, distribuidor de missões heroicas e causa frequente de terríveis dores de cabeça.

Ele parecia aborrecido. Ficava batendo nos bolsos e retorcia as mãos. Ou perdera alguma coisa importante, ou havia exagerado no Starbucks do Monte Olimpo. Finalmente, ele me viu e chamou.

Isso podia significar várias coisas. Se ele estava trazendo pessoalmente uma mensagem dos deuses, era má notícia. Se queria alguma coisa de mim, também era má notícia. Mas, levando em consideração que ele acabara de me salvar de dar explicações a Annabeth, meu alívio era maior que a preocupação.

— Que saco. — Tentei soar pesaroso, como se minha batata ainda não estivesse assando. — É melhor a gente ver o que ele quer.

* * *

Como se cumprimenta um deus? Se há um guia de etiqueta para isso, eu nunca li. Nunca sei se devo apertar a mão, me ajoelhar, fazer um reverência ou gritar: "Não somos dignos de sua presença!"

Eu conhecia Hermes melhor que a maioria dos olimpianos. Ao longo dos anos, ele já tinha me ajudado várias vezes. Infelizmente, no último verão eu havia lutado contra seu filho semideus Luke, que fora corrompido pelo titã Cronos, em um combate mortal pelo destino do mundo. A morte de Luke não havia sido inteiramente minha culpa, mas de qualquer forma prejudicara meu relacionamento com Hermes.

Decidi começar com simplicidade:

— Oi.

Hermes olhou em volta como se tivesse receio de estar sendo vigiado. Não sei por que ele se incomodava. Normalmente os deuses são invisíveis aos mortais. Ninguém mais no grande gramado do Central Park estava prestando atenção ao caminhão de entrega.

Hermes olhou para Annabeth, depois voltou-se de novo para mim.

— Não sabia que a menina estaria aqui. Ela vai ter que jurar que ficará de boca fechada.

Annabeth cruzou os braços.

— A *menina* está ouvindo. E, antes de eu jurar qualquer coisa, talvez deva nos dizer qual é o problema.

Acho que nunca vi um deus tão inseguro. Hermes pôs uma mecha de cabelos grisalhos atrás da orelha. Deu batidinhas nos bolsos novamente. Era como se não soubesse o que fazer com as mãos.

Ele se inclinou e baixou o tom de voz.

— Estou falando sério, menina. Se Atena souber, ela nunca vai parar de me importunar. Ela já acha que é muito mais esperta que eu.

— Ela é — disse Annabeth.

Sim, ela é parcial. Atena é mãe dela. Hermes a encarou, sério.

— Prometa. Antes de eu explicar o problema, vocês dois vão ter que jurar silêncio.

De repente algo me ocorreu.

— Onde está seu cajado?

Os olhos de Hermes se contraíram. Tive a impressão de que ele ia chorar.

— Ah, deuses — falou Annabeth. — Você *perdeu* seu cajado?

— Eu não perdi! — Hermes se irritou. — Ele foi roubado. E eu não estou pedindo *sua* ajuda, menina!

— Tudo bem — retrucou ela. — Resolva você mesmo seu problema. Venha, Percy. Vamos sair daqui.

Hermes rosnou. Compreendi que talvez tivesse que apartar uma briga entre um deus imortal e minha namorada, e não queria ficar no lado de nenhum dos dois.

Um pouco de história para contextualizar: Annabeth costumava se aventurar ao lado de Luke, o filho de Hermes. Com o tempo, acabou se interessando por ele. Quando Annabeth ficou mais velha, Luke começou a retribuir os sentimentos. Mas ele virou mau, e Hermes culpou Annabeth por não ter impedido o filho de seguir o caminho errado. Annabeth culpou Hermes de ser um péssimo pai e de dar ao filho a capacidade de se tornar mau para começo de conversa. Luke morreu em combate. Hermes e Annabeth culpavam um ao outro.

Confuso? Bem-vindo ao meu mundo.

De qualquer maneira, imaginei que as coisas iam acabar mal se aqueles dois perdessem a cabeça, por isso me arrisquei a ficar entre eles.

— Annabeth, escute. Isso parece importante. Deixe-me ouvi-lo, depois encontro você no local do piquenique, está bem?

Sorri para ela esperando transmitir alguma coisa como: *Ei, você sabe que estou do seu lado. Os deuses são canalhas! Mas o que você pode fazer?*

Provavelmente, minha expressão dizia: *Não é minha culpa! Por favor, não me mate!*

Antes que ela pudesse protestar ou me causar algum dano físico, segurei o braço de Hermes.

— Vamos ao seu escritório.

* * *

Hermes e eu nos sentamos na carroceria do caminhão de entregas, sobre duas caixas com a inscrição: SERPENTES VENENOSAS. ESTE LADO PARA CIMA. Talvez aquele não fosse o melhor lugar para sentar, mas era melhor que algumas das outras encomendas, cujas caixas identificavam EXPLOSIVOS: NÃO SENTE e OVOS DE DRAKON: NÃO ARMAZENAR PERTO DE EXPLOSIVOS.

— Então, o que aconteceu? — perguntei a ele.

Hermes se jogou nas caixas de encomendas. Ele olhava para as mãos vazias.

— Só os deixei sozinhos por um minuto.

— Quem...? — perguntei. — Ah, George e Martha?

Ele balançou a cabeça, desanimado.

George e Martha eram as duas cobras que se enrolavam em seu caduceu — seu cajado do poder. Você provavelmente já viu imagens do caduceu em hospitais, já que ele é usado como símbolo pelos médicos. (Annabeth diria que tudo isso é um mal-entendido. Supõe-se que o cajado seja o de Asclépio, que é o deus da medicina, blá-blá-blá. Mas tanto faz.)

Eu gostava de George e Martha. Tinha a sensação de que Hermes também gostava deles, embora estivesse constantemente discutindo com os dois.

— Cometi um erro estúpido — resmungou ele. — Atrasei uma entrega. Parei no Rockefeller Center e estava entregando uma caixa de capachos para Jano quando...

— Jano — repeti. — O cara de dois rostos, o deus das portas.

— Sim, sim. Ele trabalha lá. Televisão.

— Sério?

Na última vez que tinha encontrado Jano ele estava em um labirinto mágico mortal, e a experiência não havia sido agradável.

Hermes revirou os olhos.

— Você com certeza tem visto televisão ultimamente. Está claro que eles não têm ideia do que estão fazendo. Isso é porque Jano está no comando da programação. Ele adora colocar novos programas no ar e tirá-los depois de dois episódios. Deus dos começos e fins, afinal. Enfim, eu levava para ele alguns capachos mágicos, e estava estacionado em fila dupla quando...

— Você tem que se preocupar com estacionar em fila dupla?

— Vai me deixar contar a história?

— Desculpe.

— Então, deixei meu caduceu em cima do painel e corri com a caixa até o prédio. Então lembrei que precisava da assinatura de Jano no recibo da encomenda, voltei correndo ao caminhão e...

— E o caduceu havia desaparecido.

Hermes assentiu.

— Se aquele bruto horroroso fez algum mal às minhas cobras, juro por Estige...

— Espere aí. Você sabe quem pegou o cajado?

Hermes bufou.

— É claro. Verifiquei as câmeras de segurança da área. Falei com as ninfas do vento. O ladrão foi Caco.

— Caco. — Eu tinha anos de prática fazendo cara de idiota quando as pessoas mencionavam nomes gregos que eu não conhecia. É uma habilidade minha. Annabeth sempre recomenda que eu leia um livro sobre mitologia grega, mas não vejo necessidade. É mais fácil esperar as pessoas explicarem tudo. — O bom e velho Caco — falei. — Eu devia saber quem é...

— Ah, ele é um gigante — explicou Hermes sem dar muita importância. — Um gigante *pequeno*, não um dos grandes.

— Um gigante pequeno.

— Sim. Talvez uns três metros de altura.

— Pequeno, então — concordei.

— Ele é um ladrão bem conhecido. Roubou gado de Apolo uma vez.

— Pensei que *você* tivesse roubado o gado de Apolo.

— Bem, sim. Eu fui o primeiro e agi com muito mais estilo. De qualquer maneira, Caco está sempre roubando coisas dos deuses. É muito irritante. Ele se escondia em uma caverna no Monte Capitolino, onde Roma foi fundada. Hoje em dia ele está em Manhattan. Em algum lugar subterrâneo, tenho certeza.

Respirei fundo. Eu sabia aonde isso ia nos levar.

— Agora vai me explicar por que você, um deus superpoderoso, não é capaz de simplesmente recuperar seu cajado sozinho, e por que precisa de mim, um garoto de dezesseis anos, para fazer isso em seu lugar?

Hermes inclinou a cabeça.

— Percy, isso soou quase sarcástico. Você sabe muito bem que os deuses não podem andar por aí explodindo cabeças e destruindo cidades mortais à procura de seus objetos perdidos. Se isso fosse possível, Nova York seria destruída toda vez que Afrodite perdesse sua escova de cabelo, e acredite, isso acontece *muito*. Precisamos de heróis para esse tipo de missão.

— Aham. E se você mesmo fosse procurar o cajado, acho que seria um pouco constrangedor.

Hermes comprimiu os lábios.

— Ah, sim. É. Os outros deuses certamente perceberiam. Eu, o deus dos ladrões, fui roubado. E roubaram nada menos que meu *caduceu*, o símbolo do meu poder! Eu

seria ridicularizado por séculos. A ideia é terrível demais. Preciso que isso seja resolvido rapidamente e de maneira discreta, antes que eu me transforme na piada do Olimpo.

— Então... quer que a gente encontre o gigante, recupere seu caduceu e o traga de volta para você. Discretamente.

Hermes sorriu.

— Que ótima oferta! Obrigado. E vou precisar dele antes das cinco da tarde de hoje para terminar minhas entregas. O caduceu é meu bloco de assinatura, meu GPS, meu telefone, minha autorização de estacionamento, meu iPod Shuffle, enfim, não posso fazer nada sem ele.

— Até as cinco. — Eu não tinha um relógio, mas sabia que já devia ser pelo menos uma hora da tarde. — Pode ser mais específico sobre onde está Caco?

Hermes deu de ombros.

— Tenho certeza de que consegue descobrir. E só um aviso: ele cospe fogo.

— Naturalmente — falei.

— E tenha cuidado com o caduceu. A ponta pode transformar pessoas em pedra. Tive que fazer isso uma vez com aquela horrível fofoqueira Battus... mas tenho certeza de que você será cuidadoso. E é claro que vai guardar nosso segredo.

Ele sorriu vitorioso. Talvez fosse só minha imaginação, mas achei que ele havia acabado de ameaçar me petrificar caso eu contasse a alguém sobre o roubo.

Engoli o gosto de serragem em minha boca.

— É claro.

— Vai fazer o que pedi, então?

Tive uma ideia. Sim, às vezes eu tenho ideias.

— O que acha de uma troca de favores? — sugeri. — Eu o ajudo com sua situação constrangedora; você me ajuda com a minha.

Hermes levantou uma sobrancelha.

— O que tem em mente?

— Você é o deus da viagem, certo?

— É claro.

Eu disse a ele o que queria como recompensa.

* * *

Eu estava mais animado quando voltei para junto de Annabeth. Combinara um encontro com Hermes no Rockefeller Center até no máximo cinco horas, e seu caminhão de entregas desaparecera em um raio de luz. Annabeth esperava no local do nosso piquenique com os braços cruzados, indignada.

— Então? — perguntou ela.

— Boas notícias.

E contei a ela o que tínhamos que fazer.

Ela não me bateu, mas parecia estar com vontade de me dar um tapa.

— Por que ir atrás de um gigante que sopra fogo é uma boa notícia? E por que diabos eu ia querer ajudar Hermes?

— Ele não é tão mau — falei. — Além do mais, duas cobras inocentes estão encrencadas. George e Martha devem estar com medo...

— Isso é uma piada? — perguntou ela. — Diga que combinou tudo com Hermes para encobrir uma festa surpresa do nosso aniversário.

— Ah... Bem, não. Mas depois prometo...

Annabeth levantou a mão.

— Você é bonitinho e fofo, Percy, mas por favor... chega de promessas. Vamos encontrar esse gigante.

Ela enfiou a toalha de piquenique na mochila e guardou a comida. Triste... Eu nem havia experimentado a pizza. A única coisa que Annabeth mantinha fora da mochila era seu escudo.

Como muitos outros itens mágicos, ele havia sido projetado para se transformar em um objeto menor para ser transportado com mais facilidade. O escudo se encolhe até ficar do tamanho de um prato, e era assim que o estávamos usando. Ótimo para queijo e bolachas.

Annabeth removeu as migalhas do prato e jogou-o para o alto. Ele se expandiu no ar, enquanto girava. Quando caiu na grama era um escudo de bronze, e sua superfície altamente polida refletia o céu.

O escudo havia sido útil durante nossa batalha contra os titãs, mas eu não sabia ao certo como poderia nos ajudar agora.

— Essa coisa só mostra imagens aéreas, certo? — perguntei. — Caco deve estar no subterrâneo.

Annabeth deu de ombros.

— Não custa tentar. Escudo, quero ver Caco.

A luz tremulou sobre a superfície de bronze.

Em vez de um reflexo, vimos uma paisagem de depósitos em ruínas e estradas malconservadas. A torre enferrujada de um reservatório de água se erguia no cenário urbano.

Annabeth bufou.

— Este escudo idiota tem senso de humor.

— Como assim? — estranhei.

— Isso é *Secaucus*, Nova Jersey. Leia a placa na torre. — Ela bateu com os nós dos dedos na superfície de bronze. — Tudo bem, muito engraçado, escudo. Agora quero ver... Quer dizer, mostre-me a localização do gigante cuspidor de fogo, Caco.

A imagem mudou.

Então vi uma parte conhecida de Manhattan; galpões reformados, ruas pavimentadas, um hotel com fachada toda em vidro e uma ferrovia elevada que havia virado um parque, cheio de árvores e flores silvestres. Lembrei que minha mãe e meu padrasto tinham me levado lá alguns anos antes, na época em que o parque foi inaugurado.

— É o parque High Line — falei. — No Meatpacking District.

— Sim — concordou Annabeth. — Mas onde está o gigante?

Ela franziu a testa com ar concentrado. O escudo deu zoom em um cruzamento bloqueado com barricadas cor de laranja e placas de desvio. Havia equipamentos de construção abandonado à sombra de High Line. Na rua, um grande buraco quadrado era isolado pela fita amarela usada pela polícia. Saía vapor do buraco.

Cocei a cabeça.

— Por que a polícia isolaria um buraco na rua?

— Agora eu lembro — disse Annabeth. — O jornal de ontem falou sobre isso.

— Não vejo jornal.

— Um operário da construção ficou ferido. Foi um acidente estranho bem abaixo da superfície. Estavam cavando um novo túnel de serviço, ou alguma coisa assim, e houve um incêndio.

— Incêndio? — repeti. — Provocado por um gigante soprando fogo, talvez?

— Faria sentido — admitiu ela. — Os mortais não entenderiam o que aconteceu. A Névoa tornaria a visão deles obscura. Pensariam que o gigante era... Não sei... Uma explosão de gás, ou algo do tipo.

— Vamos pegar um táxi.

Os olhos de Annabeth percorreram, sonhadores, o grande gramado do Central Park.

— Primeiro dia de sol em semanas, e meu namorado quer me levar a uma caverna perigosa para lutar contra um gigante que sopra fogo.

— Você é incrível — falei.

— Eu sei — respondeu Annabeth. — Espero que tenha planejado alguma coisa boa para o jantar.

* * *

O táxi nos deixou perto da West 15th. As ruas estavam agitadas, repletas de vendedores ambulantes, operários, compradores e turistas. Por que um lugar chamado Meatpacking District, um bairro que concentrava um monte de frigoríficos, tornou-se, de repente, um bom lugar para passar o tempo? Eu não entendia. Mas isso é o que Nova York tem de legal. Está sempre mudando. Aparentemente, até monstros queriam ficar ali.

Nós fomos até o canteiro de obras. Havia dois policiais no cruzamento, mas eles não prestaram atenção em nós quando surgimos na calçada e recuamos, nos escondendo atrás das barricadas.

O buraco na rua tinha o tamanho de uma porta de garagem, mais ou menos. Um andaime estava suspenso sobre ele por meio de uma espécie de sistema de guinchos, e escadas de metal tinham sido colocadas na parte interna do poço, conduzindo ao interior da abertura.

— Alguma ideia? — perguntei a Annabeth.

Por ser filha da deusa da sabedoria e da estratégia, Annabeth gosta de fazer planos.

— Vamos descer — respondeu ela. — Encontraremos o gigante. Pegaremos o caduceu.

— Uau! — exclamei. — Sábio e estratégico.

— Cale a boca.

Pulamos a barricada, passamos por baixo da fita de isolamento e rastejamos na direção do buraco. Fiquei prestando atenção à polícia, mas os oficiais não se viraram. Rastejar para um perigoso poço fumegante no meio de um cruzamento em Nova York era perturbadoramente fácil.

Nós descemos. E descemos...

A escada parecia se estender eternamente. O quadrado de luz acima de nós ficou cada vez menor, até ter o tamanho de um selo postal. Eu não ouvia mais o barulho do trânsito da cidade, só o eco de água corrente. A cada cinco ou seis metros, mais ou menos, uma luz fraca oscilava ao lado da escada, mas a descida ainda era sombria e sinistra.

Eu tinha vaga consciência de que aquela passagem subterrânea se abria atrás de mim em um espaço muito maior, mas continuava concentrado na escada, tentando não pisar nas mãos de Annabeth, que descia abaixo de mim. Não percebi que havíamos chegado ao fundo até ouvir os pés de Annabeth chapinhando na água.

— Santo Hefesto — disse ela. — Percy, olhe.

Parei ao lado dela na poça rasa de sujeira. Virei-me e vi que estávamos em uma caverna do tamanho de uma fábrica. A passagem se abria como uma chaminé estreita. As paredes de pedra eram cobertas de velhos cabos, canos e alvenaria — talvez as fundações de antigos prédios. Canos de água rompidos, possivelmente antigas redes de esgoto, vertiam um fio de água constante que descia pelas paredes, deixando o solo enlameado. Eu não queria saber o que havia naquela água.

Não havia muita luz, mas a caverna parecia uma mistura de canteiro de obras e mercado de pulgas. Caixotes, caixas de ferramentas, paletas de madeira e pilhas de canos de aço estavam espalhados pela caverna. Havia até uma escavadeira semienterrada no lodo.

Ainda mais estranho: vários carros velhos tinham sido levados de algum jeito da superfície até ali, cada um deles cheio de malas e bolsas. Havia cabides de roupas jogados pelo chão, como se alguém tivesse limpado uma loja de departamentos. Pior de tudo, penduradas em ganchos de açougue presos a uma grade de aço inoxidável estavam alinhadas uma série de carcaças de vacas — sem pele, sem entranhas, prontas para o corte. A julgar pelo cheiro e as moscas, a carne não estava muito fresca. Aquilo era quase o suficiente para me fazer virar vegetariano, não fosse meu amor por cheeseburger.

Nenhum sinal de um gigante. Eu esperava que ele não estivesse em casa. Então, Annabeth apontou para o fundo da caverna.

— Talvez por ali.

Um túnel perfeitamente redondo de cerca de seis metros de diâmetro seguia para a escuridão, tal qual uma enorme cobra. Ops... Não foi um bom pensamento.

Eu não gostava da ideia de ir ao outro lado da caverna, especialmente porque tínhamos que nos desviar daquele monte de maquinário pesado e carcaças de vacas.

— Como tudo isso veio parar aqui embaixo?

Acho que tentei sussurrar, mas minha voz ecoou pela caverna do mesmo jeito.

Annabeth analisou o cenário. Era evidente que não gostava do que via.

— Devem ter trazido a escavadeira desmontada e montado aqui embaixo. Acho que foi assim que cavaram o sistema de túneis do metrô há muito tempo.

— E o restante da tralha? — perguntei. — Os carros e, hã, os produtos frigoríficos?

Ela franziu a testa.

— Uma parte parece ser mercadoria de vendedores ambulantes. Essas bolsas e os casacos... O gigante deve ter trazido para cá por algum motivo. — Ela apontou para a escavadeira. — Aquela coisa parece ter ido para um combate.

Quando meus olhos se ajustaram à penumbra, entendi o que ela queria dizer. As esteiras da escavadeira estavam arrebentadas. O assento do motorista, chamuscado. Na frente, a grande pá estava torta, como se houvesse se chocado em alguma coisa... ou como se tivesse levado um soco.

O silêncio era sinistro. Olhei para cima, para o pequeno ponto de luz sobre nós, e senti vertigem. Como uma caverna tão grande podia existir sob Manhattan sem que parte da cidade desmoronasse, ou fosse inundada pelo rio Hudson? Devíamos estar centenas de metros abaixo do nível do mar.

O que realmente me incomodava era aquele túnel do outro lado da caverna.

Não estou dizendo que posso farejar monstros como faz meu amigo Grover, o sátiro. Mas de repente entendi por que ele odiava ficar no subsolo. Era opressor e perigoso. Semideuses não faziam parte desse mundo. Alguma coisa nos aguardava naquele túnel.

Olhei para Annabeth, esperando que ela tivesse uma grande ideia — fugir, por exemplo. Em vez disso, ela começou a se aproximar da escavadeira.

Estávamos no meio da caverna quando um gemido ecoou, vindo do fim do túnel. Nós nos escondemos atrás da escavadeira justamente quando o gigante surgiu da escuridão, alongando os braços enormes.

— Café da manhã — resmungou ele.

Agora eu conseguia vê-lo com clareza, e preferia não ter visto.

Se ele era feio? Vamos colocar assim: Secaucus, Nova Jersey, tinha uma aparência muito melhor que Caco, o gigante, e isso não é um elogio para ninguém.

Como Hermes dissera, o gigante tinha uns três metros de altura, o que o tornava pequeno se comparado a outros gigantes que já vi. Mas Caco compensava o tamanho com inteligência e ousadia. Os cabelos eram encaracolados e cor de laranja, a pele, clara e com sardas. O rosto parecia ter levado um soco de baixo para cima; tinha um bico permanente, nariz arrebitado, olhos grandes e sobrancelhas arqueadas, o que lhe conferia uma aparência assustada e infeliz. Ele vestia um roupão felpudo vermelho e calçava chinelos do mesmo material. O roupão estava aberto, revelando uma cueca samba-canção de seda com estampa de corações e muitos pelos no peito, todos de uma tonalidade de vermelho/rosa/laranja que não se encontra na natureza.

Annabeth não conteve uma risadinha.

— É um gigante ruivo.

Infelizmente, o gigante tinha excelente audição. Ele franziu a testa e examinou a caverna, detendo-se em nosso esconderijo.

— Quem está aí? — berrou. — Vocês... aí atrás da escavadeira.

Annabeth e eu nos olhamos. Ela moveu os lábios, pronunciando um *ops* sem som.

— Vamos lá! — insistiu o gigante. — Não gosto que fiquem bisbilhotando por aqui. Apareçam!

Era uma péssima ideia. Por outro lado, já havíamos sido descobertos. Talvez o gigante ouvisse a voz da razão, apesar de usar cueca de coraçãozinho.

Peguei minha caneta esferográfica e removi a tampa. Minha espada de bronze Contracorrente ganhou vida. Annabeth empunhou o escudo e a adaga. Nossas armas não pareciam muito assustadoras para enfrentar um cara tão grande, mas, juntos, saímos do esconderijo.

O gigante sorriu.

— Ei! Semideuses, não? Eu peço o café da manhã, e vocês aparecem? Isso é muito conveniente.

— Não somos o café — disse Annabeth.

— Não? — O gigante se espreguiçou lentamente. Colunas gêmeas de fumaça brotaram de suas narinas. — Imagino que sejam muito saborosos com *tortillas*, salsa e ovos. *Huevos semidiós*. Só de pensar nisso eu fico com água na boca!

Ele se dirigiu à fileira de carcaças de vaca cercadas de moscas.

Meu estômago revirou.

— Ah, ele não vai... — murmurei.

Caco tirou uma das carcaças de um gancho e soprou fogo nela. Uma torrente de chamas vermelhas assou a carne em segundos, mas não parecia queimar a mão do gigante. Quando a carne ficou torrada e fumegante, Caco descerrou suas mandíbulas, abrindo muito a boca, e devorou a carcaça inteira com três mordidas, comendo inclusive os ossos.

— É... — disse Annabeth com voz fraca. — Ele fez mesmo.

O gigante arrotou. Depois limpou as mãos engorduradas e ainda quentes no roupão e sorriu para nós.

— Então, se vocês não são o café da manhã, devem ser clientes. Em que posso ajudá-los?

Agora ele soava relaxado e simpático, como se estivesse feliz por falar conosco. A disposição, associada ao roupão vermelho e felpudo, o fazia parecer quase inofensivo. Exceto, é claro, por ele ter três metros de altura, cuspir fogo e comer vacas inteiras em três mordidas.

Dei um passo à frente. Pode me chamar de antiquado, mas queria que ele se concentrasse em mim, não em Annabeth. Acho educado querer proteger a namorada de uma incineração instantânea.

— Ah, sim — falei. — Talvez sejamos clientes. O que vende?

Caco riu.

— O que eu vendo? Tudo, semideus! A preços de liquidação, e não vai encontrar preços mais baixos que os daqui. — Ele fez um gesto, mostrando a caverna. — Tenho bolsas de grife, ternos italianos, ah... Alguns equipamentos de construção, aparentemente, e se estiver interessado em um Rolex...

Ele abriu o roupão. Presa na parte interna havia uma variada coleção de brilhantes relógios dourados e prateados.

Annabeth estalou os dedos.

— Falsos! Eu *sabia* que já tinha visto essas coisas antes. Roubou tudo isso dos ambulantes nas ruas, não é? São falsificações de produtos de grife.

O gigante pareceu ofendido.

— Não é uma falsificação *qualquer*, mocinha. Só roubo o melhor! Sou filho de Hefesto. Reconheço falsificações de qualidade quando as vejo.

Franzi a testa.

— Filho de Hefesto? Então você não deveria estar *produzindo* coisas, em vez de roubá-las?

Caco bufou.

— Dá muito trabalho! Ah, às vezes, quando encontro um objeto de qualidade, faço minhas próprias cópias. Mas, na maior parte do tempo, é mais fácil roubar. Comecei roubando gado, você sabe, nos velhos tempos. Adoro gado! Por isso me instalei no Meatpacking District. Depois descobri que há outras coisas além de carne aqui!

O gigante riu, como se aquela fosse uma descoberta incrível.

— Ambulantes, butiques caras... Essa é uma cidade maravilhosa, melhor até que a Roma Antiga! E os operários foram muitos gentis ao construir esta caverna.

— Antes de você expulsá-los — disse Annabeth — e quase matá-los.

Caco sufocou um bocejo.

— Tem certeza de que não são o café da manhã? Porque estão começando a me aborrecer. Se não querem comprar nada, vou buscar a salsa e as *tortillas*...

— Estamos procurando algo especial — interrompi. — Algo real. E mágico. Mas acho que você não tem nada assim.

— Ah! — Caco bateu palmas. — Um comprador VIP. Se eu não tiver o que você quer em estoque, posso roubar... pelo preço certo, é claro.

— O cajado de Hermes — falei. — O caduceu.

O rosto do gigante ficou vermelho como seus cabelos. Os olhos se estreitaram.

— Entendo. Devia saber que Hermes mandaria alguém. Quem são vocês dois? Filhos do deus ladrão?

Annabeth levantou a faca.

— Ele acabou de me chamar de filha de Hermes? Vou enfiar minha faca bem no...

— Sou Percy Jackson, filho de Poseidon — revelei ao gigante. Estendi um braço para conter Annabeth. — Esta é Annabeth Chase, filha de Atena. Às vezes ajudamos os deuses com alguma coisa, como... Hã... Matar titãs, salvar o Monte Olimpo, coisas desse tipo. Talvez tenha ouvido histórias sobre nós. Então, sobre o caduceu... Seria mais fácil simplesmente entregá-lo, antes que a situação se torne desagradável.

Olhei nos olhos dele, torcendo para minha ameaça funcionar. Eu sei, parece ridículo, um garoto de dezesseis anos tentando encarar um gigante que sopra fogo. Mas eu havia enfrentado monstros bem sérios antes. Além do mais, já tinha me banhado no rio Estige, que me tornava imune à maioria dos ataques físicos. Isso

devia valer alguma coisa, certo? Talvez Caco tivesse ouvido falar de mim. Talvez fosse tremer e choramingar: *Ah, sr. Jackson, sinto muito! Eu não sabia!*

Em vez disso, ele jogou a cabeça para trás e riu.

— Ah, entendo! Isso devia me assustar! Mas o único semideus que já me derrotou foi Hércules.

Olhei para Annabeth e balancei a cabeça, irritado.

— Sempre Hércules. Qual é a desse cara?

Annabeth demonstrou indiferença.

— Ele fez um ótimo marketing pessoal.

O gigante continuou se gabando.

— Durante séculos eu fui o terror da Itália! Roubei muitas vacas, mais que qualquer outro gigante. As mães assustavam seus filhos usando meu nome. Elas diziam: "Comporte-se, criança, ou Caco virá roubar suas vacas!"

— Aterrorizante — disse Annabeth.

O gigante sorriu.

— Eu sei! Não é? Então, podem desistir, semideuses. Vocês nunca pegarão o caduceu. Tenho planos para ele!

O gigante levantou a mão e o cajado de Hermes apareceu nela. Eu o vira muitas vezes antes, mas a imagem ainda provocava um arrepio. Objetos divinos radiavam poder. O cajado era de madeira branca e lisa, com mais ou menos um metro de comprimento, uma esfera de prata na extremidade e asas de pombo que batiam, nervosas. Enroscadas no cajado havia duas cobras vivas e muito agitadas.

Percy! Uma voz de réptil soou em minha cabeça. *Graças aos deuses!*

Outra voz de serpente, mais profunda e rabugenta, disse: *Sim, não sou alimentado há horas.*

— Martha, George — reconheci. — Vocês estão bem?

Ficarei melhor se puder comer, reclamou George. *Há ratos ótimos aqui embaixo. Pode pegar alguns para nós?*

George, pare!, censurou-o Martha. *Temos problemas mais sérios. Este gigante quer ficar conosco!*

Caco olhou de mim para as cobras.

— Espere... Você fala com as serpentes, Percy Jackson? Isso é excelente! Diga a elas que é melhor começarem a cooperar. Sou seu novo senhor, e elas só vão comer quando cumprirem minhas ordens.

Que atrevimento!, gritou Martha. *Diga a esse idiota ruivo...*

— Espere aí — interrompeu Annabeth. — Caco, as cobras nunca obedecerão a você. Elas só trabalham para Hermes. Como não pode usar o cajado, ele não tem utilidade alguma para você. Devolva-o, e vamos fingir que isso nunca aconteceu.

— Ótima ideia — concordei.

O gigante rosnou.

— Ah, eu vou descobrir o poder do cajado, menina. E vou *fazer* as cobras cooperarem!

Caco sacudiu o caduceu. George e Martha se contorceram e sibilaram, mas se mantiveram agarrados ao cajado. Eu sabia que ele podia se transformar em várias coisas úteis — uma espada, um telefone celular, um leitor de código de barras para facilitar a comparação de preços no mercado. E uma vez George tinha mencionado alguma coisa perturbadora sobre "modo laser". Eu realmente não queria que Caco descobrisse essa característica.

Finalmente, o gigante grunhiu, frustrado. Ele bateu com o cajado na carcaça de vaca mais próxima e, imediatamente, a carne se transformou em pedra. Uma onda de petrificação espalhou-se de vaca em vaca, até que o suporte não aguentou o peso e desmoronou. Meia dúzia de vacas de granito se espatifou em pedaços.

— Ei, *isso* é interessante! — Caco animou-se.

— Ah, não.

Annabeth recuou um passo.

O gigante virou o cajado em nossa direção.

— Sim! Logo vou dominar esta coisa e serei tão poderoso quanto Hermes. Serei capaz de ir a qualquer lugar! Vou roubar tudo que quiser, produzir falsificações de qualidade e vender tudo no mundo todo. Serei o maior dos vendedores!

— Isso é ser mau de verdade — comentei.

— Há há! — Caco ergueu o cajado, triunfante. — Eu tinha minhas dúvidas, mas agora estou convencido. Roubar este cajado foi uma excelente ideia! Agora vamos ver como posso matar vocês com ele.

— Espere! — disse Annabeth. — Quer dizer que não foi ideia sua roubar o cajado?

— Mate-os! — ordenou Caco para o caduceu, apontando-o em nossa direção, mas a ponta de prata cuspiu apenas pedaços de papel.

Annabeth pegou um deles e leu.

— Está tentando nos matar com cupons — anunciou ela. — Um desconto de oitenta e cinco por cento em aulas de piano.

— Ah! — Caco olhou para as cobras e, como sinal de advertência, soprou labaredas sobre a cabeça delas. — Obedeçam!

George e Martha se retorceram, alarmadas.

Pare com isso!, gritou Martha.

Somos criaturas de sangue frio!, protestou George. *Fogo não é bom!*

— Ei, Caco! — gritei, tentando recuperar a atenção do gigante. — Responda a nossa pergunta. Quem mandou você roubar o cajado?

O gigante sorriu desdenhosamente.

— Semideus tolinho. Quando derrotou Cronos, achou que havia eliminado *todos* os inimigos dos deuses? Você só adiou a queda do Olimpo por algum tempo. Sem o cajado, Hermes não vai conseguir levar mensagens. As linhas olimpianas de comunicação serão rompidas, e esse é só o primeiro passo para o caos que meus amigos planejaram.

— Seus amigos? — indagou Annabeth.

Caco desprezou a pergunta.

— Não importa. Vocês não viverão muito tempo, e eu só estou nisso pelo dinheiro. Com o cajado, vou ganhar milhões! Talvez até milhares de milhões! Agora fiquem quietos. Talvez eu consiga um bom preço por duas estátuas de semideuses.

Eu não gostava de ameaças como aquela. Ficara farto delas havia alguns anos, quando lutei contra Medusa. Não estava ansioso para enfrentar o cara, mas também sabia que não podia deixar George e Martha à mercê dele. Além do mais, o mundo já tinha vendedores chatos demais. Ninguém merecia abrir a porta de casa e dar de cara com um gigante soltando fogo pelas ventas, empunhando um cajado mágico e exibindo uma coleção de Rolex falsificados.

Olhei para Annabeth.

— Hora de lutar?

Ela me deu um sorriso doce.

— Foi a coisa mais sensata que você disse a manhã toda.

* * *

Você deve estar pensando: Espere, vocês simplesmente atacaram sem um plano?

Mas Annabeth e eu lutávamos juntos há anos. Conhecíamos nossas habilidades. Podíamos antecipar os movimentos um do outro. Eu podia até me sentir um pouco nervoso e desajeitado como namorado dela, mas lutar a seu lado? Isso era algo natural.

Hum... Isso não soou direito. Ah, tanto faz.

Annabeth atacou o lado esquerdo do gigante. Eu o ataquei de frente. Ainda não o tinha ao alcance da espada quando Caco abriu a boca e cuspiu fogo.

Minha próxima descoberta assustadora: hálito de fogo é quente.

Consegui saltar para o lado, mas senti os braços arderem e as roupas pegando fogo. Rolei pelo lodo para apagar as chamas e derrubei uma arara de casacos femininos.

— Veja o que você fez! — rugiu o gigante. — São autênticas falsificações Prada!

Annabeth aproveitou a distração para atacar. Ela saltou para as costas de Caco e o esfaqueou na parte de trás do joelho — normalmente o ponto fraco dos monstros. Ela pulou para longe quando Caco girou o caduceu, deixando de acertá-la por pouco. A ponta prateada bateu na escavadeira e a máquina inteira transformou-se em pedra.

— Vou matar você! — Caco cambaleou, e uma substância dourada jorrou de sua perna ferida.

Ele cuspiu fogo na direção de Annabeth, mas ela se esquivou das chamas. Eu ataquei com Contracorrente, e minha lâmina atravessou a perna do gigante, cortando-a.

Era de se esperar que isso fosse suficiente, certo? Não.

Caco berrou de dor. Ele se virou com velocidade surpreendente e me atingiu com o dorso da mão. Fui jogado longe e caí sobre uma pilha de vacas de pedra quebradas. Minha visão ficou turva.

— Percy! — gritou Annabeth, mas a voz dela parecia vinda de debaixo da água.

Mexa-se! A voz de Martha soou em minha cabeça. *Ele vai atacar!*

Role para a esquerda!, falou George, e essa foi uma das sugestões mais úteis que ele já fez. Rolei para a esquerda no exato momento em que o caduceu bateu na pilha de pedras sobre a qual eu havia caído.

Ouvi um *CLANG!*

— Ah! — gritou o gigante.

Levantei cambaleando. Annabeth havia batido com o escudo nas costas de Caco. Eu era especialista em ser expulso do colégio, havia sido posto para fora de várias escolas militares nas quais ainda se acreditava que a palmatória fazia bem à alma. Tinha uma boa ideia de como era ser espancado com uma superfície grande e plana, e me encolhi em solidariedade.

Caco oscilou, mas antes que Annabeth pudesse castigá-lo de novo, ele se virou e arrancou o escudo dela. Amassou o bronze celestial como se fosse papel e o jogou por cima do ombro.

Menos um item mágico.

— Chega! — Caco apontou o cajado para Annabeth.

Eu ainda estava tonto. Minha coluna parecia ter passado a noite no Palácio das Camas-d'Água do Crosta, mas me aproximei ainda cambaleante, decidido a ajudar Annabeth. Antes que pudesse chegar lá, o caduceu mudou de forma. Ele se transformou em um telefone celular e tocou ao som de "Macarena". George e Martha, agora do tamanho de minhocas, se enroscavam em torno da tela.

Boa, disse George.

Dançamos essa no nosso casamento, comentou Martha. *Lembra, querido?*

— Cobras estúpidas!

Caco sacudiu o celular com violência.

Eeeeiii!, falou Martha.

Socorro! A voz de George tremia. *Devo... obedecer... o roupão... vermelho!*

O telefone voltou à forma de cajado.

— Agora se comportem! Ou transformo as duas em bolsa Gucci falsificada! — ameaçou Caco.

Annabeth correu para perto de mim. Juntos, recuamos até estarmos ao lado da escada.

— Nossa estratégia não está funcionando muito bem — disse ela, ofegante. A manga esquerda de sua camiseta fumegava, mas, de resto, ela parecia estar bem. — Alguma sugestão?

Meus ouvidos zumbiam. A voz de Annabeth ainda soava como se ela estivesse embaixo da água.

Espere... *embaixo da água.*

Olhei para cima, para o túnel — todos aqueles canos quebrados cravados na pedra: linhas de abastecimento de água, dutos de esgoto. Sendo filho do deus do

mar, às vezes eu podia controlar a água. Talvez...

— Não gosto de vocês! — berrou Caco. Ele se aproximava de nós soprando fumaça pelas narinas. — É hora de acabar com isso.

— Aguente firme — falei para Annabeth.

Passei a mão livre em torno de sua cintura e concentrei-me em encontrar água acima de nós. Não foi difícil. Senti uma pressão perigosa no sistema de água da cidade, e a atraí diretamente para os canos quebrados.

Caco se elevava sobre nós, a boca brilhando como uma fornalha.

— Quer dizer as últimas palavras, semideus?

— Olhe para cima — falei.

Ele olhou.

Nota mental: quando provocar a explosão do sistema de esgoto de Manhattan, não fique embaixo dele.

Toda a caverna estremeceu com um estrondo quando mil canos de água explodiram lá em cima. Uma cachoeira de água não muito limpa atingiu o rosto de Caco. Puxei Annabeth, desviando-a do curso da água, depois saltei de volta para a correnteza, levando Annabeth comigo.

— O que você está...? — Ela deixou escapar um som estrangulado. — Ahhhh!

Eu nunca havia tentado isso antes, mas viajei correnteza acima como um salmão, pulando contra a corrente enquanto a água inundava a caverna. Se você já tentou subir correndo por um escorregador molhado sabe do que estou falando. Foi mais ou menos assim, mas em um ângulo de noventa graus e sem o escorregador — só a água.

Lá embaixo, ouvi Caco berrando enquanto milhares, talvez até milhões de litros de água imunda caíam sobre ele. Ao mesmo tempo, Annabeth gritava, ameaçava vomitar, me batia, me chamava de nomes encantadores como "Idiota! Estúpido... imundo... pateta!" e concluía sempre com "vou matar você!".

Finalmente, fomos jogados para o alto por um gêiser de nojeira e aterrissamos com segurança na calçada.

Pedestres e policiais recuaram, gritando alarmados diante da nossa versão do Old Faithful feita de esgoto. Ouvi o ruído de freios e o estrondo de carros batendo, pois os motoristas paravam para assistir ao caos.

Eu me sequei — um truque muito útil —, mas o cheiro ainda era horrível. Annabeth tinha velhas bolas de algodão presas aos cabelos e uma embalagem

molhada de bala colada ao rosto.

— Isso foi horrível — disse ela.

— Olhando pelo lado positivo — falei —, ainda estamos vivos.

— Sem o caduceu!

Fiz uma careta. Sim... um pequeno detalhe. Talvez o gigante se afogasse. Talvez se dissolvesse e voltasse ao Tártaro, como acontecia com a maioria dos monstros. Assim poderíamos resgatar o caduceu.

Isso soava bem razoável.

O gêiser retrocedeu, o que foi seguido do terrível som da água escoando pelo túnel, como se alguém no Olimpo houvesse dado a descarga divina.

Então, uma distante voz de cobra soou em minha cabeça. *Que nojo,* disse George. *Aquilo foi nojento até para mim, e eu como ratos.*

Ele está se aproximando!, avisou Martha. *Ah, não! Acho que o gigante descobriu...*

Uma explosão sacudiu a rua. Um raio de luz azul brotou do túnel, abrindo uma trincheira na lateral de um prédio de vidro, derretendo janelas e vaporizando o concreto. O gigante surgiu do poço, o roupão felpudo fumegando, o rosto respingado de lodo.

Ele não parecia feliz. Em suas mãos, o caduceu parecia uma bazuca com cobras enroladas no cano e um bocal azul e brilhante.

— Muito bem — disse Annabeth desanimada. — O que é aquilo?

— Aquilo — deduzi — deve ser o modo laser.

* * *

A todos vocês que moram no Meatpacking District, peço desculpas. Com toda aquela fumaça, os escombros e o caos, vocês provavelmente tiveram que encaixotar suas coisas e se mudar.

Porém, a verdadeira surpresa foi não termos causado *mais* estragos.

Annabeth e eu corremos enquanto outro raio laser abria uma vala na rua à nossa esquerda. Pedaços de asfalto foram lançados por toda parte, como em uma chuva de confetes.

— Você arruinou meus falsos Rolex! — gritou Caco atrás de nós. — Eles não eram à prova d'água! Vai morrer por isso!

Continuamos correndo. Minha esperança era afastar aquele monstro dos inocentes mortais, mas é meio difícil conseguir isso no meio de Nova York. O tráfego bloqueava as ruas. Pedestres gritavam e corriam em todas as direções. Os dois policiais que eu havia visto antes não estavam em lugar algum. Deviam ter sido arrastados pela multidão.

— O parque! — Annabeth apontou para os antigos trilhos elevados da High Line. — Se conseguirmos levá-lo para o jardim suspenso e tirá-lo do nível da rua...

BUM! O laser atravessou um caminhão de comida. O vendedor se jogou pelo balcão de serviço carregando vários espetinhos de carne.

Annabeth e eu nos dirigimos a toda velocidade para a escada do parque. Sirenes soavam distantes, mas eu não queria mais policiais envolvidos. As forças legais mortais só tornariam tudo ainda mais complicado, e, através da Névoa, a polícia podia até pensar que Annabeth e eu éramos o problema. Nunca se sabe.

Subimos as escadas para o parque. Tentei me localizar. Em outras circunstâncias, eu teria apreciado a vista do cintilante rio Hudson e dos telhados dos bairros vizinhos. O clima estava agradável. Os canteiros de flores do parque estavam multicoloridos.

A High Line, porém, estava vazia — talvez por ainda ser horário comercial, ou porque os visitantes tinham sido sensatos e correram ao ouvir as explosões.

Em algum lugar abaixo de nós, Caco rosnava, praguejava e oferecia aos apavorados mortais grandes descontos pelos Rolex um pouco úmidos. Deduzi que tínhamos poucos segundos até ele nos encontrar.

Meus olhos percorreram o parque, esperando encontrar alguma coisa que pudesse nos ajudar. Tudo que via eram galhos, calçadas e muitas plantas. Seria bom se tivéssemos um filho de Demétrio conosco. Talvez ele pudesse enredar o gigante com cipós, ou transformar as flores em ninjas que arremessassem estrelas. Na verdade, nunca vi um filho de Demétrio fazer qualquer uma dessas coisas, mas seria legal.

Olhei para Annabeth.

— Sua vez de ter uma ideia brilhante.

— Estou trabalhando nisso.

Ela era linda em combate. Sei que é um comentário maluco, especialmente depois de termos atravessado uma cachoeira de esgoto, mas seus olhos cinzentos brilhavam quando ela estava lutando para sobreviver. O rosto era luminoso como o de uma

deusa, e acredite, já vi deusas. O jeito como o colar do Acampamento Meio-Sangue repousava em seu pescoço... Tudo bem, desculpe. Eu me distraí um pouco.

Ela apontou.

— Ali!

A trinta metros de nós, a velha ferrovia se dividia e a plataforma elevada formava um Y. O trecho mais curto do Y era uma via sem saída — parte do parque que ainda estava em construção. Pilhas de sacos de terra e mudas de planta cobriam o cascalho. O braço de um guindaste que devia estar lá embaixo, na rua, passava por cima da grade da ferrovia. Muito acima de nós, uma grande garra de metal pendia do braço do guindaste — provavelmente aquele era o equipamento utilizado para içar o material de jardinagem.

De repente entendi o que Annabeth planejava e tive a sensação de estar tentando engolir uma grande moeda.

— Não — falei. — É muito perigoso.

Annabeth levantou uma sobrancelha.

— Percy, você *sabe* que eu sou ótima com brinquedos mecânicos.

Era verdade. Eu a levara a um fliperama em Coney Island e havíamos voltado para casa com um saco cheio de bichinhos de pelúcia. Mas o guindaste era *enorme*.

— Não se preocupe — disse ela. — Já supervisionei equipamentos maiores no Monte Olimpo.

Minha namorada: aluna do segundo ano com honras, semideusa e... ah, sim... arquiteta-chefe do projeto de reforma do palácio dos deuses no Monte Olimpo em seu tempo livre.

— Mas você sabe operar essa máquina? — perguntei.

— Mamão com açúcar. Só precisa atraí-lo para cá. E mantê-lo ocupado enquanto eu o pego.

— E depois?

Ela sorriu de um jeito que me fez ficar feliz por não ser o gigante.

— Você vai ver. Se conseguir pegar o caduceu enquanto ele estiver distraído, vai ser ótimo.

— Mais alguma coisa? — perguntei. — Não quer batatas fritas e uma bebida, talvez?

— Cale a boca, Percy.

— MORTE! — Caco subiu a escada para a High Line. Ele nos reconheceu e se aproximou com lenta e sinistra determinação.

Annabeth correu. Ela alcançou o guindaste e pulou por cima da balaustrada, descendo pelo braço de metal como se fosse um galho de árvore. E sumiu.

Levantei a espada e encarei o gigante. Seu roupão vermelho e felpudo estava em frangalhos. Ele havia perdido os chinelos. Os cabelos vermelhos estavam emplastrados na cabeça como se ele usasse uma touca de banho engordurada. Ele apontou sua bazuca brilhante.

— George, Martha — chamei, esperando que eles pudessem me ouvir. — Por favor, saiam do modo laser.

Estamos tentando, querido!, respondeu Martha..

Meu estômago dói, queixou-se George. *Acho que ele machucou minha barriga.*

Recuei devagar pelos trilhos sem saída, me aproximando do guindaste. Caco me seguiu. Agora que tinha me encurralado, ele não parecia ter pressa para me matar. Parou a cerca de cinco metros de mim, logo depois da sombra do gancho do guindaste. Tentei demonstrar pânico por estar encurralado. Não era difícil.

— Então — vociferou Caco —, suas últimas palavras?

— *Socorro* — eu disse. — *Ai. Ui.* Que tal essas? Ah, Hermes é um vendedor *muito* melhor do que você.

— Ah!

Caco baixou o laser-caduceu.

O guindaste não se moveu. Mesmo que Annabeth conseguisse ligá-lo, eu não entendia como ela poderia ver seu alvo lá de baixo. Provavelmente eu devia ter pensado nisso antes.

Caco apertou o gatilho, e de repente o caduceu mudou de forma. O gigante tentou me acertar com uma máquina de cartão de crédito, mas a única coisa que saiu dela foi um recibo de papel.

Uhuu!, gritou George em minha cabeça. *Um a zero para as cobras!*

— Cajado estúpido!

Insatisfeito, Caco jogou o caduceu no chão, e era esta a oportunidade que eu estava esperando. Lancei-me para a frente, peguei o cajado e rolei por baixo das pernas do gigante.

Quando me levantei, havíamos trocado de posição. Caco estava de costas para o guindaste. O braço mecânico estava bem atrás dele, a garra perfeitamente

posicionada sobre sua cabeça.

Infelizmente, ela ainda não se movia. E Caco ainda queria me matar.

— Você apagou meu fogo com aquele maldito esgoto — rosnou. — Agora rouba meu cajado.

— Que *você* já havia roubado em primeiro lugar — respondi.

— Isso não importa. — Caco estalou os nós dos dedos. — Você também não pode usar o cajado. Vou simplesmente matá-lo com minhas mãos.

O braço do guindaste se moveu, devagar e quase silenciosamente. Percebi que havia espelhos retrovisores fixos ao longo do braço para guiar o operador. E refletidos em um daqueles espelhos eu vi os olhos cinzentos de Annabeth.

A garra se abriu e começou a descer.

Sorri para o gigante.

— Na verdade, Caco, eu tenho outra arma secreta.

Os olhos dele se acenderam com o brilho da ganância.

— Outra arma? Vou roubá-la! Vou copiá-la e ganhar dinheiro vendendo as falsificações! Que arma secreta é essa?

— O nome dela é Annabeth — falei. — E é impossível copiá-la.

A garra desceu, atingindo a cabeça de Caco e jogando-o no chão. Enquanto o gigante estava atordoado, ela se fechou em torno de seu peito e o levantou no ar.

— O que... O que é isto? — O gigante recobrou os sentidos a seis metros de altura. — Ponha-me no chão!

Ele se debatia inutilmente e tentava soprar fogo, mas só conseguia tossir e cuspir um pouco de lodo.

Annabeth movia o braço do guindaste de um lado para o outro, ganhando impulso enquanto o gigante xingava e se debatia. Eu temia que a máquina tombasse, mas o controle de Annabeth era perfeito. Ela balançou o braço pela última vez e soltou o gigante quando ele estava no ponto mais alto do arco descrito pela garra.

— Ahhhhh! — O gigante então voou pelos telhados, passou por cima de Chelsea Piers, e começou a cair no rio Hudson.

— George, Martha — eu disse. — Acham que conseguem voltar ao modo laser só mais uma vez por mim?

Com prazer, respondeu George.

O caduceu transformou-se em uma bazuca de alta tecnologia e aparência letal.

Apontei o cano para o gigante que caía e gritei:

— Disparar!

O caduceu lançou seu raio de luz azul, e o gigante desintegrou-se em uma linda explosão estelar.

Isso foi excelente, disse George. *Posso ter um rato agora?*

Tenho que concordar com George, falou Martha. *Um rato seria ótimo.*

— Vocês merecem — reconheci. — Mas, antes, acho melhor checarmos como está Annabeth.

Ela me encontrou nos degraus do parque, rindo como uma doida.

— Não foi incrível? — perguntou.

— Foi incrível — concordei.

É difícil trocar um beijo romântico quando os dois estão cobertos de lodo, mas nós nos esforçamos. Quando finalmente encerramos o beijo, eu disse:

— Ratos.

— Ratos? — repetiu ela.

— Para as cobras — expliquei. — E depois...

— Ah, deuses. — Ela pegou o celular e olhou as horas. — São quase cinco da tarde. Temos que devolver o caduceu para Hermes!

* * *

As ruas secundárias estavam obstruídas por pequenos acidentes e carros dos serviços de emergência, por isso usamos o metrô. Além do mais, lá havia ratos. Sem entrar em detalhes repugnantes, posso afirmar que George e Martha contribuíram com o serviço de controle de pragas.

Enquanto viajávamos para o norte, elas se enrolaram no caduceu e dormiram satisfeitas e de barriga cheia.

Encontramos Hermes ao lado da estátua de Atlas no Rockefeller Center. (A propósito, a estátua não se parece nada com o Atlas de verdade, mas essa é outra história.)

— Graças às Moiras! — gritou Hermes. — Eu já estava perdendo a esperança!

Ele pegou o caduceu e deu um tapinha leve na cabeça das cobras adormecidas.

— Pronto, pronto, minhas amigas. Agora estão em casa.

Zzzzzzzzzz, disse Martha.

Nham, George resmungou dormindo.

Hermes suspirou aliviado.

— Obrigado, Percy.

Annabeth pigarreou.

— Ah, sim — acrescentou o deus —, e você também, menina. Quase não tenho tempo para terminar minhas entregas! Mas o que aconteceu com Caco?

Contamos a história. Quando relatei o que Caco dissera sobre alguém ter dado a ele a ideia de roubar o caduceu e sobre os deuses terem outros inimigos, o rosto de Hermes ficou sombrio.

— Caco queria interromper as linhas de comunicação dos deuses? — resmungou. — Isso é irônico, considerando que Zeus tem ameaçado...

A voz dele silenciou.

— O quê? — perguntou Annabeth. — Zeus tem ameaçado o quê?

— Nada — disse Hermes.

Era mentira, evidentemente, mas eu havia aprendido que era melhor não confrontar um deus quando ele está mentindo na sua cara. Normalmente, eles transformam você em pequenos mamíferos peludos ou em vasos de plantas.

— Tudo bem — eu disse. — Alguma ideia sobre o que Caco quis dizer quando falou de outros inimigos, ou quem podia querer que ele roubasse seu caduceu?

Hermes ficou inquieto.

— Ah, podem ser muitos inimigos. Nós, os deuses, temos vários.

— Difícil de acreditar — comentou Annabeth.

Hermes assentiu. Aparentemente, ele não captou o sarcasmo na voz dela, ou tinha outras coisas em mente. Por um momento, senti que as advertências do gigante voltariam a nos incomodar mais cedo ou mais tarde, mas era evidente que Hermes não daria qualquer esclarecimento agora.

O deus conseguiu sorrir.

— De qualquer maneira, vocês fizeram um bom trabalho! Agora tenho que ir. Muitas entregas...

— Há ainda um pequeno detalhe: minha recompensa — lembrei.

Annabeth franziu a testa.

— Que recompensa?

— É nosso aniversário de um mês de namoro — falei. — Você não pode ter esquecido.

Ela abriu e fechou a boca. Não é sempre que a deixo sem fala. Preciso saborear esses raros momentos.

— Ah, sim, sua recompensa. — Hermes nos olhou da cabeça aos pés. — Acho que temos que começar com roupas novas. Esgoto de Manhattan não é um visual adequado. O restante vai ser fácil. Deus da viagem, a seu dispor.

— Do que ele está falando? — Annabeth quis saber.

— Uma surpresa especial para o jantar — respondi. — Eu prometi.

Hermes esfregou as mãos.

— Digam adeus, George e Martha.

Adeus, George e Martha, repetiu George sonolento.

Zzz, Martha ressonou.

— Talvez não veja você por um tempo, Percy — avisou Hermes. — Mas... bem, aproveite a noite.

Sua voz soava tão pressagiosa que mais uma vez me perguntei o que ele estaria escondendo. Em seguida, Hermes estalou os dedos, e o mundo se dissolveu à nossa volta.

* * *

Nossa mesa estava pronta. O maître nos acomodou na varanda da cobertura com vista para as luzes de Paris e os barcos no rio Sena. A Torre Eiffel brilhava ao longe.

Eu vestia um terno. Espero que alguém tenha fotografado, porque *não* uso ternos. Felizmente, Hermes providenciou tudo com sua magia. Caso contrário, eu nem teria conseguido dar o nó na gravata. Esperava estar com uma boa aparência, porque Annabeth estava deslumbrante. Ela usava um vestido verde-escuro sem mangas que ressaltava os longos cabelos louros e a silhueta atlética. Seu colar do acampamento havia sido substituído por um fio de pérolas cinzentas que combinavam com seus olhos.

O garçom trouxe pão fresco e queijo, uma garrafa de água com gás para Annabeth, e uma Coca com gelo para mim (porque sou um bárbaro). Comemos coisas cujos nomes nem sei pronunciar, mas estava tudo ótimo. Annabeth precisou de quase meia hora para se recuperar do choque e conseguir falar.

— Isso é... incrível.

— Para você, só o melhor — eu disse. — E achou que eu havia esquecido.

— Você esqueceu, Cabeça de Alga. — Mas seu sorriso dizia que ela não estava realmente zangada. — Mas consertou muito bem. Estou impressionada.

— Tenho meus momentos.

— Sim, com certeza. — Ela segurou minha mão sobre a mesa. Sua expressão ficou séria. — Alguma ideia de por que Hermes parecia tão nervoso? Tive a sensação de que alguma coisa ruim estava acontecendo no Olimpo.

Balancei a cabeça. *Talvez não veja você por um tempo*, o deus dissera, quase como se me prevenisse sobre algo prestes a acontecer.

— Vamos aproveitar esta noite — eu disse. — Hermes vai nos teleportar de volta à meia-noite.

— Temos tempo para um passeio ao longo do rio — sugeriu Annabeth. — E Percy... Fique à vontade para começar a planejar nosso aniversário de dois meses.

— Ah, deuses.

Pensar nisso me deixava em pânico, mas também era bom. Eu sobrevivi a um mês como namorado de Annabeth, então, acho que não fiz nenhuma besteira muito grande. Na verdade, nunca estive mais feliz. Se ela via um futuro para nós, se ainda planejava estar comigo no mês seguinte, isso era o bastante para mim.

— Que tal passearmos então? — Peguei o cartão de crédito que Hermes colocara em meu bolso, um Olimpo Express preto, e o coloquei sobre a mesa. — Quero conhecer Paris ao lado de uma linda garota.

Entrevista com George e Martha,
as cobras de Hermes

É uma honra falar com vocês. São muito famosos, vocês sabem.

George: É isso mesmo, cara. Somos cobras VIPs. Não fosse por nós, o cajado de Hermes seria só um galho velho e sem graça.

Martha: Shhhh... Ele pode ouvir você. Hermes, se estiver ouvindo, nós achamos que você é maravilhoso.

George: Sim, ficamos muito felizes por você ter nos adotado, Hermes. Por favor, não pare de nos alimentar.

Como é trabalhar para Hermes?

Martha: Nós trabalhamos *com* Hermes, querido. Não *para* ele.

George: Sim, só porque ele nos adotou e nos tornou parte do caduceu não significa que ele é nosso dono. Somos seus companheiros fiéis, e ele ficaria entediado sem nós. Ele pareceria bem tolo sem seu caduceu, não?

Qual é a melhor parte do seu trabalho?

Martha: Gosto de conversar com os jovens semideuses. Aquelas crianças são tão doces! Mas é triste quando se tornam maus...

George: Aquele negócio com Cronos foi uma confusão, mas não vamos falar de coisas tristes. Vamos falar do lado divertido, como lasers e viajar pelo mundo com Hermes.

O que vocês fazem quando Hermes está entregando encomendas, protegendo os viajantes e os ladrões e agindo como mensageiro dos deuses?

George: Bem, não somos inúteis. O que acha? Que passamos o dia todo por aí sem fazer nada e tomando banho de sol no caduceu?

Martha: George, quieto, você está sendo grosseiro.

George: Mas ele precisa saber que somos indispensáveis.

Martha: O que George quer dizer é que fazemos muitas coisas por Hermes. Em primeiro lugar, damos apoio moral a ele, e gosto de pensar que nossa presença tranquilizadora ajuda vocês, semideuses, quando Hermes traz notícias não muito boas.

George: Fazemos coisas mais legais que isso. Hermes pode usar o caduceu como vara para tocar gado, como laser, até como celular, e quando ele usa o telefone, este que vos fala é a antena.

Martha: E quando ele entrega encomendas e os clientes precisam assinar o recibo, eu...

George: Ela é a caneta, eu sou o bloco.

Martha: George, não interrompa.

George: Tudo que estou dizendo é que Hermes nunca poderia fazer seu trabalho sem nós!

Telefone, bloco de anotações, caneta...Isso me dá a impressão de que vocês devem ter presenciado muitos fatos importantes.

George: Você falou *ratos*?

Martha: Não, não, ele disse *fatos*. Nós fazemos muitas coisas diferentes, por isso devemos ter presenciado muitos *fatos*...

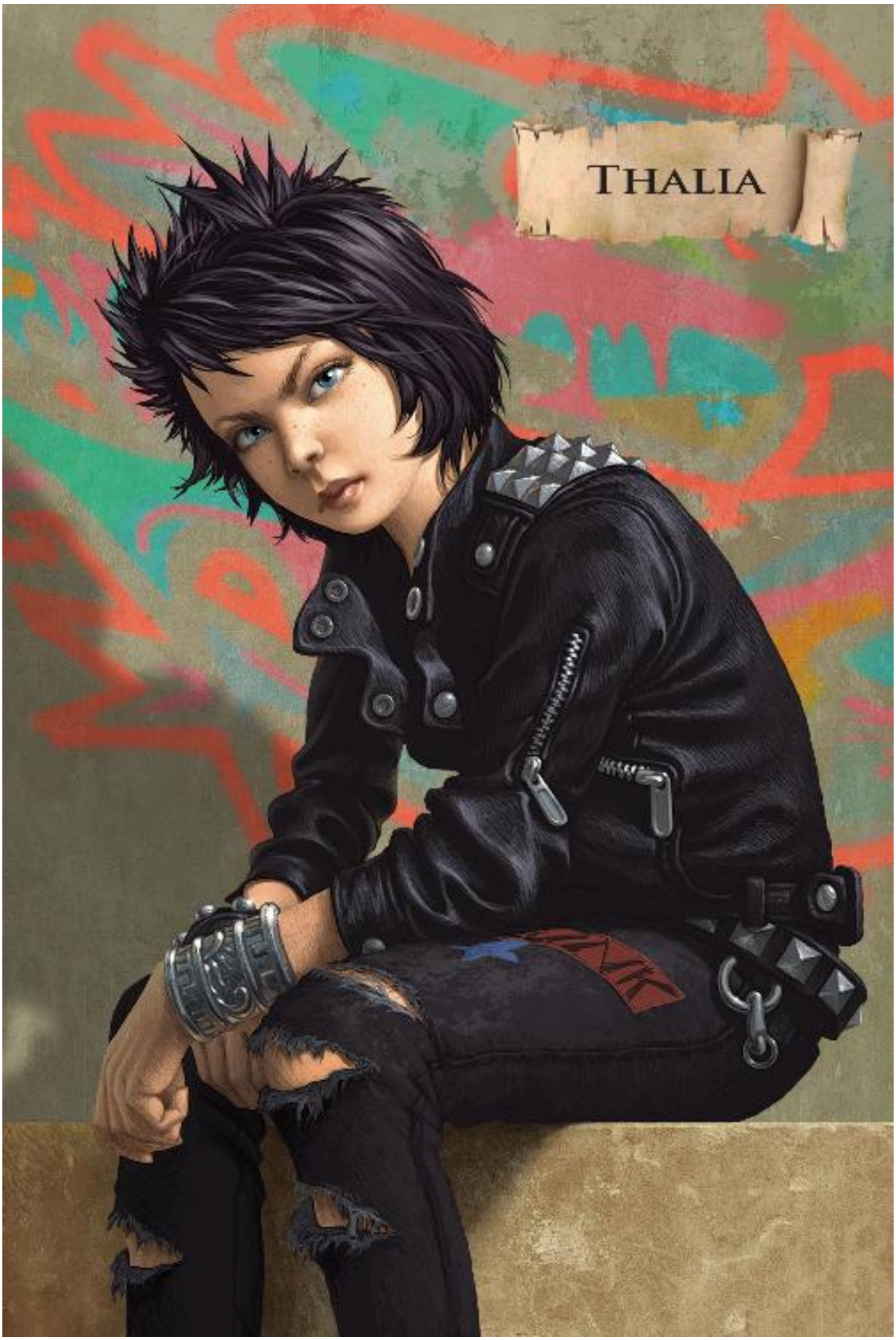
George: Ratos são deliciosos.

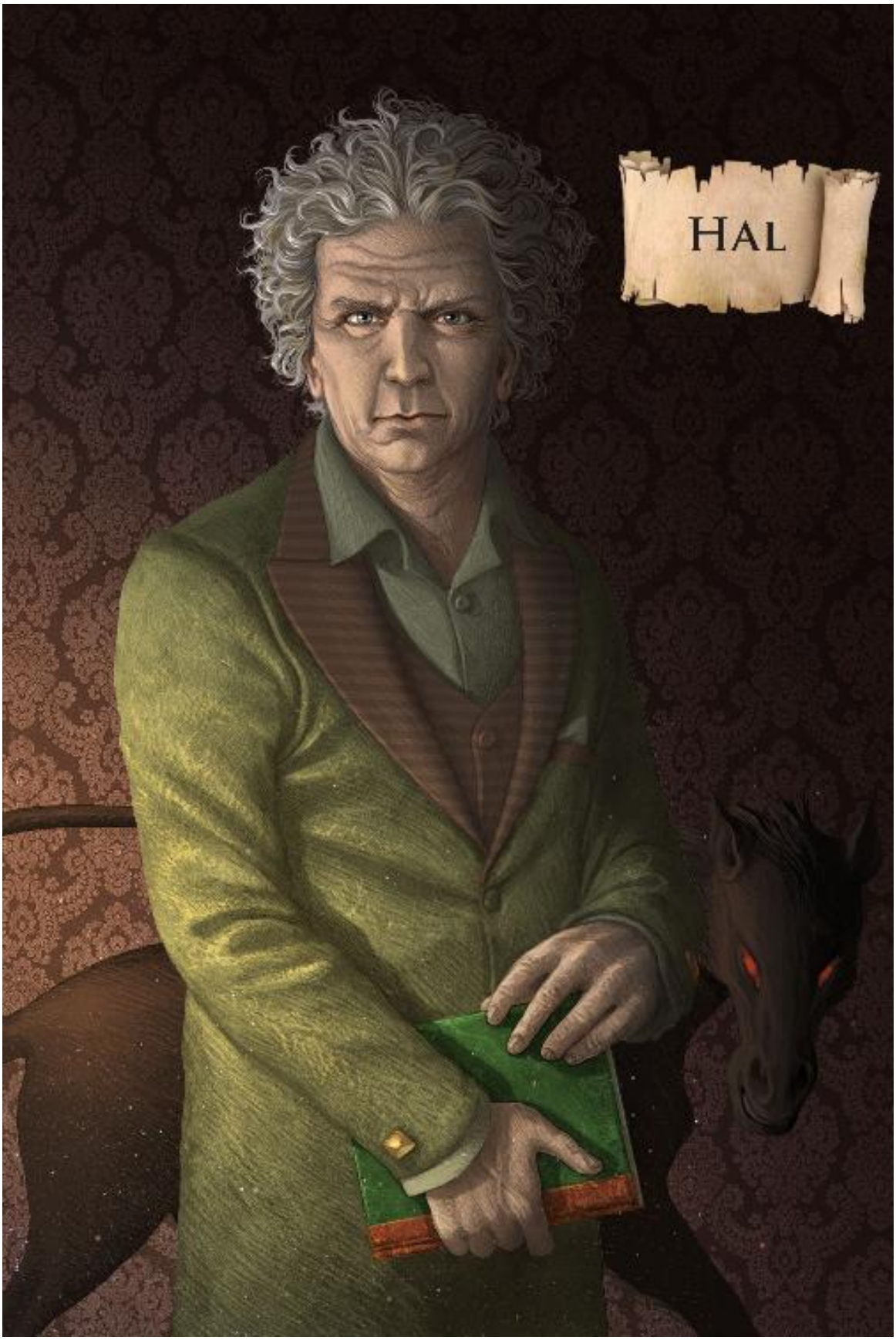
Martha: Não ratos, com R. FATOS, com...

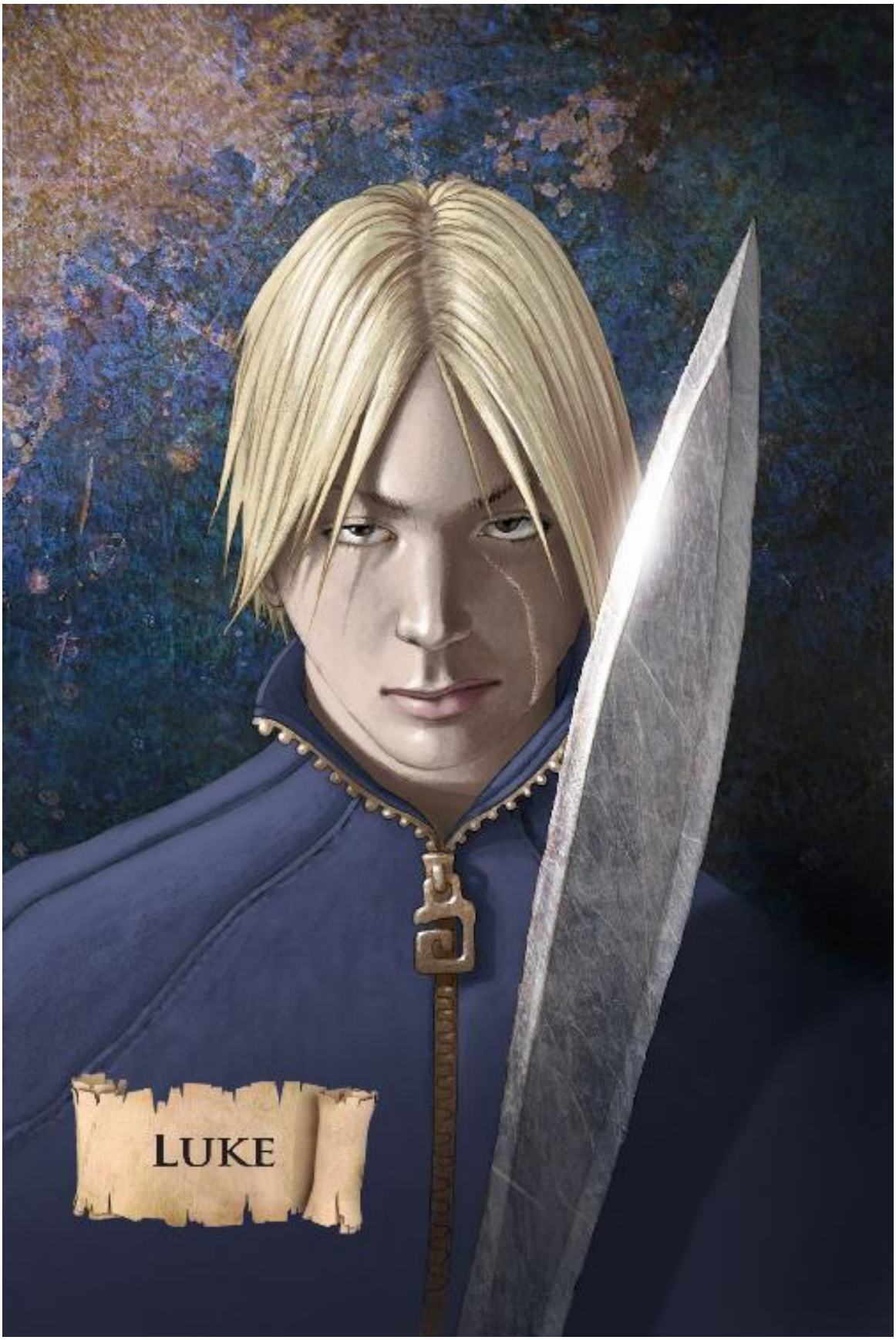
George: Toda essa conversa sobre ratos está me deixando com fome. Vamos almoçar.


FUGA DA CAVERNA SUBTERRÂNEA

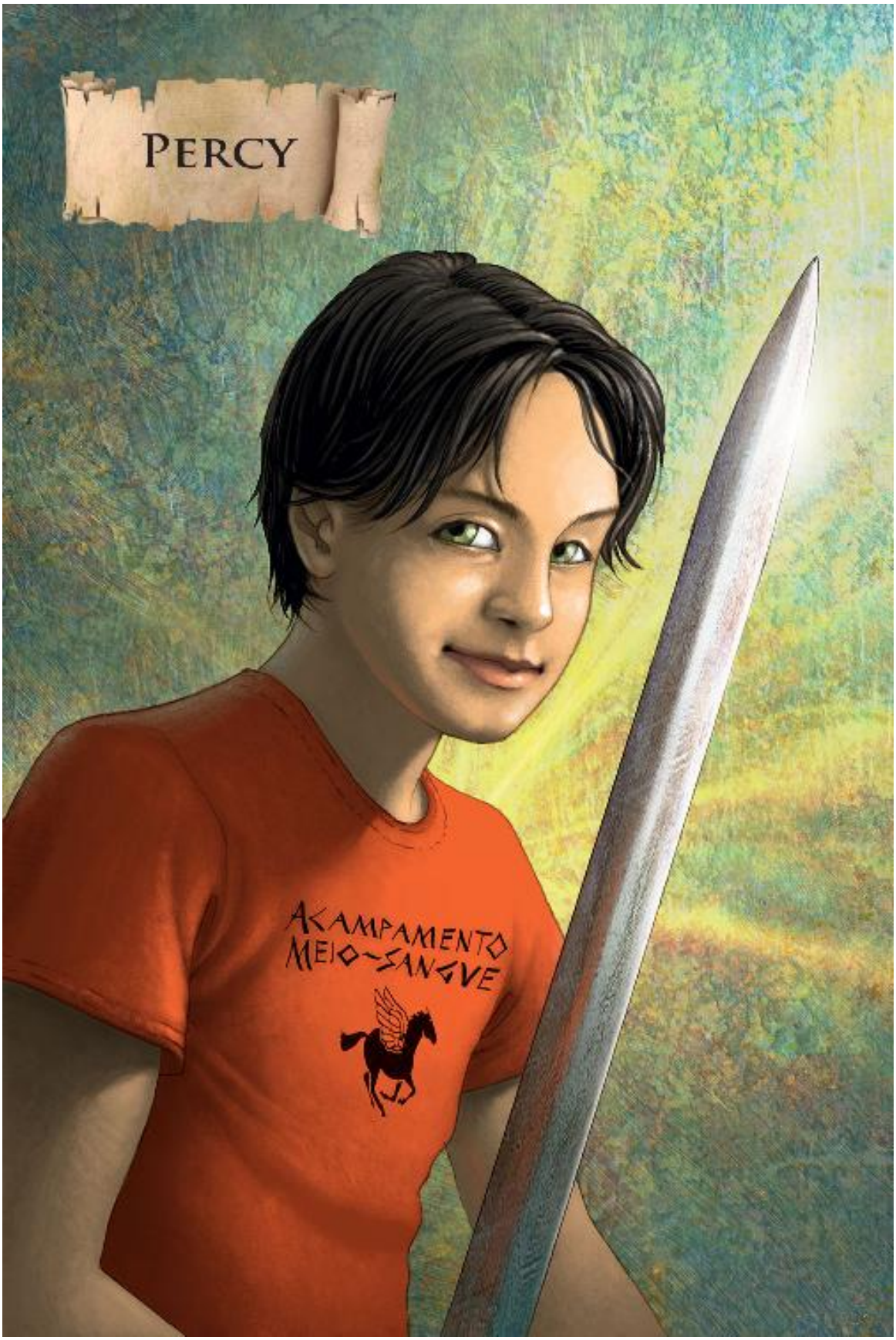
GALERIA DE PERSONAGENS


THALIA


HAL


LUKE


ACAMPAMENTO
MEIO-SANGVE
ANNABETH


PERCY
ACAMPAMENTO MEIO-SANGUE


PIPER


LEO


JASON

LEO VALDEZ E A BUSCA POR BUFORD



Leo culpava os produtos de limpeza. Ele devia saber. Agora todo o seu projeto — dois meses de trabalho — poderia ir pelos ares, literalmente.

Ele andava de um lado para o outro pelo bunker 9, criticando-se por ter sido tão estúpido, enquanto seus amigos tentavam acalmá-lo.

— Está tudo bem — disse Jason. — Estamos aqui para ajudar.

— Conte o que aconteceu — pediu Piper.

Felizmente eles haviam atendido com rapidez ao chamado aflito de Leo. Ele não podia recorrer a mais ninguém. Ter os melhores amigos a seu lado o ajudava a se sentir melhor, ainda que não soubesse se eles poderiam impedir o desastre.

Jason parecia tranquilo e confiante como sempre — um típico surfista bonitão, com seus cabelos louros e olhos azuis como o céu. A cicatriz na boca e a espada ao seu lado conferiam-lhe uma aparência dura, como se fosse capaz de lidar com qualquer coisa.

Piper estava ao lado dele e usava sua calça jeans e a camiseta cor de laranja do acampamento. Os cabelos castanhos e longos estavam presos em uma trança para o lado. Sua adaga, Katoptris, brilhava presa à cintura. Apesar da situação, seus olhos

multicoloridos cintilavam como se ela tentasse conter um sorriso. Agora que ela e Jason estavam oficialmente juntos, Piper tinha sempre aquela expressão.

Leo respirou fundo.

— Tudo bem, pessoal. Isso é *sério*. Buford sumiu. Se não o trouxermos de volta, tudo isso aqui vai explodir.

Os olhos de Piper se endureceram um pouco.

— Explodir? Ah... Tudo bem. Fique calmo e explique quem é Buford.

Ela provavelmente não fizera de propósito, mas Piper tinha aquele poder característico de uma filha de Afrodite, o chamado *charme*, que tornava difícil ignorar sua voz. Leo sentiu os músculos relaxarem. Sua mente clareou um pouco.

— Tudo bem — disse ele. — Venham aqui.

Ele os guiou pelo hangar, desviando cuidadosamente de alguns de seus projetos mais perigosos. Em seus dois meses no Acampamento Meio-Sangue, Leo havia passado a maior parte do tempo no bunker 9. Afinal, descobrira a oficina secreta. Agora o lugar era como um segundo lar para ele, mas sabia que os amigos ainda se sentiam desconfortáveis ali.

E não podia culpá-los. Construído na encosta de um penhasco de calcário no meio da floresta, o bunker era depósito de armas, oficina de máquinas e abrigo subterrâneo, com um pouco da loucura da Área 51 acrescida à mistura. Fileiras de bancadas de trabalho se estendiam pela escuridão. Armários de ferramentas, despensas, caixas cheias de equipamento de solda e pilhas de material de construção formavam um labirinto de corredores tão vasto que Leo imaginava ter explorado apenas um décimo de tudo aquilo até então. Em um nível superior, uma série de passarelas e tubos pneumáticos servia para o transporte de suprimentos, e havia um sofisticado sistema de som e luz que só agora Leo estava começando a entender.

Um grande banner mágico pendia no meio da área de produção. Leo descobrira recentemente como mudar o display, como nos letreiros da Times Square, e agora a mensagem no banner era: *Feliz Natal! Todos os seus presentes pertencem ao Leo!*

Ele levou os amigos à área central. Décadas atrás, o amigo metálico de Leo, Festus, o dragão de bronze, havia sido criado ali. Agora, Leo montava aos poucos seu orgulho e sua alegria — o *Argo II*.

No momento, o projeto nem parecia ser muita coisa. A quilha estava instalada — um pedaço de bronze celestial curvado como um arco, sessenta metros da proa à popa. As pranchas mais baixas do casco já haviam sido colocadas, formando arcos

rasos presos uns aos outros por uma armação. Os mastros estavam separados, prontos para a instalação. A cabeça de um dragão de bronze — que antes fora a cabeça de Festus — também estava ali, cuidadosamente embrulhava em veludo, esperando para ser posicionada em seu lugar de honra.

Leo passava a maior parte do tempo no meio da embarcação, na base do casco, onde construía o motor que poria em movimento o navio de guerra.

Ele subiu pelo andaime e pulou para dentro do barco. Jason e Piper o seguiram.

— Estão vendo? — perguntou Leo.

Preso à quilha, o motor parecia um aparelho de academia de ginástica de última geração, feito com canos, pistões, peças de bronze, discos mágicos, saídas de vapor, fios elétricos e um milhão de outras partes mágicas e mecânicas. Leo entrou e apontou a câmara de combustão.

Era uma coisa linda, uma esfera de bronze do tamanho de uma bola de basquete com uma superfície irregular coberta de cilindros de vidro, o que dava a ela a aparência de uma estrela mecânica. Fios dourados saíam das pontas dos cilindros, conectando várias partes do motor. Cada cilindro era preenchido com uma substância mágica diferente e altamente perigosa. A esfera central tinha um mostrador digital no qual se lia *66:21*. O painel de controle estava aberto, mas não havia nada dentro.

— Aí está o problema — anunciou Leo.

Jason coçou a cabeça.

— Ah... O que temos aqui?

Leo achou que a resposta era óbvia, mas Piper também parecia confusa.

— Tudo bem. — Leo suspirou. — Querem a explicação completa ou a versão resumida?

— A versão resumida — responderam Piper e Jason em uníssono.

Leo apontou para o interior vazio.

— O sincopatizador se encaixa aqui. É uma válvula giratória de múltiplo acesso para regular o fluxo. Os tubos de vidro do lado de fora são cheios de coisas poderosas e perigosas. Aquele vermelho brilhante é fogo de Lemnos das forjas de meu pai. Esse líquido turvo aqui? É água do rio Estige. As substâncias nos tubos vão alimentar o navio, certo? Como bastões radioativos em um reator nuclear. Mas a proporção dos elementos precisa ser controlada, e o timer já está em operação.

Leo bateu no mostrador digital, no qual agora aparecia *65:15*.

— Isso significa que, sem o sincopatizador, toda essa mistura vai vazar para a câmara de combustão ao mesmo tempo, em sessenta e cinco minutos. E quando isso acontecer, teremos uma reação terrível.

Jason e Piper o encararam. Leo se perguntou se havia falado em outro idioma. Às vezes, quando estava agitado, ele falava em espanhol, como a mãe fazia em sua oficina. Mas tinha certeza de que havia falado no idioma certo dessa vez.

— Ah... — Piper pigarreou. — Será que pode resumir um pouco mais a versão resumida?

Leo bateu com a palma da mão na testa.

— Tudo bem. Uma hora. Mistura de fluidos. Bunker faz *bum*. Três quilômetros quadrados de floresta se transformam em uma cratera fumegante.

— Ah... — A voz de Piper era baixa. — E você não pode simplesmente... desligar?

— Caramba, não pensei nisso! — respondeu Leo. — Vou só apertar esse botão e... *Não*, Piper. Não posso desligar. Essa é uma máquina complexa. Tudo tem que ser montado seguindo uma ordem determinada em um tempo determinado. Quando a câmara de combustão é acoplada, como aqui, não se pode simplesmente deixar os tubos parados. O motor tem que ser ligado. A contagem regressiva começou a funcionar automaticamente, e tenho que instalar o sincopatizador antes de o combustível ficar crítico. O que seria muito bom, exceto por... Bem, perdi o sincopatizador.

Jason cruzou os braços.

— Você *perdeu*. Não tem outro? Não tem um extra em seu cinto de ferramentas?

Leo balançou a cabeça. Seu cinto mágico de ferramentas podia produzir muitos objetos incríveis. Leo podia tirar dos bolsos todo tipo de ferramenta comum — martelos, chaves de fenda, alicates, qualquer coisa — simplesmente pensando nela. Mas o cinto não fabricava equipamentos complicados ou itens mágicos.

— Levei uma semana para produzir o sincopatizador — disse ele. — E, sim, fiz um extra. Sempre faço. Mas ele sumiu também. Os dois estavam nas gavetas de Buford.

— Quem é Buford? — perguntou Piper. — E por que ele guarda sincopatizadores nas gavetas?

Leo revirou os olhos.

— Buford é uma mesa.

— Uma mesa — repetiu Jason. — Chamada Buford.

— Sim, uma mesa. — Leo já se perguntava se os amigos estavam com problema de audição. — Uma mesa mágica que anda. Tem um metro de altura, mais ou menos, tampo de mogno, base de bronze, três pés móveis. Tirei-a de um dos armários de suprimentos e pus para funcionar. É parecida com as que meu pai tinha em sua oficina. Muito útil; transporta todas as partes importantes de minha máquina.

— E o que aconteceu com a mesa? — perguntou Piper.

Leo sentiu um nó se formando na garganta. A culpa era demais para ele.

— Eu... fui descuidado. Poli Buford com um limpador qualquer e... ele fugiu.

Jason parecia estar tentando decifrar uma equação.

— Vamos ver se entendi direito. Sua mesa fugiu... porque você a poliu com um limpador qualquer.

— Eu sei, sou um idiota! — resmungou Leo. — Um idiota brilhante, mas ainda assim um idiota. Buford *odeia* essas marcas ruins. Tem que ser lustra-móveis à base de limão com fórmula super-hidratante. Eu me distraí. Achei que ele não perceberia se fosse só uma vez. Então me virei por um instante para instalar os tubos de combustão, e quando o procurei... — Leo apontou para as enormes portas abertas do bunker. — Buford havia sumido. Uma trilha de óleo seguia para o lado de fora. Ele pode estar em qualquer lugar agora, e os dois sincopatizadores estão dentro dele!

Piper olhou para o mostrador digital.

— Então... temos exatamente uma hora para encontrar sua mesa fugitiva, trazer de volta seus sinco-qualquer coisa e instalar um deles no motor. Caso contrário o *Argo II* explode, destruindo o bunker 9 e boa parte da floresta.

— É basicamente isso — respondeu Leo.

Jason franziu a testa.

— Devíamos alertar os outros campistas. Talvez tenhamos que evacuar a área.

— Não! — A voz de Leo soou descontrolada. — Escute, a explosão não vai destruir todo o acampamento. Só a floresta. Tenho certeza. Tipo, sessenta e cinco por cento de certeza.

— Ah, que alívio — murmurou Piper.

— Além do mais — continuou Leo —, não teríamos tempo, e eu... *não posso* contar aos outros. Se descobrirem o quanto estou encrencado...

Jason e Piper se entreolharam. O mostrador do relógio mudou para *59:00*.

— Tudo bem — disse Jason. — Mas é melhor nos apressarmos.

* * *

Enquanto eles percorriam a floresta, o sol começou a se pôr. O clima no acampamento era controlado por magia, por isso não fazia frio nem nevava como no restante de Long Island, mas Leo ainda conseguia perceber que era fim de dezembro. O ar estava úmido e frio à sombra dos imensos carvalhos. O solo coberto de musgo chapinhava sob seus pés.

Leo se sentia tentado a invocar fogo com as mãos. Havia melhorado nisso desde que chegara ao acampamento, mas sabia que os espíritos da natureza na floresta não gostavam de fogo. Não queria ser censurado aos berros por mais nenhuma dríade.

Véspera de Natal. Leo não conseguia acreditar que o tempo havia passado tão rápido. Estivera trabalhando tanto no bunker 9 que nem notara o decorrer das semanas. Quando as festas de fim de ano se aproximavam, ele normalmente pregava peças nos amigos, ficava à toa por aí e se vestia de Papai Taco (sua invenção pessoal), deixando tacos de carne assada nas meias e nos sacos de dormir, derrubando bebida quente na camisa de todo mundo, ou criando letras pouco apropriadas para canções de Natal. Naquele ano, estava compenetrado e trabalhando arduamente. Todos os professores que ele já tivera ririam muito se ouvissem essa descrição dele.

A verdade era que Leo nunca se importara tanto com um projeto antes. O *Argo II* teria que estar pronto até junho, ou não começariam a grande missão a tempo. E, embora junho parecesse estar muito longe, Leo sabia que mal tinha tempo para cumprir o prazo. Mesmo com todo o chalé de Hefesto ajudando, construir um navio de guerra voador era uma tarefa gigantesca. Comparado a ela, lançar uma aeronave da NASA era fácil. Havia muitos obstáculos, mas tudo que Leo conseguia pensar era em terminar a embarcação. Seria sua obra-prima.

Também queria colocar a cabeça de dragão. Sentia falta do velho amigo Festus, que havia literalmente queimado em sua última missão. Mesmo que Festus nunca mais voltasse a ser o mesmo, Leo esperava reativar seu cérebro usando os motores do navio. Se conseguisse dar uma segunda vida a Festus, não se sentiria tão mal.

Mas nada disso aconteceria se a câmara de combustão explodisse. Seria o fim do jogo. Nada de navio. Nada de Festus. Nada de missão. Leo não poderia culpar ninguém além de si mesmo. Odiava produtos de limpeza.

Jason ajoelhou-se às margens de um riacho. Ele apontou para algumas marcas no lodo.

— Acha que são pegadas da mesa?

— Ou de um guaxinim — sugeriu Leo.

Jason franziu a testa.

— Sem dedos?

— Piper, o que você acha? — perguntou Leo.

Ela suspirou.

— O fato de eu ser nativa americana não significa que consigo rastrear uma mesa no meio da floresta. — A voz dela ficou mais grave. — "Sim, *kemosabe*. Uma mesa de três pés passou por aqui há uma hora." Caramba, não sei.

— Tudo bem, puxa — respondeu Leo.

Piper era meio cherokee, meio deusa grega. Em alguns dias era difícil saber que lado da família a afetava mais.

— É uma mesa, provavelmente — decidiu Jason. — O que significa que Buford atravessou o riacho.

De repente a água borbulhou. Uma menina em um cintilante vestido azul veio à superfície. Seus cabelos eram verdes; os lábios azuis e a pele pálida conferiam a ela a aparência de uma vítima de afogamento. Seus olhos arregalados pareciam alarmados.

— Por que não fazem mais barulho? — sussurrou ela. — Eles vão ouvi-los!

Leo piscou. Jamais se acostumara a isso — espíritos da natureza que simplesmente apareciam do meio das árvores, dos rios, de qualquer lugar.

— Você é uma náiade? — perguntou.

— Shhh! Eles vão matar todos nós. Estão bem *ali*!

Ela apontou para trás, para o meio das árvores do outro lado do rio. Infelizmente, aquela era a direção que Buford parecia ter seguido.

— Tudo bem — disse Piper em tom suave, ajoelhando-se perto da água. — Agradecemos pelo aviso. Qual é seu nome?

A náiade parecia querer fugir, mas era difícil resistir à voz de Piper.

— Brooke — respondeu a menina azul, relutante.

— Tudo bem, Brooke. Eu sou Piper. Não vamos deixar ninguém lhe fazer mal. Diga, de quem você tem medo?

O rosto da náiade ficou mais agitado. A água borbulhou em volta dela.

— Meus parentes malucos. Vocês não podem detê-los. Vão destroçá-los. Nenhum de nós está seguro! Agora vão embora. Tenho que me esconder!

Brooke sumiu na água.

Piper levantou-se.

— Parentes malucos? — Ela olhou para Jason demonstrando preocupação. — Alguma ideia do que ela estava falando?

Jason balançou a cabeça.

— Talvez seja melhor falarmos baixo.

Leo olhou para o riacho, tentando imaginar o que era tão horrível a ponto de ser capaz de destruir um espírito do rio. Como é possível aniquilar água? O que quer que fosse, preferia não encontrar.

Mas via os rastros de Buford na margem oposta do rio, pequenas marcas quadradas no lodo que seguiam na direção apontada pela temerosa náiade.

— Temos que seguir aquela trilha, certo? — disse Leo, principalmente para se convencer. — Quer dizer... somos heróis, essas coisas. Podemos enfrentar o que quer que seja. Certo?

Jason empunhou sua espada, um gládio ameaçador, de estilo romano, com uma lâmina de ouro imperial.

— Certo. É claro.

Piper sacou a adaga. Ela olhou para a lâmina como se esperasse que Katoptris mostrasse a ela uma visão útil. Às vezes a adaga fazia isso. Mas, se Piper viu alguma coisa importante, não nos disse nada.

— Parentes malucos — resmungou Piper. — Aí vamos nós.

* * *

Ninguém falou mais nada enquanto o grupo seguia as pegadas da mesa em direção ao interior da floresta. As aves estavam em silêncio. Não havia monstros rosnando. Era como se todas as outras criaturas vivas no bosque tivessem sido inteligentes o bastante para fugir.

Finalmente, eles chegaram a uma clareira do tamanho de um estacionamento. O céu estava cinzento e pesado; a grama, amarela e seca. O solo era marcado por poços e montes, como se alguém tivesse dirigido algum equipamento usado para

construção de um jeito meio maluco. No centro da clareira havia uma pilha de pedras de uns dez metros de altura.

— Ah — disse Piper. — Isso não é bom.

— Por quê? — perguntou Leo.

— Não é bom estarmos aqui — falou Jason. — Isto é um campo de batalha.

Leo ficou carrancudo.

— Que batalha?

Piper levantou as sobrancelhas.

— Como pode não saber disso? Os outros campistas falam desse lugar o tempo todo.

— Tenho estado um pouco ocupado — explicou Leo.

Ele tentou não se sentir triste por isso, mas já havia perdido muito do que acontecia regularmente no acampamento — as disputas de trirreme, as corridas de carruagem, o flerte com as garotas. Era a pior parte. Leo finalmente tinha uma "ligação" com as garotas mais lindas do acampamento, já que Piper era conselheira sênior do chalé de Afrodite, mas estava ocupado demais para conhecer alguém. Triste.

— A Batalha do Labirinto.

Piper manteve o tom de voz baixo e explicou a Leo que a pilha de pedras era chamada de Punho de Zeus quando ainda parecia ser alguma coisa, não só uma pilha de pedras. Ali havia uma entrada para um labirinto mágico, e um grande exército de monstros passara pela abertura para invadir o acampamento. O acampamento vencera, é claro — óbvio, ele ainda estava ali — mas havia sido uma batalha difícil. Vários semideuses morreram. A clareira ainda era considerada amaldiçoada.

— Ótimo — resmungou Leo. — Buford precisava correr para a parte mais perigosa da floresta. Ele não podia fugir para a praia, ou para uma lanchonete.

— Falando nisso... — Jason estudou o solo. — Como vamos rastreá-lo? Não há vestígios aqui.

Leo teria preferido permanecer entre as árvores, mas seguiu os amigos pela clareira. Eles começaram a procurar pegadas da mesa, aproximando-se da pilha de pedras, mas nada encontraram. Leo tirou um relógio do cinto de ferramentas e o pôs no pulso. Aproximadamente quarenta minutos até o grande *bum*.

— Se eu tivesse mais tempo — disse ele —, poderia criar um dispositivo de rastreamento, mas...

— Buford tem um tampo redondo? — interrompeu Piper. — Com pequenas saídas de vapor salientes em um dos lados?

Leo a encarou.

— Como sabe?

— Porque ele está bem ali.

Buford se movia na direção do limite oposto da clareira, com vapor escapando das saídas. Diante dos olhos de todos, a mesa desapareceu no meio das árvores.

— Foi fácil.

Jason fez menção de seguir a mesa, mas Leo o conteve.

Os fios de cabelo em sua nuca se arrepiaram. Leo não sabia por quê. Então percebeu que ouvia vozes na floresta, a sua esquerda.

— Alguém está vindo para cá!

Ele puxou os amigos para trás das pedras.

— Leo... — sussurrou Jason.

— Shh!

Uma dúzia de meninas descalças surgiu na clareira. Eram adolescentes com vestidos largos como túnicas feitos em seda roxa e vermelha. Os cabelos eram trançados com folhas, e muitas usavam guirlandas de louro. Algumas carregavam estranhos cajados que pareciam tochas. As meninas riam e rodopiavam, tombando na grama e rodando como se estivessem tontas. Eram todas lindas, mas Leo não se sentia tentado a flertar com elas.

Piper suspirou:

— São só ninfas, Leo.

Leo gesticulou aflito para que ela continuasse abaixada. E sussurrou:

— Parentes malucos!

Piper arregalou os olhos.

Quando as ninfas se aproximaram, Leo começou a notar alguns detalhes estranhos. Os cajados não eram tochas. Eram galhos retorcidos, cada um deles com uma pinha gigante na ponta, e alguns eram envoltos por cobras vivas. As guirlandas de louro das meninas também não eram guirlandas. Os cabelos eram trançados com pequenas víboras. As garotas sorriam e cantavam em grego antigo enquanto dançavam pela clareira. Pareciam estar se divertindo muito, mas tinham na voz um

tom de ferocidade selvagem. Se leopardos pudessem cantar, Leo acreditava que o som seria aquele.

— Elas estão bêbadas? — sussurrou Jason.

Leo franziu a testa. As meninas se comportavam como se estivessem embriagadas, mas ele acreditava que havia algo mais ali. Estava feliz por ainda não terem sido vistos por elas.

Então as coisas se complicaram. Na floresta, à direita de onde estavam, alguma coisa rugiu. As árvores foram sacudidas, e um *drakon* apareceu na clareira, aparentemente sonolento e irritado, como se a cantoria das ninfas o houvesse acordado.

Leo havia visto muitos monstros na floresta. O acampamento os colecionava intencionalmente como um desafio para os campistas. Mas aquele era o maior e o mais assustador de todos.

O *drakon* tinha o tamanho de um vagão de metrô. Não tinha asas, mas a boca era cheia de dentes afiados como facas. Labaredas brotavam de suas narinas. Escamas prateadas cobriam seu corpo como uma brilhante malha de metal. Quando viu as ninfas, o *drakon* rugiu novamente e cuspiu fogo para o céu.

As meninas pareciam não notar. Continuavam dando piruetas e rindo, empurrando umas às outras em sua brincadeira.

— Temos que ajudá-las — cochichou Piper. — Elas serão mortas!

— Espere — disse Leo.

— Leo — disse Jason —, somos heróis. Não podemos deixar meninas inocentes...

— Espere! — insistiu Leo. Alguma coisa o incomodava naquelas meninas, uma história da qual só se lembrava parcialmente. Como conselheiro do chalé de Hefesto, Leo havia se encarregado de estudar itens mágicos, caso um dia precisasse construí-los. Tinha certeza de que havia lido alguma coisa sobre cajados com pinha e cobras. — Vejam.

Finalmente, uma das meninas notou o *drakon*. Ela gritou com alegria, como se visse um filhotinho fofo. A menina saltitou na direção do monstro, e as outras a seguiram cantando e rindo, o que pareceu confundi-lo. Provavelmente, ele não estava acostumado com presas tão animadas.

Uma ninfa em um vestido vermelho-sangue deu uma pirueta e aterrissou na frente do *drakon*.

— Você é Dioniso? — perguntou ela, esperançosa.

A pergunta era estúpida. Leo não conhecia Dioniso, mas tinha certeza de que o deus do vinho não era um *drakon* cuspidor de fogo.

O monstro soprou um jato de fogo nos pés da menina. Ela simplesmente afastou-se da zona mortal fazendo um passo de dança. O *drakon* saltou e pegou o braço dela entre os dentes. Leo se encolheu, certo de que o membro da ninfa seria amputado ali mesmo, diante dos olhos de todos, mas ela se soltou com um movimento firme, levando consigo vários dentes do *drakon*. Seu braço estava intacto. O monstro fez um barulho que era uma mistura de rugido e ganido.

— Feio! — censurou a menina. E se virou para as amigas animadas. — Não é Dioniso! Ele tem que se juntar a nós!

As ninfas gritaram de alegria e cercaram o monstro.

Piper prendeu o fôlego.

— O que elas...? Ah, deuses! Não!

Normalmente Leo não sentia pena de monstros, mas o que aconteceu em seguida foi realmente pavoroso. As meninas se jogaram sobre o *drakon*. As risadas alegres se tornaram rosnados perversos. Elas o atacaram com as pinhas, com unhas que se transformaram em longas garras brancas, com dentes que agora eram como presas de lobo.

O monstro soprava fogo e cambaleava, tentava se libertar, mas as adolescentes eram demais para ele. As ninfas dilaceravam e cortavam, até que o *drakon* se desfez lentamente em pó e seu espírito voltou ao Tártaro.

Jason engoliu em seco. Leo havia visto o amigo em todo tipo de situação perigosa, mas nunca o vira tão pálido.

Piper protegia os olhos com a mão e murmurava:

— Ah, deuses. Ah, deuses.

Leo tentava manter a voz firme.

— Li sobre essas ninfas. São seguidoras de Dioniso. Esqueci como se chamam...

— Mênades. — Piper estremeceu. — Ouvi falar delas. Pensei que só existissem nos tempos antigos. Elas frequentavam as festas de Dioniso. Quando ficavam muito agitadas...

Ela apontou para a clareira. Não precisou dizer mais nada. Brooke, a náiade, os prevenira. Suas parentes malucas rasgavam as vítimas em pedaços.

— Temos que sair daqui — disse Jason.

— Mas elas estão entre nós e Buford! — murmurou Leo. — E nós só temos... — Ele consultou o relógio. — Trinta minutos para instalar o sincopatizador!

— Talvez eu consiga nos fazer voar até Buford.

Jason fechou os olhos com força.

Leo sabia que o amigo já havia controlado o vento antes — uma das vantagens de ser o filho superlegal de Zeus — mas daquela vez nada aconteceu.

Jason balançou a cabeça.

— Não sei... Estou sentindo o ar agitado. As ninfas devem estar causando essa perturbação. Até os espíritos do vento estão nervosos demais para se aproximarem.

Leo olhou para trás, para o caminho que haviam percorrido.

— Temos que voltar para a floresta. Se pudermos contornar as mênades...

— Pessoal — gritou Piper alarmada.

Leo levantou a cabeça. Não havia percebido que elas estavam se aproximando, escalando as pedras em um silêncio absoluto que era ainda mais sinistro que suas gargalhadas. Elas espiaram de cima da pilha, sorrindo graciosas, unhas e dentes de volta ao tamanho normal. As víboras se retorciam em seus cabelos.

— Olá! — A menina do vestido vermelho-sangue sorriu para Leo. — Você é Dioniso?

* * *

Só havia uma resposta possível.

— Sim! — disse Leo em voz alta. — Com certeza! Eu sou Dioniso.

Ele ficou em pé e tentou sorrir para a garota.

A ninfa aplaudiu, encantada.

— Que maravilha! Meu senhor Dioniso? Mesmo?

Jason e Piper se levantaram, as armas em punho, mas Leo esperava que não tivessem que lutar. Vira a rapidez com que aquelas ninfas conseguiam se mover. Se elas decidissem entrar no modo processador de alimentos, ele e os amigos não teriam qualquer chance.

As mênades riam, dançavam e se empurravam. Várias caíram das pedras e foram parar no chão. Isso não parecia incomodá-las. Elas se levantavam e continuavam brincando.

Piper deu uma cotovelada nas costelas de Leo.

— Uhm, senhor Dioniso, o que está fazendo?

— Está tudo bem. — Leo olhou para o amigo como se dissesse: "As coisas não estão nada bem." — As mênades são minhas ajudantes. Adoro essas meninas.

Elas aplaudiram e giraram em torno dele. Várias produziram taças do nada e começaram a beber... o que quer que houvesse ali dentro.

A menina de vermelho olhou insegura para Piper e Jason.

— Senhor Dioniso, esses dois são sacrifícios para a festa? Devemos rasgá-los em pedaços?

— Não, não! — respondeu Leo. — Ótima oferta, mas, ah, sabe como é, talvez seja melhor começar devagar. Com as apresentações, digamos.

A menina estreitou os olhos.

— Certamente se lembra de mim, meu senhor. Sou Babette.

— Ah, certo! — disse Leo. — Babette! É claro.

— E essas são Buffy, Muffy, Bambi, Candy...

Babette continuou recitando uma lista de nomes que pareciam se fundir em um só. Leo olhou para Piper, tentando decidir se era alguma piada de Afrodite. Essas ninfas combinavam perfeitamente com o chalé de Piper. Mas ela parecia estar se esforçando para não gritar. Provavelmente porque duas mênades passavam as mãos nos ombros de Jason e riam.

Babette aproximou-se de Leo. Ela cheirava a pinheiro. Seus cabelos escuros e encaracolados caíam sobre os ombros e havia sardas por seu nariz. Uma guirlanda de cobras coral se retorcia em sua testa.

Espíritos da natureza normalmente tinham uma coloração esverdeada por causa da clorofila, mas essas mênades pareciam ter suco de cereja no lugar do sangue. Os olhos também eram muito vermelhos. Os lábios eram mais vermelhos que o normal. A pele era riscada por capilares brilhantes.

— Escolheu uma forma interessante, meu senhor — comentou Babette, inspecionando o rosto e o cabelo de Leo. — Jovem. Bonitinho, eu acho. Porém... um pouco magro e baixo.

— Magro e baixo? — Leo engoliu algumas respostas. — Bem, você sabe. Eu queria o efeito *bonitinho*, para ser sincero.

As outras mênades cercaram Leo, sorrindo e cantarolando. Em circunstâncias normais, ser cercado por garotas bonitas teria sido *totalmente* aceitável para Leo, mas

não dessa vez. Não conseguia esquecer como os dentes e as unhas das mênades haviam crescido pouco antes de elas dilacerarem o *drakon*.

— Então, meu senhor — Babette deslizou os dedos pelo braço de Leo. — Onde esteve? Nós o procuramos tanto!

— Onde estive...? — Leo pensou depressa. Sabia que Dioniso trabalhara como diretor do Acampamento Meio-Sangue antes de ele chegar lá. Depois o deus havia sido chamado ao Monte Olimpo para ajudar na questão com os gigantes. Mas por onde Dioniso andara recentemente? Leo não tinha ideia. — Ah, você sabe... Estive tratando de, ah, assuntos de vinho. Sim. Vinho tinto. Vinho branco. Todos aqueles outros tipos de vinho. Adoro vinho. Estive muito ocupado trabalhando...

— Trabalho! — gritou a mênade Muffy, colocando as mãos sobre as orelhas.

— Trabalho! — Buffy sacudiu a língua como se tentasse apagar a horrível palavra.

As outras mênades derrubaram suas taças e correram em círculos gritando:

— Trabalho! Sacrilégio! Matar trabalho!

Algumas começaram a alongar suas garras. Outras batiam a cabeça nas pedras, que pareciam sofrer um dano maior do que as mênades.

— Ele quer dizer festejando! — gritou Piper. — Festejando! Senhor Dioniso esteve ocupado festejando pelo mundo todo.

Lentamente, as mênades começaram a se acalmar.

— Festa? — perguntou Bambi, cautelosa.

— Festa! — Candy suspirou, aliviada.

— Sim! — Leo limpou o suor das mãos. Ele olhou para Piper com gratidão. — Há há. Festa. É isso. Estive *muito* ocupado festejando.

Babette continuava sorrindo, mas não demonstrava simpatia. Ela olhava fixamente para Piper.

— Quem é essa, meu senhor? Uma recruta para as mênades, talvez?

— Ah — respondeu Leo. — Ela é, hã, minha organizadora de festas.

— Festa! — gritou outra mênade, possivelmente Trixie.

— Que pena. — As unhas de Babette começaram a crescer. — Não podemos permitir que mortais assistam às nossas celebrações sagradas.

— Mas eu poderia ser uma recruta! — falou Piper apressada. — Vocês têm um site? Ou uma lista de requisitos? Ou vocês só precisam ficar bêbadas o tempo todo?

— Bêbadas! — repetiu Babette. — Não seja boba. Somos mênades menores de idade. Ainda não bebemos vinho. O que nossos pais pensariam?

— Vocês têm *pais*?

Jason se esquivou das mãos das mênades em seus ombros.

— Não estamos bêbadas! — gritou Candy.

Ela girou em um círculo, atordoada, e caiu, derrubando um líquido branco e espumante de sua taça.

Jason pigarreou.

— Então, se isso não é vinho, o que estão bebendo?

Babette riu.

— A bebida da estação! Observe o poder do tirso!

Ela bateu a ponta de pinha de seu cajado no chão e um gêiser branco borbulhou.

— Eggnog!

As mênades correram para encher suas taças.

— Feliz Natal! — gritou uma delas.

— Festa! — disse outra.

— Matem todos! — berrou uma terceira.

Piper recuou um passo.

— Vocês estão... bêbadas de eggnog?

— Êêêê! — Buffy bebeu todo o seu eggnog e olhou para Leo com um sorriso espumante. — Matar coisas! Com uma pitada de noz-moscada!

Leo decidiu nunca mais beber eggnog.

— Mas chega de conversa, meu senhor — disse Babette. — Você tem sido muito malvado permanecendo escondido! Mudou seu e-mail e o número do telefone. Alguém pode pensar que o grande Dioniso estava tentando evitar as mênades!

Jason removeu as mãos de outra menina de seus ombros.

— Não consigo imaginar por que o grande Dioniso faria tal coisa.

Babette examinou Jason.

— Esse é para o sacrifício, sem dúvida. Devemos começar as comemorações destroçando-o. A menina que organiza festas pode ajudar!

— Ou — disse Leo — podemos começar com aperitivos. Queijo. *Tacos*. Talvez torradas com queijo. E... espere, eu sei! Precisamos de uma mesa para arrumar tudo isso.

O sorriso de Babette perdeu o brilho. As serpentes sibilaram em torno de seu cajado de pinha.

— Mesa?

— Queijo? — repetiu Trixie, esperançosa.

— Sim, uma mesa! — Leo estalou os dedos e apontou para o fundo da clareira. — Sabem de uma coisa? Acho que vi uma andando por ali. Por que não esperam aqui, bebem um pouco de eggnog, enquanto meus amigos e eu vamos buscar aquela mesa? Voltamos já!

Ele começou a se afastar, mas duas mênades o puxaram de volta. O gesto não foi exatamente divertido.

Os olhos de Babette tornaram-se de um vermelho ainda mais profundo.

— Por que meu senhor Dioniso está tão interessado em mobília? Onde está seu leopardo? E sua caneca de vinho?

Leo engoliu em seco.

— Sim. Caneca de vinho. Como sou idiota. — Ele abriu o cinto de ferramentas. Torceu para que ele produzisse ali uma caneca de vinho, mas isso não era uma ferramenta. Os dedos tatearam alguma coisa; ele tirou o objeto e se viu segurando uma chave de roda. — Ei, vejam isto — disse com voz fraca. — Tem magia divina aqui, certo? O que é uma festa sem... uma chave de roda?

As mênades o estudavam. Algumas tinham a expressão fechada. Outras estavam com ar atordoado por causa do eggnog.

Jason se aproximou do amigo.

— Ei, hã, Dioniso... talvez tenhamos que conversar. Em particular. Você sabe... sobre assuntos da festa.

— Voltamos já! — anunciou Piper. — Esperem aqui, está bem?

A voz dela era quase vibrante, carregada de encantamento, mas as mênades não pareceram sentir o efeito.

— Não, vocês vão ficar. — Os olhos de Babette se fixaram nos de Leo. — Você não se comporta como Dioniso. Aqueles que deixam de honrar o deus, os que *ousam* trabalhar, em vez de festejar, esses devem ser dilacerados. E qualquer um que se atrever a imitar o deus deve morrer de maneira ainda mais dolorosa.

— Vinho! — gritou Leo. — Já mencionei o quanto eu amo vinho?

Babette não parecia convencida.

— Se você é o deus das festas, deve saber a ordem das nossas comemorações. Prove! Seja nosso líder!

Leo se sentiu encurralado. Uma vez havia ficado preso em uma caverna no topo de Pikes Peak, cercado por uma matilha de lobisomens. Em outra ocasião tinha sido

em uma fábrica abandonada com uma família de ciclopes maus. Mas isso — estar no espaço aberto de uma clareira com uma dúzia de meninas lindas — era *muito* pior.

— É claro! — Sua voz soou estridente. — Comemorações. Vamos começar pela Macarena...

Trixie mostrou os dentes.

— Não, meu senhor. A Macarena é a segunda etapa.

— Certo — disse Leo. — Primeiro vamos dançar a dança da cordinha, *depois* a Macarena. Então, ah, vamos brincar de prender o rabo do burro...

— Errado! — Os olhos de Babette ficaram vermelhos. O suco de cereja escureceu em suas veias, criando uma teia de linhas vermelhas que pareciam hera sob a pele. — Última chance, e vou dar uma dica. Começamos cantando a Canção do Bacanal. Lembra-se dela, não é?

Leo tinha a sensação de que sua língua estava seca e grossa como uma lixa.

Piper tocou seu braço.

— É claro que ele lembra.

Seus olhos diziam *corra*. Os nós dos dedos de Jason estavam brancos no cabo da espada.

Leo odiava cantar. Ele pigarreou e começou a recitar a primeira coisa que surgiu em sua cabeça: algo que vira na internet enquanto trabalhava no *Argo II*.

Depois de algumas linhas, Candy sibilou:

— Isso não é a Canção do Bacanal! É o tema de abertura de *Psych*!

— Matem os infiéis! — gritou Babette.

* * *

Leo sabia reconhecer sua deixa quando a ouvia.

Ele usou um truque confiável. Do cinto de ferramentas, tirou um frasco de óleo e espalhou seu conteúdo formando um arco diante dele, encharcando as mênades. Não queria ferir ninguém, mas lembrou-se de que aquelas meninas não eram humanas. Eram espíritos da natureza dispostos a destroçá-lo. Ele invocou o fogo nas mãos e incendiou o óleo.

Uma parede de chamas envolveu as ninfas. Jason e Piper correram. Leo os seguiu.

Esperava ouvir gritos das mênades. Em vez disso, o que ouviu foram risadas. Ele olhou para trás e as viu dançando descalças nas chamas. Os vestidos ardiam, mas elas não pareciam se importar. Pulavam no fogo como se brincassem em meio a irrigadores de jardim.

— Obrigada, infiel! — Babette ria. — Nosso frenesi nos torna imunes ao fogo, as chamas fazem cócegas! Trixie, mande um presente de agradecimento para os infiéis!

Trixie pulou sobre a pilha de pedras. Ela pegou uma rocha do tamanho de uma geladeira e a levantou sobre a cabeça.

— Corram! — disse Piper.

— Nós *estamos* correndo!

Jason acelerou um pouco.

— Corram mais! — gritou Leo.

Eles alcançavam os limites da clareira quando uma sombra passou por cima do trio.

— Para a esquerda! — berrou Leo.

Os três se jogaram entre as árvores no momento em que a pedra aterrissou bem perto deles com um baque pavoroso, errando Leo por alguns centímetros. Juntos, começaram a descer uma encosta, até Leo escorregar e cair. Ele atropelou Jason e Piper, e os três rolaram encosta abaixo como uma avalanche de semideuses. No fim, caíram no riacho de Brooke, se ajudaram a levantar e continuaram correndo, embrenhando-se na floresta. Atrás deles, Leo ouvia as mênades rindo e gritando, chamando-o de volta para poderem destroçá-lo.

Por alguma razão, Leo não se sentia tentado a aceitar o convite.

Jason os puxou para trás de um enorme carvalho, onde fizeram uma pausa, ofegantes. O cotovelo de Piper estava muito esfolado, a perna esquerda da calça de Jason havia rasgado a ponto de quase ter sido arrancada, dando a impressão de que a perna estava coberta apenas por uma capa. De algum jeito, todos conseguiram descer a encosta sem se matarem com as próprias armas, o que era um milagre.

— Como vamos vencê-las? — perguntou Jason. — Elas são imunes ao fogo. São muito fortes.

— Não podemos matá-las — disse Piper.

— Tem que haver um jeito — insistiu Leo.

— Não. Não *podemos* matá-las — falou Piper. — Quem mata uma mênade é amaldiçoado por Dioniso. Não leu as velhas histórias? As pessoas que matam as

seguidoras do deus do vinho enlouquecem ou são transformadas em animais ou... Bem, coisas ruins.

— Pior que deixar as mênades rasgarem você em pedaços? — perguntou Jason.

Piper não respondeu. Seu rosto estava tão frio e sujo que ele decidiu não pedir detalhes.

— Isso é ótimo — continuou ele. — Temos que fazê-las parar sem matá-las. Alguém tem um mosquiteiro bem grande por aí para capturá-las?

— Estamos em menor número. São quatro delas para cada um de nós — lembrou Piper. — Além disso... — Ela segurou o pulso de Leo e olhou seu relógio. — Temos vinte minutos até o bunker 9 explodir.

— É impossível — constatou Jason.

— Estamos mortos — concordou Piper.

Mas Leo pensava depressa. Ele era muito melhor quando as coisas pareciam impossíveis.

Deter as mênades sem matá-las... bunker 9... *mosquiteiro*. Uma ideia se formou como uma de suas invenções malucas, todas as engrenagens e válvulas se encaixando perfeitamente em seus lugares.

— Já sei — disse ele. — Jason, você vai atrás de Buford. Sabe para onde ele foi. Contorne a área por trás, encontre-o e leve-o de volta ao bunker depressa! Quando se afastar das mênades, talvez consiga controlar o vento novamente. Então vai poder voar.

Jason franziu a testa.

— E vocês?

— Vamos levar as mênades para longe do seu caminho — disse Leo. — Para o bunker 9.

Piper tossiu.

— Desculpe, mas o bunker 9 não vai *explodir*?

— Sim, mas se eu levar as mênades para lá, vou conseguir dar um jeito nelas.

Jason parecia cético.

— Mesmo que consiga fazer isso, eu ainda vou ter que encontrar Buford e levar o sincopatizador de volta ao bunker em vinte minutos, ou você, Piper e uma dúzia de ninfas malucas vão explodir.

— Confie em mim — disse Leo. — Faltam dezenove minutos agora.

— Adoro esse plano. — Piper se inclinou e beijou Jason: — Para o caso de eu explodir. Agora, por favor, corra!

Jason nem respondeu. Apenas correu pela floresta.

— Venha — Leo chamou Piper. — Vamos convidar as mênades para visitar minha casa.

* * *

Leo havia brincado na floresta antes — principalmente de pique-bandeira —, mas nem a versão completa de simulação de combate no Acampamento Meio-Sangue era tão perigosa quanto fugir das mênades. Ele e Piper voltaram pelo mesmo caminho sob o sol poente. O hálito formava nuvens de vapor. De vez em quando Leo gritava:

— Festa aqui!

Assim ele permitia que as mênades soubessem onde eles estavam. Era perigoso, porque tinham que ficar bem afastados para evitar que elas os pegassem, mas suficientemente perto para que elas não perdessem seu rastro.

Às vezes ele ouvia gritos assustados quando as mênades encontravam um monstro ou um espírito da natureza desafortunado. Uma vez um berro estridente cortou o ar, seguido de um barulho como de uma árvore destruída por um exército de esquilos selvagens. Leo estava tão assustado que mal conseguia continuar. Imaginava que uma pobre dríade acabara de perder sua fonte de vida. Sabia que os espíritos da natureza reencarnavam, mas aquele grito de morte ainda era a coisa mais horrível que ele já ouvira.

— Infiéis! — gritou Babette por entre as árvores. — Venham celebrar conosco!

Ela agora soava muito mais próxima. Os instintos de Leo diziam que ele devia continuar correndo. Esqueça o bunker 9. Talvez ele e Piper conseguissem sair da zona ameaçada pela explosão.

E então... O quê? Deixariam Jason morrer? Deixariam as mênades explodir, e Leo sofreria a maldição de Dioniso? E será que a explosão *mataria* as mênades? Leo não tinha ideia. E se elas sobrevivessem e continuassem procurando Dioniso? Em algum momento acabariam encontrando os chalés e os outros campistas. Não, não era uma opção viável. Leo tinha que proteger os amigos. Ainda podia salvar o *Argo II*.

— Aqui! — gritou ele. — Festa na minha casa!

Segurando Piper pelo pulso, ele correu para o bunker.

Ouviu as mênades se aproximando — pés descalços correndo na grama, galhos quebrando, copos de eggnog sendo estilhaçadas nas pedras.

— Estão quase chegando.

Piper apontou para as árvores. Cem metros adiante havia um penhasco de calcário marcando a entrada do bunker 9.

O coração de Leo era como uma câmara de combustão em nível crítico, mas eles conseguiram chegar ao penhasco. Ele bateu com a mão no calcário. Linhas de fogo cruzaram a superfície da pedra, formando lentamente o contorno de uma enorme porta.

— Vamos! Vamos! — repetia Leo, aflito.

Ele cometeu o erro de olhar para trás. A primeira mênade saiu da floresta. Seus olhos estavam inteiramente vermelhos. Ela riu, mostrando a boca cheia de presas, e usou as garras para rasgar ao meio a árvore mais próxima. Pequenos tornados de folhas giraram em torno dela, como se até o ar houvesse enlouquecido.

— Vamos, semideus! — gritou ela. — Junte-se a mim nas comemorações!

Leo sabia que era insano, mas as palavras zumbiam em seus ouvidos. Parte dele queria correr para a criatura.

Ei, cara, Leo disse a si mesmo. *Regra de ouro dos semideuses: não celebrarás com malucos.*

Mesmo assim, ele deu um passo na direção da mênade.

— Pare, Leo. — A voz encantada de Piper o salvou, paralisando-o. — A loucura de Dioniso está afetando você. Você *não* quer morrer.

Ele respirou fundo, trêmulo.

— Sim. Elas estão ficando mais fortes. Temos que nos apressar.

Finalmente as portas do bunker se abriram. A mênade rosnou. As amigas dela surgiram da floresta, e elas atacaram juntas.

— Virem-se! — disse Piper com sua voz mais persuasiva. — Estamos cinquenta metros atrás de vocês!

Era uma sugestão ridícula, mas o encantamento funcionou momentaneamente. As mênades viraram-se e correram pelo mesmo caminho pelo qual tinham chegado, mas pararam de repente, confusas.

Leo e Piper entraram no bunker.

— Fecho a porta? — perguntou Piper.

— Não! — respondeu Leo. — Queremos que elas entrem.

— *Queremos?* Qual é o plano?

— Plano.

Leo tentou afastar a confusão mental.

Tinham trinta segundos, no máximo, antes de as mênades invadirem o local. O motor do *Argo II* explodiria em... ele consultou o relógio. Ah, deuses, doze minutos?

— O que posso fazer? — perguntou Piper. — Vamos, Leo.

Os pensamentos começaram a clarear. Aquele era *seu* território. Não podia deixar as mênades vencerem.

Da bancada de trabalho mais próxima, Leo pegou uma caixa de bronze com um único botão vermelho. Ele a entregou a Piper.

— Preciso de dois minutos. Suba nas passarelas. Distraia as mênades como fez lá fora, está bem? Quando eu der a ordem, aperte esse botão, esteja onde estiver. Mas *não* antes de eu mandar.

— O que isto faz? — perguntou Piper.

— Nada ainda. Preciso preparar a armadilha.

— Dois minutos. — Piper assentiu, séria. — Vá em frente.

Ela correu para a escada mais próxima e começou a subir, enquanto Leo percorria os corredores e ia pegando coisas de armários e prateleiras de ferramentas e suprimentos. Eram fios e peças de máquinas. Ele acionava interruptores e ativava sensores com cronômetro nos painéis de controle internos do bunker. Não pensava no que estava fazendo, como um pianista não pensa nas teclas que os dedos tocam. Apenas corria pelo bunker, reunindo todas as peças.

Ele ouviu as mênades invadindo o bunker. Por um momento as garotas pararam perplexas, emitindo exclamações de espanto diante da vasta caverna cheia de objetos brilhantes.

— Onde está você? — perguntou Babette. — Meu falso senhor Dioniso! Festeje conosco!

Leo tentava ignorar a voz dela. Depois ouviu Piper em algum lugar nas passarelas suspensas.

— Vamos dançar quadrilha? Virem para a esquerda! — ordenou ela.

As mênades gritaram confusas.

— Escolha uma parceira! — berrou Piper. — Gire-a!

Mais gritos e uivos, e alguns estrondos aparentemente provocados pelas mênades ao esbarrarem em pesados objetos de metal.

— Parem com isso! — gritou Babette. — Não peguem uma parceira! Peguem aquele semideus!

Piper berrou mais algumas ordens, mas isso parecia não estar funcionando.

Leo ouviu passos na escada.

— Ah, Leo? — gritou Piper. — Já se passaram dois minutos?

— Só um segundo!

Ele encontrou o último item de que precisava, um pedaço de tecido dourado e brilhante do tamanho de uma colcha. Introduziu o tecido metálico no tubo pneumático mais próximo e puxou a alavanca. Pronto... presumindo que o plano funcionasse.

Leo correu para o meio do bunker, parou bem na frente do *Argo II* e gritou:

— Ei! Estou aqui!

Ele estendeu os braços e sorriu.

— Venham! Festejem comigo!

E olhou para o mostrador no motor do navio. Restavam seis minutos e meio. Preferia não ter olhado.

As mênades desceram pela escada e começaram a se mover em torno dele, desconfiadas. Leo dançava e cantava músicas de programas de televisão, esperando que isso as fizesse hesitar. Precisava de todas juntas antes de acionar a armadilha.

— Cantem comigo! — disse ele.

As mênades rosnavam. Seus olhos vermelhos pareciam zangados e aborrecidos. As guirlandas de cobras sibilavam. Os tirsos brilhavam com um fogo púrpura.

Babette foi a última a se juntar ao grupo. Quando viu Leo sozinho, desarmado e dançando, ela riu satisfeita.

— É esperto por aceitar seu destino — disse. — O *verdadeiro* Dioniso ia gostar disso.

— Sim — respondeu Leo —, mas, falando nisso, acho que existe um motivo para ele ter mudado o número do telefone. Vocês não são seguidoras dele. São perseguidoras, caçadoras malucas e furiosas. Não encontraram Dioniso porque ele não *quer* que o encontrem.

— Mentira! — disse Babette. — Somos os espíritos do deus do vinho! Ele se orgulha de nós!

— É claro — respondeu Leo. — Eu também tenho alguns parentes malucos. Não culpo o sr. D.

— Matem-no! — berrou Babette.

— Esperem! — Leo levantou as mãos. — Podem me matar, mas querem que isso seja uma festa de verdade, não querem?

Como ele esperava, as mênades hesitaram.

— Festa? — perguntou Candy.

— Festa? — repetiu Buffy.

— Ah, sim! — Leo olhou para cima e gritou na direção da passarela suspensa. — Piper? Acho que é hora de animar as coisas!

Por três segundos incrivelmente longos, nada aconteceu. Leo ficou ali olhando para uma dúzia de ninfas perturbadas que queriam cortá-lo em pedacinhos de semideus.

Então, o bunker ganhou vida. Em torno das mênades, canos se erguiam do chão e sopravam vapor roxo. O sistema de tubos pneumáticos cuspia rebarbas de metal como se fossem confete metalizado. O banner mágico sobre eles brilhou e mudou sua mensagem para BEM-VINDAS, NINFAS PSICÓTICAS!

O sistema de som começou a tocar uma música dos Rolling Stones, a banda favorita da mãe de Leo. Gostava de ouvi-los enquanto trabalhava, porque lembrava os bons e velhos tempos em que ficava na loja da mãe.

Então, o sistema de guincho entrou em ação, e uma bola de espelhos começou a descer bem em cima da cabeça de Leo.

Na passarela suspensa, Piper observou o caos que havia criado apertando apenas um botão, e seu queixo caiu. Até as mênades pareciam impressionadas com a festa instantânea de Leo.

Caso houvesse contado com mais alguns minutos, ele poderia ter feito ainda melhor — um show de laser, um espetáculo pirotécnico, talvez alguns petiscos e uma máquina de bebida. Mas, para algo que havia preparado em dois minutos, não estava ruim. Algumas mênades começaram a dançar. Uma delas fazia a coreografia da Macarena.

Só Babette permanecia indiferente.

— Que truque é esse? — perguntou ela. — Você não festeja por Dioniso!

— Ah, não? — Leo olhou para cima. A bola de espelhos estava quase a seu alcance. — Ainda não viu meu truque final.

A bola se abriu. Um gancho desceu, e Leo pulou e se agarrou a ele.

— Peguem-no! — gritou Babette. — Mênades, atacar!

Felizmente, ela estava com dificuldades para atrair a atenção do grupo. Piper começou a gritar instruções para uma dança, confundindo-as com comandos estranhos.

— Vai para a esquerda, vai para a direita, se mexe à beça! Senta, levanta, se joga de cabeça!

O gancho ergueu Leo enquanto as mênades dançavam, muito próximas umas das outras. Babette saltou para tentar pegá-lo. Os dentes não alcançaram seus pés por pouco.

— Agora! — murmurou ele para si mesmo, torcendo para o cronômetro ter sido programado com precisão.

BLAM! O tubo pneumático mais próximo cuspiu uma cortina de tecido dourado sobre as mênades, cobrindo-as como um paraquedas. Um tiro perfeito.

Elas se debateram sob a rede. Tentaram empurrá-la, cortaram a malha com os dentes e as unhas, mas enquanto esperneavam e se contorciam, a rede simplesmente mudou de forma, endurecendo e se transformando em uma gaiola cúbica de ouro.

Leo sorriu.

— Piper, aperte o botão outra vez!

Ela apertou. A música silenciou. A festa acabou.

Leo soltou-se do gancho e caiu sobre a gaiola que acabara de produzir. Ele sapateou no teto, só para se certificar de que o material era duro como titânio.

— Deixe-nos sair! — gritava Babette. — Que magia maléfica é essa?

Ela batia nas grades, mas nem sua força descomunal ameaçava o material dourado. As outras ninfas sibilavam, gritavam e batiam na jaula com seus tirsos.

Leo saltou para o chão.

— Agora a festa é *minha*, mocinhas. Essa gaiola é feita de rede de Hefesto, uma receita que meu pai inventou. Talvez tenham ouvido a história. Ele pegou a esposa, Afrodite, traindo-o com Ares, então jogou uma rede dourada sobre os dois e os exibiu em público. Eles ficaram presos até meu pai decidir libertá-los. Essa rede aí? É feita do mesmo material. Se dois deuses não conseguiram escapar, vocês não têm chance.

Leo esperava estar certo quanto a isso. As mênades, furiosas, rugiam dentro da prisão, subindo umas nas outras e tentando rasgar o material sem sucesso.

Piper desceu rapidamente a escada e juntou-se a ele.

— Leo, você é *incrível*.

— Eu sei disso. — Ele olhou para o mostrador digital ao lado do motor do navio. Seu coração ficou apertado. — Só por mais dois minutos. Depois disso vou deixar de ser incrível.

— Ah, não. — O rosto de Piper traiu seu desânimo. — Temos que sair daqui!

De repente Leo ouviu um som familiar na entrada do bunker: um sopro de vapor, o estalar de engrenagens e o tilintar de pés de metal batendo no chão.

— Buford! — exclamou Leo.

A mesa automatizada se aproximou dele, zumbindo e abrindo e fechando as gavetas.

Jason surgiu atrás dela sorrindo.

— Esperando por nós?

Leo abraçou a pequena mesa de trabalho.

— Sinto muito, Buford. Prometo que nunca mais vou deixar de respeitar sua opinião. A partir de agora vai ser *só* lustra-móveis à base de limão com fórmula super-hidratante, meu amigo. E quando você quiser!

Buford soprou vapor com alegria.

— Ah, Leo? — disse Piper. — A explosão?

— Certo!

Leo abriu a gaveta frontal de Buford e pegou o sincopatizador. Depois correu para a câmara de combustão. Vinte e três segundos. Ah, muito bom. Sem afobação.

Só teria uma chance de fazer isso da maneira certa. Leo encaixou o sincopatizador no lugar com todo cuidado. Depois fechou a câmara de combustão e prendeu a respiração. O motor começou a vibrar. Os cilindros de vidro brilharam, incandescentes. Se Leo não fosse imune ao fogo, certamente teria sofrido uma horrível queimadura.

O casco do navio estremeceu. Todo o bunker parecia tremer.

— Leo? — perguntou Jason, tenso.

— Aguente aí — respondeu Leo.

— Deixe-nos sair — gritou Babette na gaiola dourada. — Se nos destruir, Dioniso o fará sofrer!

— Ele provavelmente vai mandar um cartão de agradecimento para nós — resmungou Piper. — Mas isso não importa. Estaremos todos mortos.

A câmara de combustão abriu seus vários compartimentos com estalidos metálicos. Líquidos e gases muito perigosos fluíram para o sincopatizador. O motor

vibrou. Em seguida o calor diminuiu, e a vibração se transformou em um ronronar confortável.

Leo pôs a mão no casco, que agora vibrava com a energia mágica. Buford se aninhou em sua perna e soprou vapor.

— É isso mesmo, Buford. — Leo voltou-se orgulhoso para os amigos. — Este é o som de um motor que *não* vai explodir.

* * *

Leo não percebeu o quão estressado estava até desmaiar.

Quando recobrou os sentidos, estava deitado em uma pequena cama perto do *Argo II*. Todo chalé de Hefesto estava ali. Eles haviam estabilizado os níveis do motor, e todos comentavam, admirados, a genialidade de Leo.

Assim que ele se levantou, Jason e Piper o levaram para um canto e garantiram que não haviam contado a ninguém que o navio estivera perto de explodir. Ninguém jamais saberia do enorme equívoco que quase tinha vaporizado a floresta.

Mesmo assim, Leo não conseguia parar de tremer. Quase arruinara tudo. Para se acalmar, ele pegou a embalagem de lustra-móveis à base de limão e poliu Buford cuidadosamente. Depois pegou o sincopatizador extra e o trancou em um armário de suprimentos que *não* tinha pés. Só por precaução. Buford podia ser temperamental.

Uma hora mais tarde, Quíron e Argos chegaram da Casa Grande para cuidar das mênades.

Argos, o chefe da segurança, era um homem grande e louro com centenas de olhos por todo o corpo. Parecia constrangido por descobrir que uma dúzia de mênades perigosas havia se infiltrado em seu território despercebidas. Argos nunca falava nada, mas ficou completamente corado e todos os olhos de seu corpo voltaram-se para o chão.

Quíron, o diretor do acampamento, parecia estar mais irritado do que preocupado. Por ser um centauro, encarava as mênades de um ponto mais elevado. Da cintura para baixo, ele era um cavalo branco. Da cintura para cima, era um homem de meia-idade, com cabelos castanhos e encaracolados e barba, que trazia um arco e flechas presos às costas.

— Ah, elas de novo — disse Quíron. — Olá, Babette.

— Vamos acabar com você! — gritou Babette. — Vamos dançar com você, alimentá-lo com petiscos deliciosos, festejar com você até o amanhecer, e depois rasgá-lo em pedaços!

— Aham. — Quíron não parecia impressionado. Ele olhou para Leo e seus amigos. — Muito bem, vocês três. Na última vez que essas garotas vieram procurar Dioniso, causaram muitos problemas. Vocês as pegaram antes que estivessem fora de controle. Dioniso vai gostar de saber que foram capturadas.

— Então elas *realmente* o incomodam? — perguntou Leo.

— Muito — disse Quíron. — O sr. D. despreza seu fã-clube quase tanto quanto despreza os semideuses.

— Não somos um fã-clube! — esganiçou Babette. — Somos suas discípulas, as escolhidas, suas especiais!

— Aham — resmungou Quíron.

— Então... — Piper se manifestou, incomodada. — Dioniso não teria se importado se nós as tivéssemos destruído?

— Ah, ele se importaria sim! — respondeu Quíron. — Elas ainda são suas seguidoras, mesmo que ele as odeie. Se vocês as ferissem, Dioniso seria obrigado a enlouquecê-los ou matá-los. Provavelmente os dois. Então, bom trabalho. — Ele olhou para Argos. — Mesmo plano da última vez?

Argos assentiu. Ele acenou para um campista do chalé de Hefesto, que se aproximou operando uma empilhadeira e transportou a jaula.

— O que vai fazer com elas? — perguntou Jason.

Quíron sorriu gentilmente.

— Vamos mandá-las para um lugar onde se sentirão em casa. Vamos colocá-las em um ônibus para Atlantic City.

— Ai — gemeu Leo. — Esse lugar já não tem problemas demais?

— Não se preocupe. As mênades vão superar esse espírito festeiro rapidinho. Vão se cansar e desaparecer até o ano que vem. Elas sempre aparecem perto das festas de fim de ano. É bem irritante.

As mênades foram despachadas. Quíron e Argos voltaram à Casa Grande, e os campistas de Leo o ajudaram a trancar o bunker 9 à noite.

Normalmente, Leo trabalhava até altas horas, mas decidiu que já havia feito o suficiente por um dia. Afinal, era véspera de Natal. Merecia um descanso.

O Acampamento Meio-Sangue não comemorava as datas mortais, mas todos estavam animados em torno da fogueira. Alguns bebiam eggnog. Leo, Jason e Piper recusaram, preferindo um bom chocolate quente.

Eles ouviam o grupo cantando junto e observavam as fagulhas do fogo subindo em direção às estrelas.

— Vocês salvaram minha vida de novo — disse Leo aos amigos. — Obrigado.

Jason sorriu.

— Qualquer coisa por você, Valdez. Tem certeza de que o *Argo II* agora está em segurança?

— Em segurança? Não. Mas não corre o risco de explodir. Talvez.

Piper riu.

— Ótimo. Eu me sinto muito melhor agora.

Eles ficaram em silêncio, desfrutando da companhia um do outro, mas Leo sabia que era só um breve momento de paz. O *Argo II* tinha que ficar pronto até o solstício de verão. Então, eles partiriam para uma grande aventura. Primeiro iriam procurar a antiga casa de Jason, o acampamento romano. Depois disso... os gigantes estavam esperando por eles. Gaia, a Mãe Terra, a mais poderosa inimiga dos deuses, reunia suas forças para destruir o Olimpo. Para detê-la, Leo e seus amigos teriam que navegar até a Grécia, antigo lar dos deuses. Leo sabia que poderia morrer em qualquer ponto do caminho.

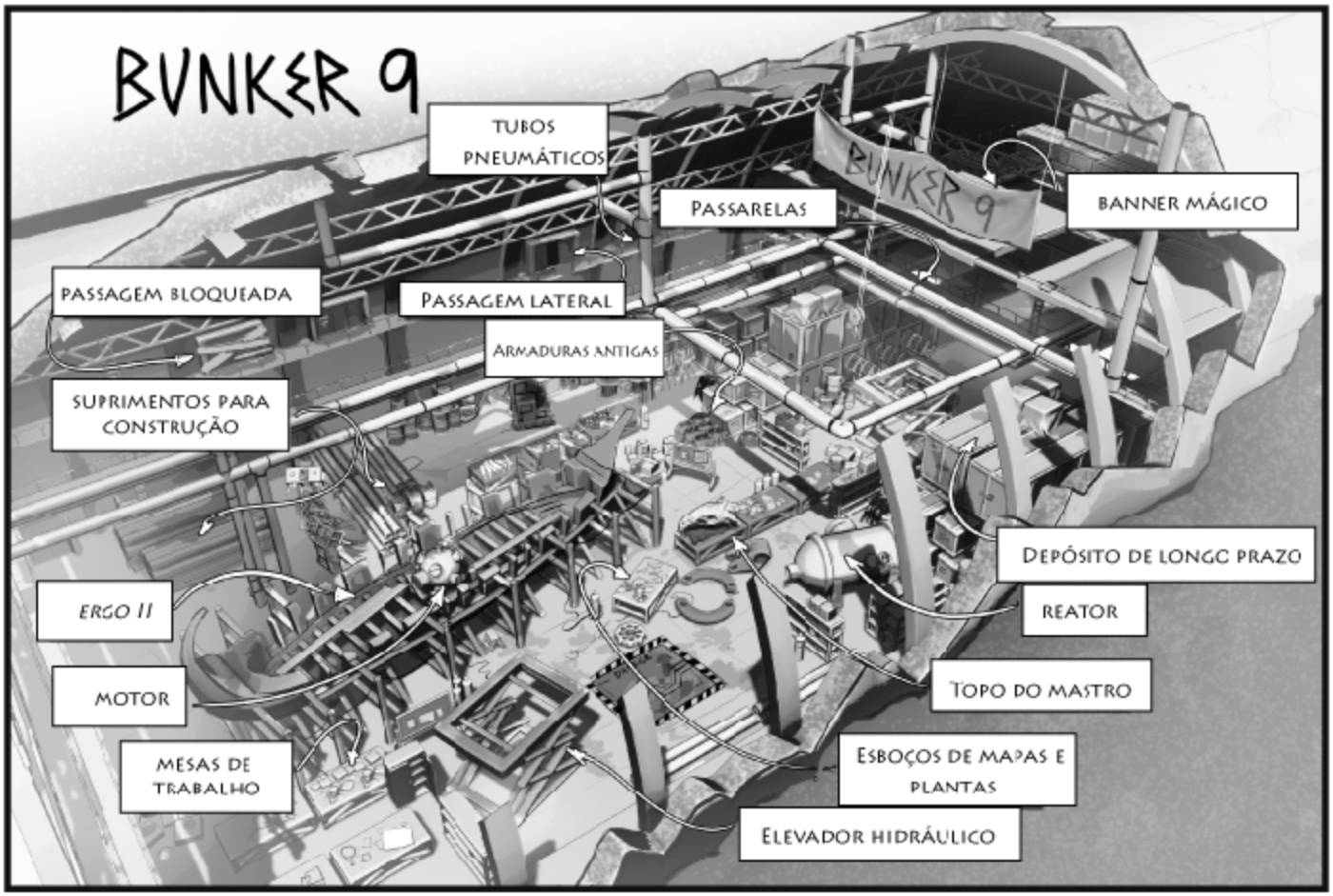
Mas, por ora, ele decidiu se divertir. Quando sua vida está em contagem regressiva para uma inevitável explosão, isso é tudo que se pode fazer.

Ele levantou a caneca de chocolate quente.

— Aos amigos.

— Amigos — disseram Piper e Jason.

Leo permaneceu junto à fogueira até o líder da cantoria do chalé de Apolo sugerir que todos dançassem a Macarena. Naquele momento, Leo decidiu dar a noite por encerrada.


BUNKER 9
TUBOS PNEUMÁTICOS
PASSARELAS
BANNER MÁGICO
PASSAGEM BLOQUEADA
PASSAGEM LATERAL
ARMADURAS ANTIGAS
SUPRIMENTOS PARA CONSTRUÇÃO
DEPÓSITO DE LONGO PRAZO
REATOR
ERGO II
MOTOR
TOPO DO MASTRO
MESAS DE TRABALHO
ESBOÇOS DE MAPAS E PLANTAS
ELEVADOR HIDRÁULICO

PROFECIA

SETE MEIOS-SANGUES

RESPONDERÃO AO CHAMADO.

EM TEMPESTADE OU FOGO,

O MUNDO TERÁ ACABADO.

UM JURAMENTO A MANTER COM UM ALENTO FINAL,

E INIMIGOS COM ARMAS

ÀS PORTAS DA MORTE, AFINAL.

Uma nota de Rick Riordan

Percy Jackson começou como uma história que eu contava a meu filho Haley na hora de dormir. Na primavera de 2002, quando Haley estava no primeiro ano, ele começou a ter problemas na escola. Logo descobrimos que ele tinha transtorno de déficit de atenção e hiperatividade, o TDAH, além de dislexia. Ler era difícil para ele, mas Haley gostava de mitologia grega, assunto que lecionei por muitos anos para alunos do segundo ciclo do ensino fundamental. Para mantê-lo interessado na leitura, comecei a contar os mitos em casa. Quando terminei todos, ele me pediu para inventar um novo. O resultado foi Percy Jackson, o semideus moderno com TDAH e dislexia, inspirado nas dificuldades de meu filho.

Ao longo dos anos, Haley e Percy cresceram juntos. Percy tornou-se um herói. Haley também fez coisas bem heroicas. Aprendeu a superar as dificuldades de aprendizado, se deu bem na escola, tornou-se um leitor voraz e — para meu espanto — decidiu que queria escrever os próprios livros. Recentemente ele concluiu seu primeiro manuscrito de um romance, maior que qualquer coisa que eu já escrevi! Também tenho que admitir que sua habilidade para escrever está anos-luz à frente do que estava a minha quando eu tinha dezesseis anos.

Agora, Haley e Percy têm a mesma idade — dezesseis anos. Para mim, é incrível como os dois foram longe. Quando planejei este livro de pequenas histórias, me ocorreu que Haley podia ter algo a dizer sobre o mundo de Percy. Afinal, ele o inspirou. Não fosse por seu incentivo, eu nunca teria escrito *O ladrão de raios.*

Perguntei a Haley se ele gostaria de contribuir com um conto para *Os diários do semideus*. Ele aceitou o desafio imediatamente. O resultado é "Filho da magia", no

qual Haley explora um novo território no mundo de Percy. Sua história sugere uma questão intrigante: Depois de *O último olimpiano,* o que aconteceu com os semideuses que lutaram no exército de Cronos?

Você está prestes a conhecer um deles. Também vai obter algumas respostas sobre a Névoa, e por que monstros podem "farejar" heróis. Eu queria ter tido essas ideias!

Parece apropriado que Haley e eu tenhamos completado o ciclo. O menino que me inspirou a criar Percy Jackson agora escreve sobre o mundo de Percy. Tenho o prazer de apresentar "Filho da magia", a história de estreia de Haley Riordan.

Filho da magia

por Haley Riordan



— Normalmente convido as pessoas a me fazerem perguntas depois que termino, mas desta vez eu tenho uma pergunta que gostaria de fazer a todos vocês. — Ele recuou um passo, tentando estabelecer contato visual com cada um dos milhares de presentes na plateia. — Quando você morre, o que acontece? A pergunta soa infantil, não é? Mas algum de vocês tem a resposta?

Silêncio, exatamente como ele imaginava...

Dr. Claymore não esperava que ninguém respondesse à pergunta depois da palestra que havia acabado de encerrar. Não pensava que alguém ousaria tentar.

Mas, como sempre, alguém destruiu suas esperanças.

Daquela vez foi o garoto de cabelos castanhos e rosto sardento na primeira fileira de assentos do auditório. Claymore o reconheceu: era o mesmo menino que havia corrido em sua direção no estacionamento dizendo que era seu fã, que havia lido todos os livros dele...

— Sim? — disse o dr. Claymore. — Você acha que sabe? Então, por favor, estamos *morrendo* de curiosidade.

O garoto, que antes se mostrara tão cheio de energia, agora estava sem ação.

Claymore sabia que era crueldade expor ao ridículo aquela criança inocente, mas também sabia que era necessário.

O doutor era só um ator, representando para a plateia como qualquer outro artista durante um espetáculo de mágica. E aquele menino havia acabado de se oferecer como voluntário para participar do show.

Àquela altura toda a plateia olhava para o menino. O homem sentado ao lado dele — o pai do garoto, Claymore presumia — se moveu desconfortável na poltrona.

Com tamanha atenção, Claymore duvidava de que o garoto tivesse força até para respirar. Ele parecia tão frágil: magro e desajeitado, provavelmente alvo de muitas piadas na escola.

Porém, o menino aparentemente frágil fez algo surpreendente. Ele se levantou e encontrou a voz.

— Nós não sabemos — disse. Todo o seu corpo tremia, mas ele sustentava o olhar de Claymore. — Você critica toda e qualquer ideia que as pessoas têm sobre o que acontece após a morte. Depois de toda a sua pesquisa, por que pergunta se nós temos uma resposta? Não encontrou nenhuma?

Claymore não respondeu imediatamente. Se o menino houvesse falado em "paraíso" ou "reencarnação", teria respondido com a rapidez de um chicote, mas aquele comentário era diferente; fez com que ele interrompesse sua atuação de forma abrupta. A plateia olhava para ele com ar crítico, como se considerasse mais fácil se apegar às palavras simplistas do menino do que ao trabalho da vida inteira de Claymore.

Porém, como qualquer artista, Claymore tinha um plano de emergência. Ele deixou que quase cinco segundos se passassem. Mais um pouco, e teria parecido nervoso. Um pouco menos, e teria dado a impressão de uma reação impulsiva. Depois da pausa apropriada, ele deu sua resposta ensaiada.

— Perguntei a todos vocês porque ainda estou em busca da resposta — falou, segurando-se ao púlpito. — E às vezes as verdades mais complicadas aparecem nos lugares mais simples. Quando estiver em meu leito de morte, vou querer saber com certeza absoluta o que me espera. E tenho certeza de que cada um de vocês se sente da mesma maneira.

A plateia aplaudiu. Claymore esperou que terminassem.

— Meu novo livro, *Estrada para a morte*, logo estará nas livrarias — concluiu. — Se vocês quiserem saber mais sobre o assunto, eu ficaria honrado em tê-los como

leitores. E agora desejo a todos uma boa noite. Espero que encontrem as respostas que procuram.

Algumas pessoas na plateia aplaudiram de pé. Claymore sorriu mais uma vez antes de sair do palco. Mas, assim que saiu do alcance do olhar dos espectadores, ele franziu a testa.

Sua vida havia se transformado nisso, em se exibir de evento em evento como um animal de circo. Era um visionário, mas, ao mesmo tempo, uma piada. Talvez uma dezena de pessoas na plateia conseguisse entender remotamente seu trabalho. E sabia que um número ainda menor o aceitava.

A total ignorância dos fãs o aborrecia.

— Sr. Claymore! — Sua anfitriã o encontrou atrás do palco, e Claymore trocou a ruga na testa por um sorriso. Afinal, era essa mulher quem pagava seu cachê. — Que sucesso, sr. Claymore! — disse ela, na ponta dos sapatos de salto alto. — Nunca tivemos uma plateia tão grande!

A mulher apoiou os pés no chão, e Claymore se surpreendeu ao ver que os saltos não quebraram sob o peso dela. Era um pensamento indelicado, provavelmente, mas ela tinha quase sua altura, e Claymore era considerado alto. A melhor maneira de descrevê-la seria como uma típica avó, do tipo que assa biscoitos e tricota suéteres. Era maior que a maioria das avós, porém. E seu entusiasmo era veemente, quase ansioso, faminto. Mas ela tinha fome de quê? Mais biscoitos, Claymore deduziu.

— Obrigado — respondeu ele, rangendo os dentes. — Mas é *doutor* Claymore, na verdade.

— Bem, você foi incrível! — disse ela com um sorriso de orelha a orelha. — Foi o primeiro autor que esgotou a lotação!

"É claro que eu ia lotar o auditório de uma cidadezinha como essa", pensou Claymore. Mais de um crítico o considerara a mente mais brilhante desde Stephen Hawking. Mesmo na infância, usava sua espantosa capacidade de expressão para parecer pouco menos que um deus aos olhos de colegas e professores. Agora era visto da mesma forma por políticos e cientistas.

— Eu prego a verdade, e as pessoas anseiam pela verdade sobre a morte — disse ele, citando um trecho do novo livro.

A mulher pareceu fascinada e, sem dúvida, teria continuado com os elogios por horas, mas já servira a seu propósito. Claymore, então, aproveitou a oportunidade para se despedir.

— Preciso ir para casa agora, sra. Lâmia. Tenha uma boa noite.

Com essas palavras, ele deixou o prédio e saiu para o ar frio da noite.

Jamais teria aceitado palestrar na pequena Keeseville, Nova York, se não possuísse uma casa ali. O enorme auditório se destacava como um dedão inchado naquela cidadezinha para onde ele se mudara a fim de escrever em paz.

A população se aproximava dos dois mil habitantes, o que fazia Claymore pensar que seu público naquela noite havia sido formado por pessoas de vários locais do estado. Era um evento especial, que só acontecia uma vez na vida. Mas, para Claymore, isso era rotina, algo que os editores exigiam dele. Só mais um dia de trabalho.

— Dr. Claymore, espere! — chamou uma voz, mas ele a ignorou.

Se não era sua contratante, não precisava responder. Não havia o que falar... O evento havia terminado. Mas alguém o segurou pelo braço.

Ele se virou irritado. Era *aquele* menino, o mesmo que tentara expô-lo ao ridículo.

— Dr. Claymore! — falou o garoto, ofegante. — Espere. Preciso fazer uma pergunta.

Claymore abriu a boca para censurar a criança, mas parou.

O pai estava alguns passos atrás dele. Pelo menos Claymore presumia que fosse o pai. Ambos tinham os mesmos cabelos castanhos e o mesmo físico esguio.

Ele achava que o homem deveria reprimir o filho pelo comportamento descortês, mas o pai apenas encarava Claymore sem esboçar qualquer expressão.

— Ah, sim, oi — retrucou Claymore, forçando um sorriso para o adulto. — É seu filho?

— Ele tem uma pergunta rápida, só isso — respondeu o pai, distraído.

Relutante, Claymore olhou para o menino que, ao contrário do pai, tinha os olhos inflamados de determinação.

— Suponho que a culpa seja minha — falou Claymore no tom mais civilizado possível. — Eu devia ter dado mais tempo para você falar no fim da palestra.

— É algo importante — disse o menino. — Então, por favor, leve a sério, mesmo que pareça meio estranho, está bem?

Claymore resistiu ao impulso de se afastar. Não gostava de atender ao público, mas sua imagem era importante para a venda dos livros. Não podia permitir que o idiota do pai do garoto contasse ao mundo que ele e o filho haviam sido cruelmente ignorados.

— Pode perguntar — falou Claymore. — Sou todo ouvidos.

O menino endireitou o corpo. Apesar de ser magro como um graveto, era quase tão alto quanto Claymore.

— O que acontece se alguém descobrir um jeito de impedir a morte?

Claymore sentiu o sangue esfriar nas veias, resultado da mudança no tom de voz do menino. Não era mais nervosismo. Era algo tão pesado e frio quanto pedra.

— Isso é impossível — respondeu Claymore. — Todas as coisas vivas se deterioram com o passar do tempo. Chega um determinado momento em que não funcionam mais, e então...

— Não respondeu à pergunta — interrompeu o menino. — Por favor, quero sua opinião honesta.

— Não tenho uma opinião. Não sou escritor de ficção. Não especulo sobre possibilidades.

O menino franziu a testa.

— Isso é uma pena. Pai, o papel?

O homem pegou um pedaço de papel no bolso e o entregou a Claymore.

— São nossos contatos — disse o menino. — Se pensar em alguma coisa, por favor, me telefone, está bem?

Claymore o encarou, tentando não demonstrar confusão.

— Você entendeu o que eu disse? Não posso responder à sua pergunta.

O menino o encarou com olhar solene.

— Por favor, tente, dr. Claymore. Porque se não conseguir responder, eu vou morrer.

* * *

No caminho para casa, Claymore olhava a todo instante o espelho retrovisor. Francamente, era patético. O menino havia apenas tentado perturbá-lo. Não podia se abalar com algo daquela natureza.

Quando chegou à entrada da garagem, ele sentia que havia superado o episódio. Mesmo assim, acionou o alarme da casa.

Claymore morava sozinho na casa que projetara pessoalmente. Era arquiteto, entre outras coisas, e queria que sua casa o refletisse em todos os aspectos. Impressionantemente moderna, com linhas claras, ela ficava um pouco afastada da

rua. Câmeras de segurança e janelas com grade protegiam sua privacidade, mas no interior os cômodos eram mobiliados com simplicidade, discretos e confortáveis.

Sem esposa, sem filhos — não havia ninguém em casa para incomodá-lo. Nem mesmo um gato. *Especialmente* um gato.

A casa era seu oásis, um lugar só dele. Estar ali sempre acalmava seu nervosismo.

Sim, sua linda casa o ajudava a esquecer o menino. Mas não demorou muito para ele se descobrir sentado à escrivaninha, lendo o cartão que o pai do garoto entregara.

ALABASTER C. TORRINGTON
273 MORROW LANE
518-555-9530

O código de área 518 indicava que eles podiam morar em Keeseville. E Claymore lembrava que havia uma Morrow Lane no caminho para a cidade. Alabaster Torrington era o menino ou o pai? Alabaster era um nome bem antiquado. Não era ouvido com frequência, porque muitos pais tinham o bom senso de não dar aos filhos nomes de pedras.

Claymore balançou a cabeça. Deveria jogar o cartão fora e esquecer. Cenas de *Louca obsessão* de Stephen King não saíam de sua cabeça. Mas para isso servia o sistema de alarme, ele disse a si mesmo; para manter afastados os fãs malucos. Se ouvisse uma batida sequer na porta no meio da noite, a polícia seria imediatamente chamada.

E Claymore não estava indefeso. Tinha uma respeitável coleção de armas de fogo em vários lugares da casa. Ninguém poderia ser tão cuidadoso quanto ele.

Ele suspirou, jogando o papel sobre a mesa no meio de outros. Não era incomum encontrar pessoas estranhas nos eventos. Afinal, para cada pessoa um pouco inteligente que comprava seus livros, havia pelo menos outras três que os escolhiam por pensar que eram guias de dieta.

Tudo que importava era que não estava sozinho em um beco escuro com aquelas pessoas. Estava seguro, em casa, e não havia lugar melhor.

Ele sorriu para si mesmo, reclinando-se na cadeira de trabalho.

— Sim, é isso mesmo, nada com que me preocupar — disse. — Só mais um dia de trabalho.

O telefone tocou, e o sorriso de Claymore se desfez.

O que alguém podia querer àquela hora? Eram quase onze da noite. Qualquer pessoa sensata estaria dormindo ou lendo um bom livro.

Pensou em não atender, mas o telefone continuou tocando, o que era muito estranho, considerando que o serviço de mensagens de voz normalmente atendia a chamada depois do quarto toque. A curiosidade o venceu.

Ele se levantou e foi até a sala. Em prol da simplicidade, mantinha apenas um telefone fixo na casa. O identificador de chamadas anunciava MARIAN LÂMIA, 518-555-4164.

Lâmia... Era a mulher que havia agendado o evento.

Intrigado, ele pegou o fone, relutante, e se sentou no sofá.

— Sim, alô, Claymore falando.

Ele nem tentou disfarçar a irritação na voz. Estava em casa, e forçá-lo a atender um telefonema não era melhor do que invadir pessoalmente sua privacidade. Esperava que Lâmia tivesse um bom motivo para isso.

— Sr. Claymore! — Ela pronunciou seu nome como se estivesse anunciando que ele era o ganhador da loteria. — Alô, alô, alô! Como vai?

— Sabe que horas são, sra. Lâmia? — perguntou Claymore com o tom mais severo que conseguiu adotar. — Tem alguma coisa importante para me dizer?

— Sim, eu tenho! Na verdade, queria conversar com você sobre isso imediatamente!

Ele suspirou. Aquela pessoa havia conseguido fazê-lo passar de moderadamente irritado a completamente furioso em apenas trinta segundos.

— Bem, então, não fiquei aí falando inutilidades — disparou. — Desembuche! Sou um homem ocupado e não gosto de ser incomodado.

Silêncio do outro lado da linha. Claymore chegou a pensar que a havia afugentado. Mas, finalmente, a mulher continuou com uma voz ainda mais fria.

— Muito bem, sr. Claymore. Não precisamos passar pelas amenidades, se é assim que prefere.

Ele quase riu. Era como se a mulher estivesse *tentando* intimidá-lo.

— Obrigado — respondeu Claymore. — O que quer, exatamente?

— Hoje à noite você conheceu um menino, e ele lhe deu alguma coisa. Quero que entregue isso a mim.

Ele franziu a testa. Como ela sabia do garoto? Aquela mulher o estava vigiando?

— Não gosto da ideia de que tenha me seguido, mas acho que isso pouco importa agora. Tudo que a criança me deu foi um pedaço de papel com o endereço

dela. Não me sentiria confortável entregando isso a você, uma pessoa que conheci ontem.

Outra pausa. Quando Claymore já se preparava para desligar o telefone, ela perguntou:

— Acredita em Deus, sr. Claymore?

Ele revirou os olhos, aborrecido com a mulher.

— Não sabe quando parar, não é? Não acredito em nada que eu não possa ver ou sentir. Portanto, se você está me perguntando isso do ponto de vista religioso, a resposta é não.

— É uma pena — retrucou ela em voz muito baixa. — Isso dificulta muito meu trabalho.

Claymore bateu o telefone.

Qual era o problema dessa mulher? Ela havia começado a conversa praticamente confessando que o vigiava, e depois tentara convertê-lo. Aquilo não era atitude de uma vovó legal.

O telefone tocou de novo — o número de Lâmia —, mas Claymore não tinha qualquer intenção de atender. Ele tirou o aparelho da tomada, e assim encerrou o assunto.

No dia seguinte talvez registrasse uma queixa na polícia. Era evidente que a sra. Lâmia era desequilibrada. Por que ela ia querer o endereço do menino? O que queria com ele?

Claymore estremeceu. Sentiu uma estranha urgência em prevenir a criança. Mas, não, não era problema seu. Os malucos que se entendessem, se quisessem. Não ia se meter no fogo cruzado.

Especialmente esta noite. Precisava dormir.

* * *

Claymore sabia que curiosidade e agitação podiam distorcer os sonhos de uma pessoa. Mas isso não explicava o que ele havia sonhado.

Estava em uma sala muito grande, velha e empoeirada; parecia uma igreja que não era limpa há um século. Não havia luz, exceto por um brilho verde e suave no fundo do cômodo. A fonte da luminosidade era obstruída por um menino parado no corredor, bem na frente dele. Claymore não conseguia enxergar claramente, mas

tinha certeza de que era o mesmo garoto do auditório. O que *ele* estava fazendo em seu sonho?

Claymore era o que as pessoas chamavam de sonhador lúcido, ou seja, normalmente sabia que está sonhando e podia acordar quando quiser. Teria despertado naquele momento, se quisesse, mas decidiu que ainda não era hora. Estava curioso.

— Ela me encontrou outra vez — disse o menino. Não estava falando com Claymore. De costas, parecia estar conversando com a luz verde. — Não sei se posso enfrentá-la de novo. Ela está se aproximando, me farejando.

Por um momento não houve resposta. Depois, finalmente, uma mulher respondeu, sua voz vindo da parte da frente da sala. Seu tom era estoico e desprovido de humor, e alguma coisa nele provocou um arrepio em Claymore.

— Você sabe que não posso ajudar você, minha criança. Ela é minha filha. Não posso levantar a mão contra nenhum de vocês.

O menino ficou tenso, como se estivesse pronto para argumentar, mas conteve-se.

— Eu... entendo, mãe.

— Alabaster, você sabe que o amo — disse a mulher. — Mas essa é uma batalha que você provocou. Aceitou a bênção de Cronos. Lutou com os exércitos dele em meu nome. Não pode simplesmente procurar seus inimigos agora e pedir perdão. Eles nunca o ajudarão. Negociei para mantê-lo em segurança até agora, mas não posso interferir no seu confronto com *ela*.

Claymore franziu a testa. O nome Cronos remetia ao senhor titã da mitologia grega, filho da terra e do céu, mas o restante não fazia sentido. Claymore havia esperado compreender alguma coisa com aquele sonho, mas agora tudo parecia loucura — mais mitologia e lendas. Nada além de ficção imprestável.

O garoto, Alabaster, caminhou na direção da luz verde.

— Cronos não devia ter perdido! Você disse que as chances estavam a favor do titã! Disse que o Acampamento Meio-Sangue seria destruído!

Quando o menino se moveu, Claymore finalmente conseguiu ver a mulher com quem ele estava falando. Ela encontrava-se ajoelhada no final do corredor, o rosto erguido para uma janela de vitrais sujos sobre o altar como se estivesse em oração. Vestia uma túnica branca com desenhos prateados, como runas ou símbolos da alquimia. Os cabelos escuros quase não chegavam aos ombros.

Apesar da sujeira e do pó sobre o qual se ajoelhava, a mulher parecia impecável. Na verdade, *ela* era a fonte de luz. A luminosidade verde a cercava como uma aura.

Ela falou sem olhar para o menino.

— Alabaster, eu apenas falei qual seria o desfecho mais provável. Não prometi que seria assim. Só queria que você visse as opções, que estivesse preparado para o que pudesse encontrar pela frente.

— Tudo bem — falou Claymore, finalmente. — É o suficiente. Essa história ridícula acaba agora!

Esperava acordar imediatamente. Mas, por alguma razão, não foi o que aconteceu.

O menino se virou e o examinou com ar divertido.

— *Você?* — E, novamente, voltou-se para a mulher ajoelhada. — Por que *ele* está aqui? Mortais não podem pisar na casa de um deus!

— Ele está aqui porque eu o convidei — respondeu a mulher. — Você pediu a ajuda dele, não pediu? Tive esperança de que ele se sentisse mais propenso a ajudar se entendesse seu...

— *Chega!* — gritou Claymore. — Isso é absurdo! Não é realidade! É só um sonho e, como seu criador, exijo acordar!

A mulher ainda não olhava para ele, mas sua voz soou debochada.

— Muito bem, dr. Claymore. Se é isso que quer, farei que assim seja.

* * *

Claymore abriu os olhos. A luz do sol penetrava pelas janelas do quarto.

Estranho... Normalmente, quando escolhia encerrar um sonho, acordava imediatamente, ainda no meio da noite. Por que já havia amanhecido?

Bem, o sonho fazia o menino da noite anterior parecer menos intimidante. Bênção de Cronos? Casa de um deus? Alabaster falava mais como o membro de um grupo de RPG do que como um psicótico surtado. Titãs? Claymore conteve uma gargalhada. Quantos anos ele tinha? Cinco?

Claymore se sentia aliviado e renovado. Era hora de começar sua rotina matinal.

Ele se livrou dos lençóis, tomou uma ducha e vestiu-se como de costume — o mesmo estilo de roupas que usara para a palestra da noite anterior: calça social, camisa, mocassins marrons engraxados. Era um homem que não acreditava em roupas informais.

Ele vestiu o paletó de tweed e começou a pegar suas coisas.

Laptop: confere. Carteira: confere. Chaves: confere.

Então ele hesitou. Havia mais uma coisa de que precisava. Era uma precaução completamente desnecessária, mas daria a ele paz de espírito. Claymore abriu a gaveta da escrivaninha, pegou sua menor pistola — uma nove milímetros — e a guardou no bolso do paletó.

Na noite anterior o menino Alabaster o havia abalado. Tanto que Claymore havia ido dormir sem escrever nada, algo que ele não podia ter feito naquele momento, com um prazo de entrega tão apertado. Não podia permitir que fãs enlouquecidos afetassem seu humor e sua produtividade. Se para isso precisava carregar algo que garantisse sua segurança, que fosse.

* * *

Black's Coffee. O nome era um trocadilho da pior espécie, misturando o tipo de café com o nome do dono do lugar, mas Claymore ainda voltava ali. Afinal, era a melhor cafeteria em Keeseville. Pensando bem, era a *única* cafeteria em Keeseville...

Conhecia bem o proprietário. Assim que entrava, Colosso Black era o primeiro a cumprimentá-lo e dizer:

— Howard! Como vai? O de sempre?

Colosso era... bem, um colosso. O rosto gordo, os braços cobertos de tatuagens e a cara constantemente fechada poderiam garantir sua entrada em uma gangue de motociclistas. Seu avental *Beije o Cozinheiro* era a única coisa que sugeria que seu lugar era atrás do balcão.

— Bom dia — respondeu Claymore, sentando-se diante do balcão e pegando seu laptop. — Sim, o de sempre está ótimo.

Estava no capítulo quarenta e seis, o que tornava seu trabalho mais fácil. Não precisava mais conduzir o leitor pela mão. Se ele não havia entendido o propósito do livro até aquele ponto, nunca entenderia.

Café e tortinhas de blueberry apareceram na frente dele, mas Claymore quase nem os notou. Estava em um universo próprio, os dedos posicionados sobre o teclado, palavras e pensamentos se unindo em um padrão aparentemente incompreensível, mas que Claymore sabia ser genial.

O café foi bebido rapidamente. A tortinha foi reduzida a migalhas. Outros clientes entravam e saíam, mas nenhum deles incomodou Claymore. Nada importava, exceto seu trabalho. Era para isso que ele vivia.

Mas seu mundo particular desmoronou quando uma mulher sentou a seu lado.

— Claymore, que surpresa! Não esperava vê-lo por aqui!

Um ódio furioso brotou dentro dele. Ele salvou o arquivo e fechou o laptop.

— Sra. Lâmia, se eu fosse um homem menos civilizado, arrancaria esse assento de debaixo de você.

Ela fez biquinho. Seus olhos assumiram uma expressão fofa e pidona, como os de um filhote, o que não era convincente em uma mulher de sua idade.

— Isso não é muito gentil, sr. Claymore. Estou apenas dizendo olá.

Ele a encarou.

— É *doutor* Claymore.

— Desculpe — pediu ela sem muito empenho. — Eu sempre esqueço... Não sou muito boa com nomes, sabe.

— A única coisa que quero é que saia da minha frente. Recuso-me a ser convertido a seu culto, seja ele qual for.

— Só quero conversar — insistiu ela. — Não é sobre deuses. É sobre o menino, Alabaster.

Ele a olhou desconfiado. Como ela sabia o nome do garoto? Claymore não o mencionara na conversa que tiveram por telefone na noite anterior.

A sra. Lâmia sorriu.

— Procuro Alabaster há algum tempo. Sou irmã dele.

Claymore riu.

— Não consegue inventar uma mentira melhor que essa? Você é mais velha que o pai do garoto!

— Bem, as aparências enganam. — Os olhos dela eram brilhantes demais, do mesmo verde luminoso presente no sonho de Claymore. — O garoto se escondeu bem — continuou. — Devo admitir que ele melhorou muito com sua *magia occultandi*. Eu esperava que sua palestra o fizesse sair do esconderijo, e foi o que aconteceu. Mas, antes que eu pudesse pegá-lo, ele escapou novamente. Entregue o endereço do garoto, e eu o deixarei em paz.

Claymore tentou manter a calma. Era só uma velha maluca resmungando absurdos. Mas *magia occultandi...* Claymore sabia um pouco de latim. A expressão

significava *magia de esconderijo*. Quem era aquela mulher, e por que ela queria o garoto? Era evidente que ela desejava fazer mal a Alabaster.

Quando Claymore a encarou, ele percebeu mais alguma coisa... A sra. Lâmia não piscava. Ele já a vira piscar?

— Sabe de uma coisa? Estou cansado. — Sua voz tremia, apesar de seu autocontrole. — Black, estava ouvindo isso?

Olhou para Colosso do outro lado do balcão. Por alguma razão, ele não respondeu. Continuou polindo as xícaras de café.

— Ah, ele não pode escutá-lo. — A voz de Lâmia baixou para aquele mesmo sussurro rouco que ele ouvira na noite anterior pelo telefone. — Podemos controlar a Névoa. Ele sequer imagina que estou aqui.

— Névoa? — repetiu Claymore. — Do que está falando? Você deve ser maluca!

Ele se levantou, recuando instintivamente e levando a mão ao bolso do paletó.

— Colosso, por favor, expulse essa mulher daqui antes que ela estrague completamente minha manhã!

Colosso não respondeu. O homem olhava através de Claymore, como se ele nem estivesse ali.

Lâmia deu um sorriso convencido.

— Sabe, sr. Claymore, eu... acho que nunca encontrei um mortal tão arrogante antes. Talvez precise de uma demonstração.

— Não entende, sra. Lâmia? Não tenho tempo para isso. Agora vou me retirar, e quanto a...

Ele não teve tempo de terminar. Lâmia levantou-se e sua silhueta começou a brilhar. Seus olhos foram os primeiros a sofrer a mudança. A íris aumentou e brilhou com um tom verde-escuro. As pupilas se estreitaram e se alongaram, como olhos de serpente. Ela estendeu a mão e os dedos se encolheram e endureceram, as unhas se transformaram em garras.

— Posso matá-lo agora, *Claymore* — sussurrou ela.

Espere... Não, não era um sussurro. Parecia mais um sibilo.

Claymore tirou a arma do bolso do paletó e a apontou para a cabeça de Lâmia. Não entendia o que estava acontecendo — talvez algum alucinógeno no café. Mas não podia deixar aquela mulher, aquela *criatura*, levar a melhor.

Aquelas garras podiam ser uma ilusão, mas ela se preparava para atacá-lo.

— Acha mesmo que eu seria tão arrogante com uma lunática se não estivesse preparado para me defender? — perguntou ele.

A mulher rosnou e avançou, levantando as garras.

Claymore nunca havia atirado antes, mas o instinto assumiu o comando. Ele apertou o gatilho. Lâmia cambaleou, sibilando.

— A vida é frágil — disse ele. — Talvez devesse ter lido meus livros! Estou só me defendendo.

Ela atacou outra vez. Claymore disparou mais duas vezes na cabeça da mulher, e ela caiu no chão.

Ele esperava que houvesse mais sangue... mas não tinha importância.

— Você... viu isso, Colosso, não viu? — perguntou. — Foi inevitável!

Ele olhou para Colosso Black e uma ruga surgiu entre suas sobrancelhas. O barman continuava limpando as xícaras.

Não era possível que ele não houvesse escutado os disparos. Ou era? *Como?*

Então, outra coisa impossível aconteceu. O cadáver no chão começou a se mexer.

— Espero que entenda agora, sr. Claymore.

Lâmia levantou-se e o encarou com o único olho de serpente que lhe restava. Todo o lado esquerdo de seu rosto fora destruído, mas onde devia haver sangue e ossos existia uma camada grossa de areia preta.

Era como se Claymore houvesse demolido parte de um castelo de areia... e mesmo aquela parte se reconstruía lentamente.

— Atacando-me com sua arma mortal — sibilou ela —, você declarou guerra contra os filhos de Hécate! E eu trato uma guerra como algo sério!

Isso... Isso não era um sonho, ou uma alucinação provocada por drogas. Isso era impossível... Como podia ser real? Como ela ainda estava viva?

Foco!, disse Claymore a si mesmo. *É evidente que é real, pois acabou de acontecer!*

E assim, sendo um homem lógico, Claymore fez o que era lógico. Pegou sua arma e correu.

* * *

A última vez que vira uma trava de roda havia sido há alguns anos, em um carro alugado que ele estacionara em local proibido em Manhattan. Mas agora, é claro,

naquela manhã, havia uma trava na roda de seu carro. Ir embora dirigindo não era mais uma opção.

Lâmia se aproximava. Ela se arrastava para fora do café, o olho esquerdo se regenerando lentamente e adquirindo uma expressão furiosa.

Um carro passou por ali e Claymore tentou acenar, mas, como acontecera com Black, o motorista nem parecia tê-lo visto.

— Não entende? — sibilou Lâmia. — Seus irmãos mortais não podem vê-lo! Você está no meu mundo!

Claymore não discutiu. Aceitou a explicação da criatura.

Ela cambaleava em sua direção, sem pressa. Parecia menos uma serpente e mais um gato brincando com a presa.

Não tinha como enfrentá-la. Restavam apenas cinco tiros. Se três balas na cabeça não haviam detido a criatura, ele duvidava que alguma coisa menos potente que uma granada pudesse fazer isso.

Tinha uma vantagem. Não era um atleta, mas Lâmia parecia ter dificuldades de se locomover. Podia correr, escapar dela, mesmo que fosse algum tipo de monstro.

Ela agora estava a três metros de distância. Claymore a encarou com um sorriso desafiador, depois virou e correu pela rua principal. Havia apenas uma dúzia de lojas no centro da cidade, e a rua era bem larga. Continuaria pela Segunda Avenida, talvez a despistasse pelas ruas transversais. Depois voltaria para casa, avisaria sua segurança e entraria em contato com a polícia. Quando estivesse em casa, ele...

— *Incantare: Gelu Semita!* — gritou Lâmia atrás dele.

Isso era latim... um encantamento. Ela recitara algum tipo de feitiço.

Claymore não teve tempo para traduzir a frase antes de sentir o ar à sua volta esfriar uns trinta graus. Embora não houvesse uma nuvem no céu, começou a chover granizo. Ele se virou, mas Lâmia havia desaparecido.

— *Encantamento: Caminho de Gelo...* — traduziu em voz alta, o hálito formando nuvens de vapor. — Sério? Ela está usando magia? Isso é ridículo!

A voz dela soou atrás dele:

— Você é realmente um homem inteligente, sr. Claymore. Agora entendo por que meu irmão o procura.

Ele se voltou na direção da voz, mas, novamente, ela não estava ali.

Mais jogos... Tudo bem. Teria que fazer mais do que correr. Ela não era humana, mas ele a trataria como um adversário qualquer. Estudaria sua oponente, descobriria

suas fraquezas.

E depois teria que fugir.

Ele estendeu a mão para sentir o granizo.

— Eu podia não saber que isso era possível há dez minutos, mas sei de uma coisa: se esse é todo o seu poder, não é de espantar que não vejamos mais monstros como você! — Ele sorriu. — Acho que matamos todos!

Ela sibilou, furiosa. O granizo começou a cair com mais força, espalhando uma névoa gelada pelo sr. Claymore empunhou a arma, pronto para ver sua adversária se aproximar de qualquer ângulo.

Não gostava de ficção, mas dedicara a carreira a pesquisar antigas crenças. Encantamentos eram, na verdade, um conceito simples: se você pronuncia algumas palavras colocando poder suficiente por trás delas, elas podem se concretizar.

Aquele encantamento devia ser um feitiço de transladação de algum tipo. Caso contrário, ela não teria utilizado a palavra *semita*. Ela estava abrindo o próprio caminho, e o gelo era seu método, pois obscurecia sua localização e dificultava a movimentação de Claymore ou uma antecipação a seu próximo ataque.

O objetivo era enfraquecê-lo, mas ele se obrigava a manter o foco. O chão em torno dele agora estava coberto de gelo. Claymore ficou quieto e ouviu. Sabia que ela usaria a oportunidade para atacar.

Podia estar brincando com ele, mas Claymore não pretendia morrer nas mãos de uma idiota como ela, especialmente depois de ter reagido a seu escárnio com tanta facilidade...

Claymore ouviu o som do salto alto esmagando o gelo. Ele se virou imediatamente, esquivando-se para o lado quando ela atacou com as garras o local onde ele estivera há poucos segundos. Antes que a criatura pudesse recuperar o equilíbrio, ele disparou.

A rótula esquerda explodiu em poeira preta, e o granizo cessou. Lâmia cambaleou, mas, a julgar por sua expressão, o ferimento nem a incomodava.

A metade inferior de sua perna havia se desintegrado, mas já estava se recompondo.

Dessa vez não esperava matá-la. Ele observou cuidadosamente o processo de cura, calculando o tempo de regeneração. Com uma bala, estimou ter ganhado um minuto.

— Você ainda não entende, mortal! — disse ela. — Essas armas não podem me matar! Só me atrasam!

Claymore olhou para ela e riu.

— Se acha que estou tentando matá-la, deve ser realmente burra! É claro que agora já sei que é imortal, então, por que eu tentaria? Não, não posso matar você. Mas descobri algo interessante nesse tempo que passamos juntos. — Ele apontou a arma. — Você não quer me matar imediatamente. Caso contrário, não teria perdido seu tempo atirando cubinhos de gelo em mim. Quer me amedrontar porque tem esperança de que eu a leve até o garoto. Ele é uma ameaça para você, não é? Só preciso encontrá-lo, e ele saberá como se livrar de você. E eu sei exatamente onde ele está!

Ela sibilou e sua perna se recompôs, mas Claymore atirou na outra.

— Se eu tivesse balas suficientes, poderia passar o dia todo aqui! — disse. — Você é indefesa! Talvez eu devesse arrumar um aspirador de pó e acabar com você!

Esperava que a fera percebesse que agora estava à sua mercê, mas, por alguma razão, ela ainda sorria.

A chuva de granizo cessara completamente. O que se acumulara no chão já havia derretido e sumido, sinal de que o feitiço havia terminado. Como a criatura ainda tinha a audácia de sorrir?

— Você é realmente o mortal mais arrogante que já vi! Muito bem! Se não vai me levar ao garoto, terei prazer em acabar com você! — Ela estalou a língua de serpente. — *Incantare: Templum Incendere!*

— Templo de Fogo — traduziu Claymore.

Provavelmente um feitiço ofensivo — seria atacado por fogo de algum jeito. Ele atirou na perna restaurada da criatura e correu.

O encantamento não funcionou imediatamente, era óbvio, mas Claymore não tinha intenção de descobrir o que ele fazia. Estava disposto a tirar proveito do fato de nenhum outro mortal poder vê-lo.

Ele correu de volta ao Black's Coffee e empurrou a porta.

Black devia se divertir muito polindo xícaras, porque ele continuava fazendo a mesma coisa.

Claymore não se importava. Ele enfiou a mão no bolso do dono do café e pegou a chave de sua caminhonete. Black sequer percebeu.

Quando Claymore já pensava que ia escapar, ele ouviu a voz áspera de Lâmia.

— Acha mesmo que sou idiota, não é?

Ela estava bem atrás dele... mas como era possível? Havia calculado o tempo de regeneração da criatura em torno de um ou dois minutos. Ela não podia ter conseguido segui-lo tão depressa.

Claymore não teve tempo para reagir. Assim que ele se virou, a criatura apertou seu pescoço com suas garras de lagarto, e o revólver caiu no chão.

— Estou neste mundo há milhares de anos! — sibilou ela, os olhos verdes e profundos fixos nele. — Você é um mortal! Cego! Eu já fui como você. Acreditava estar acima dos deuses. Era filha de Hécate, deusa da magia. O próprio Zeus se apaixonou por mim! Eu me considerava semelhante a ele! Mas o que os deuses fizeram comigo?

A mão dela apertava o pescoço com mais força, e Claymore ofegava, tentando respirar.

— *Hera matou meus filhos diante dos meus olhos! Ela...! Aquela mulher...!*

Uma lágrima desceu por seu rosto escamoso, mas Claymore não estava nem um pouco interessado na história triste da criatura. Ele enfiou o joelho em seu peito com toda força que tinha e ouviu o estalo satisfatório de costelas se quebrando.

Lâmia caiu para trás. Era de se esperar que suas costelas levassem algum tempo para regenerar. Ela se curvou, respirando ruidosamente, como se sentisse muita dor para permanecer ereta.

— Já invoquei o Templo de Fogo — disse ela. — É um encantamento que destrói seu santuário, seja qual for o lugar em que você deposita sua fé. Talvez não consiga fazê-lo sentir minha dor, mas ainda posso tirar tudo que considera precioso! Posso tirar tudo de você com apenas um gesto!

De repente a temperatura no café subiu. Era como uma sauna na qual o calor continuava aumentando.

As mesas foram as primeiras a pegar fogo, depois as cadeiras, e então...

Claymore fez menção de correr até Black, que ainda polia alegremente as xícaras de café.

— *Incantare: Stulti Carcer!* — gritou Lâmia.

De repente as pernas de Claymore pareciam ser feitas de chumbo. Ele tentou se mover, mas não conseguiu. Estava preso àquele lugar.

Chamas começaram a lamber o avental de Black. Logo todo o corpo pegava fogo. O pior era que ele nem notava o que estava acontecendo.

Claymore gritou para ele, mas foi inútil. Estava sendo forçado a ver seu único amigo de verdade em Keeseville ser consumido pelas chamas diante de seus olhos.

— Deuses têm essa capacidade! — disse Lâmia em voz alta. — Podem eliminar tudo que você mais ama em um segundo, e é o que vou fazer! — Ela olhou para o laptop. — Vou destruir isso também, seu último trabalho!

Lâmia fez um gesto para o computador enquanto as chamas se aproximavam dele pelo balcão. O plástico começou a derreter.

— Tente salvá-lo, Claymore! — provocou ela. — Se apagar o fogo agora, talvez não seja tarde demais.

Ela fez um gesto com a mão, e Claymore de repente voltou a sentir os pés.

— Vá, filho de homem — sibilou. — Salve o que é mais precioso para você. Não vai conseguir! Como eu...

Lâmia não conseguiu terminar, porque o punho de Claymore atingiu seu rosto com força.

Ela caiu sobre uma mesa. Claymore a acertou com mais um soco, e sua mão se cobriu de areia negra.

— Como pode ficar aí falando desse jeito, quando acabou de tirar a vida de um homem? — gritou ele.

Lâmia tentou segurá-lo com suas garras afiadas, mas Claymore as afastou. Ele virou a mesa, e a criatura caiu no chão.

— Você o matou! — gritou. — Colosso não tinha nada a ver com isso, e você o matou! Não quero saber que tipo de monstro você é! Quando acabar com você, vai lamentar por *Hera* não tê-la matado antes!

A criatura abriu a boca:

— *Incantare: Stu...!*

Claymore chutou o queixo de Lâmia, e a metade inferior do rosto se dissolveu em areia.

As chamas agora eram mais fortes. O cheiro acre de fumaça fazia arder os pulmões de Claymore, mas ele não se importava. Chutava e socava Lâmia, transformando-a em uma pilha de areia a cada tentativa de regeneração, e de novo e de novo.

Mas... sabia que não podia continuar com isso. Não podia permitir que a fúria fosse seu fim. Isso era o que Lâmia queria. Ela ficaria bem, independentemente do que ele fizesse, mas Claymore não era invulnerável — a fumaça já dificultava sua

respiração. Tinha que sair dali. Caso contrário, a pilha de areia embaixo de seus pés riria por último.

Imaginou que a criatura ia precisar de pelo menos um minuto para se recompor, tempo suficiente para que ele desaparecesse.

Claymore olhou para a massa de areia em movimento, perguntando-se se ela podia escutá-lo.

— Na próxima vez que a vir, vou saber como matá-la. Sua morte é inevitável. Assim que recuperar suas pernas, sugiro que corra.

Ele pegou a arma do chão e atirou na pilha de areia — um último tiro por Colosso Black.

Ainda não era suficiente. A justiça precisava ser feita, e se seu palpite estava certo, sabia exatamente quem era a pessoa certa para isso.

* * *

Quando a polícia descobrisse que ele havia levado a caminhonete de Black, será que o culpariam pelo incêndio? Ele seria acusado pelo assassinato do barman?

Um monstro de verdade estava atrás dele, mas Claymore poderia ser considerado inimigo da lei. Se a situação fosse diferente, teria achado graça nessa ironia, mas não agora, não com Black morto.

Certamente, Black teria aprovado sua decisão de usar a caminhonete. Claymore pisava fundo, dirigindo o mais depressa que podia e com atenção para não provocar um acidente.

Lâmia tinha uma coleção de feitiços à sua disposição. Tudo o que Claymore tinha era um minuto de vantagem à frente dela.

Não gostava das estatísticas, mas tinha um jeito todo especial de transformar perspectivas ruins em chances favoráveis. Não tivera vantagens na vida, mas havia conseguido concluir um doutorado e se tornara um autor de sucesso. Construíra um nome valendo-se de seu brilhantismo. Mesmo que tivesse sido lançado em um mundo estranho onde monstros e deuses existiam, não aceitaria a derrota. Não perderia para Lâmia, nem para Hécate, nem para ninguém.

Ele parou o carro na entrada da garagem de casa e correu para dentro, acionando o alarme depois de trancar a porta.

Não planejava ficar mais que um minuto, mas o alarme o avisaria se Lâmia chegasse mais depressa do que esperava.

Tentou organizar os pensamentos. O menino Alabaster devia saber mais sobre Lâmia. No sonho de Claymore, o garoto tinha dito à mulher de branco que ele estava sendo caçado. A mulher avisara-o de que não poderia interferir em uma disputa entre seus filhos. Portanto, a mulher de branco era Hécate; Lâmia e Alabaster eram filhos dela, e estavam envolvidos em algum tipo de confronto mortal.

O que acontece se alguém descobrir um jeito de impedir a morte? Aquela havia sido a pergunta do menino quando saíram do auditório. Alabaster precisava de um meio para derrotar Lâmia, que não podia morrer. Caso contrário, Lâmia *o* mataria. Então, ele fora procurar o maior especialista em morte, o dr. Howard Claymore.

O cartão estava sobre sua mesa de trabalho. Ele o pegou e digitou o número em seu celular. Mas a resposta que obteve não foi exatamente um grito de socorro.

— O que você quer? — perguntou o menino com voz fria e dura. — Sei que sua resposta foi não. E agora? Quer que eu diga que seu sonho de ontem à noite não foi real?

— Não sou burro — retrucou Claymore, religando o alarme a caminho da saída. — Agora sei que isso é real, e também sei que sua *irmã* está tentando me matar. Fui atacado no distrito comercial, provavelmente porque você pediu minha ajuda.

O menino parecia aturdido demais para falar. Finalmente, quando Claymore estava voltando à caminhonete de Black, Alabaster perguntou:

— Se ela o atacou, como ainda está vivo?

— Já disse, não sou um idiota — respondeu Claymore. — Mas como você me arrastou para isso, um amigo meu está morto.

Ele explicou de maneira resumida o que havia acontecido no Black's Coffee.

Houve outro momento de silêncio.

Claymore ligou a caminhonete.

— Então?

— Temos que parar de conversar — falou Alabaster. — Monstros conseguem rastrear conversas telefônicas. Venha até aqui e eu vou explicar o que preciso que faça. Depressa.

Claymore jogou o celular no assento e pisou fundo no acelerador.

* * *

A rua de Alabaster era um beco sem saída terminando em penhascos que despencavam para o rio Hudson. Isso significava que não havia como serem atacados pelas costas, mas também que não tinham para onde fugir.

Não foi por acaso que Alabaster se instalara ali, Claymore presumiu. Ele pretendia fazer de sua casa um lugar onde pudesse se defender com facilidade, mesmo sem ter a opção de bater em retirada. Um lugar perfeito para um confronto final.

O número 273 ficava no final do beco.

Não era nada sofisticado, nada especial. A grama precisava ser molhada, e as paredes clamavam por uma nova camada de tinta. Não era a casa mais bonita do mundo, mas era boa o bastante para acomodar uma família de tamanho mediano.

Claymore se aproximou da porta e bateu. Não demorou muito para alguém abrir.

Era o homem da noite anterior, o pai de Alabaster. Seus olhos vazios estudaram Claymore, e ele sorriu.

— Olá, amigo. Entre. Preparei chá para você.

Claymore ficou intrigado.

— Francamente, isso não interessa agora. Só preciso falar com seu filho.

Ainda sorrindo, o homem levou Claymore para dentro.

Diferente do exterior, a sala de estar era meticulosa. Tudo perfeitamente polido, arrumado e limpo. Era como se toda a mobília houvesse acabado de sair da embalagem.

O fogo crepitava na lareira e, conforme prometido, havia chá sobre a mesa de centro.

Claymore ignorou a bandeja. Ele se sentou no sofá.

— Sr. Torrington, certo? Entende a situação em que me encontro? Vim em busca de respostas.

— O chá vai esfriar — avisou o homem com um sorriso animado. — Beba!

Claymore olhou nos olhos dele. *Aquela* era a arma secreta?

— Você é idiota?

O homem não teve tempo de responder. Uma porta se abriu para a sala, e o menino apareceu.

As mesmas sardas e o mesmo cabelo castanho do dia anterior, mas a roupa agora era bizarra. Ele vestia um colete à prova de balas sobre uma camisa cinza-escura de mangas compridas. A calça também era cinza, porém o mais estranho nos trajes eram os símbolos.

Desenhos absurdos foram esboçados em pontos aleatórios da camisa e da calça. Era como se ele tivesse deixado um menino de cinco anos surtar com uma caneta verde.

— Dr. Claymore — disse ele —, não se incomode em falar com meu acompanhante. Ele não vai lhe dizer nada que possa interessar.

Todo nervosismo e ansiedade pareciam ter desaparecido do garoto. Ele agora parecia sério e determinado, como no momento em que tentara zombar de Claymore no auditório.

Claymore olhou para o homem, depois para Alabaster.

— Por que não? Ele não é seu pai?

Alabaster riu.

— Não. — Ele se sentou no sofá e pegou uma xícara de chá. — Ele é um nebuliforme. Eu o criei para servir como meu guardião, para que as pessoas não fizessem perguntas.

Claymore arregalou os olhos. Ele estudou o homem, que parecia completamente alheio à conversa.

— Criou? Com magia, você quer dizer?

Alabaster assentiu, enfiando a mão no bolso e tirando dele um cartão em branco. Ele o colocou sobre a mesa e deu dois tapinhas nele.

O homem, o nebuliforme, desintegrou-se diante dos olhos de Claymore, transformando-se em vapor na medida em que era sugado para o interior do cartão. Quando o nebuliforme desapareceu, Alabaster pegou o cartão, e Claymore viu que agora havia impresso nele o contorno verde e grosseiro de um homem.

— Pronto, assim é melhor. — Alabaster conseguiu sorrir. — Ele se torna irritante depois de um tempo. Sei que isso deve ser demais para um mortal.

— Eu vou aprender a lidar com isso — respondeu Claymore. — Estou mais interessado em saber sobre Lâmia, mais especificamente sobre um jeito de matá-la.

Alabaster suspirou.

— Já disse, não sei. Por isso pedi sua ajuda. Lembra-se do que perguntei no estacionamento?

— O que aconteceria se alguém descobrisse um jeito de impedir a morte? Por que isso é tão importante? Tem alguma coisa a ver com a regeneração de Lâmia?

— Não, todos os monstros fazem isso. Só há duas maneiras de matar um monstro: uma delas é com algum tipo de metal divino. A outra é com alguma forma

de magia que os impeça de se regenerar neste mundo. Mas matá-la não é o problema; eu já fiz isso. O problema é que ela não morre.

Claymore levantou uma sobrancelha.

— Como assim, *não morre*?

— É exatamente isso — falou Alabaster. — Se eu a mato, ela não continua morta, por mais que eu tente. Quando a maioria dos monstros se desintegra, o espírito retorna ao Tártaro e são necessários anos, talvez séculos até que eles se regenerem. Mas Lâmia retorna imediatamente. Por isso fui procurá-lo. Sei que pesquisou os aspectos espirituais da morte, provavelmente mais que qualquer outra pessoa neste mundo. Minha esperança era que conseguisse pensar em um jeito de manter alguma coisa morta.

Claymore refletiu sobre o assunto por um segundo, depois balançou a cabeça.

— Não há nada que eu queira mais do que destruir aquela criatura, mas isso está além da minha capacidade. Preciso entender melhor seu mundo, como esses deuses e monstros agem, e as regras de sua magia. Preciso de dados.

Alabaster franziu a testa e bebeu um gole de chá.

— Vou dizer o que posso, mas talvez não tenhamos muito tempo. A capacidade de Lâmia de enxergar através da minha *magia de esconderijo* está ficando melhor a cada dia.

Claymore recostou-se no sofá.

— No meu sonho, Hécate disse que você foi membro do exército de Cronos. Certamente há outros membros do seu exército. Por que não pedir ajuda a eles?

Alabaster balançou a cabeça.

— A maioria está morta. Houve uma guerra entre os deuses e titãs no último verão e muitos meios-sangues, semideuses como eu, lutaram pelos olimpianos. Eu lutei por Cronos. — O menino parou e respirou fundo antes de continuar. — Nosso principal navio de cruzeiro, o *Princesa Andrômeda*, foi destruído por uma facção inimiga de meios-sangues. Navegávamos para invadir Manhattan, onde os deuses têm sua base. Eu estava a bordo do nosso navio quando os meios-sangues o explodiram. Só sobrevivi porque consegui lançar em mim mesmo um feitiço de proteção. Depois disso, bem... a guerra não tomou o rumo que queríamos. Lutei no campo de batalha contra o inimigo, mas a maior parte dos nossos aliados fugiu. Cronos invadiu ele mesmo o Olimpo, e foi morto por um filho de Poseidon. Depois da morte de Cronos, os deuses olimpianos esmagaram toda resistência que restava.

Foi um massacre. Se me lembro bem, minha mãe me disse que o Acampamento Meio-Sangue e seus aliados tiveram dezesseis baixas no total. Nós tivemos centenas.

Claymore estudou Alabaster. Normalmente não era piedoso, mas sentia pena do menino. Ele era jovem, mas já havia enfrentado muitas coisas.

— Se suas forças foram completamente destruídas, como você escapou?

— Não fomos todos destruídos — disse Alabaster. — Muitos dos meios-sangues que restaram fugiram ou foram capturados. Estavam tão desmoralizados que se juntaram ao inimigo. Houve uma anistia geral; acho que você definiria dessa forma. Um acordo foi negociado pelo mesmo garoto que matou Cronos. Esse menino convenceu os olimpianos a aceitar os deuses *menores* que haviam seguido Cronos.

— Como sua mãe, Hécate — deduziu Claymore.

— Sim — confirmou Alabaster, amargurado. — O Acampamento Meio-Sangue decidiu que eles aceitariam qualquer filho de deuses menores. Construiriam chalés para nós no acampamento e fingiriam que não haviam simplesmente nos massacrado por resistirmos. Muitos deuses menores aceitaram o acordo de paz assim que os olimpianos o propuseram, mas minha mãe, não. Não fui o único filho de Hécate a servir sob o comando de Cronos. Hécate não teve muitos filhos, mas eu era o mais forte, por isso meus irmãos me seguiram. Convenci a maioria deles a lutar... mas só eu sobrevivi. Hécate perdeu mais filhos semideuses naquela guerra do que qualquer outro deus.

— Por isso ela recusou a oferta de paz? — presumiu Claymore.

Alabaster bebeu mais um gole de chá.

— Sim. Ela recusou no início, pelo menos. Eu a incentivei a continuar lutando. Mas os deuses decidiram que não queriam uma deusa rebelde estragando sua vitória, então fizeram um acordo com ela. Eles me exilariam para sempre de seus favores e do acampamento, como punição por meu comportamento, mas poupariam minha vida se Hécate se juntasse a eles. Aquela foi outra maneira de dizer que, se ela não se unisse a eles, minha morte era certa.

— Então, nem os deuses são altivos e poderosos o bastante para resistir à chantagem.

Alabaster olhou para a aconchegante lareira com uma expressão de desgosto.

— É melhor não imaginá-los como deuses. O melhor jeito de pensar neles é como uma Máfia divina. Eles usaram essa ameaça para forçar minha mãe a aceitar o

acordo. E ainda me exilaram do acampamento para que eu não pudesse *corromper* meus irmãos. — Ele terminou de beber o chá. — Mas nunca me curvarei aos deuses olimpianos depois das atrocidades que cometeram. Seus seguidores são cegos. Eu nunca pisaria no acampamento deles, e se pisasse seria para dar àquele filho de Poseidon o que ele merece.

— Então você não tem ninguém que possa ajudá-lo — resumiu Claymore. — E esse monstro chamado Lâmia está atrás de você... Por quê?

— Gostaria de saber. — Alabaster deixou a xícara vazia sobre a mesa. — Desde o momento em que fui exilado, lutei contra muitos monstros que vieram atrás de mim e matei todos. Eles sentem instintivamente os semideuses. Como um meio-sangue solitário, sou um alvo tentador. Mas Lâmia é diferente. Ela é filha de Hécate, nascida nos tempos antigos. Parece estar empenhada em uma vingança pessoal contra mim. Não importa quantas vezes eu a mato, ela não permanece morta. Ela tem me pressionado, tem me forçado a mudar de cidade em cidade. Os encantamentos para minha proteção estão sendo levados ao limite. Agora não posso nem dormir sem que ela tente romper minhas barreiras.

Claymore estudou o menino com mais atenção e notou círculos escuros sob seus olhos. Alabaster provavelmente não dormia há dias.

— Há quanto tempo está sozinho? — perguntou Claymore. — Quando foi exilado?

Alabaster deu de ombros como se nem ele mesmo lembrasse.

— Há sete ou oito meses, mas parece mais. O tempo é diferente para nós, meios-sangues. Não temos a vida confortável dos mortais. Muitos meios-sangues nem passam dos vinte anos.

Claymore não respondeu. Mesmo para ele, tudo isso era informação demais para ser absorvida. A criança era realmente um semideus, filho de um humano e da deusa Hécate.

Ele não tinha a menor ideia de como funcionava aquele tipo de procriação, mas, obviamente, funcionava, porque o menino estava ali, e não era um mortal comum. Claymore se perguntou se Alabaster teria a mesma capacidade de regeneração de Lâmia. Não acreditava nisso. Irmãos ou não, Alabaster se referia a Lâmia chamando-a de monstro. Não era o tipo de termo que alguém usaria para se referir a um semelhante.

O menino estava realmente sozinho. Os deuses o haviam exilado. Monstros queriam matá-lo, inclusive sua própria irmã. Seu único companheiro era um nebuliforme que surgia de um cartão de visitas. No entanto, de algum jeito, o menino sobrevivera. Claymore estava impressionado.

Alabaster começou a se servir de mais uma xícara de chá, depois ficou imóvel. Um dos símbolos rabiscados em seu braço direito brilhava muito verde.

— Lâmia está aqui — murmurou. — Tenho poder suficiente para mantê-la lá fora por um tempo, mas...

Houve um estalo como o de uma lâmpada explodindo, e o símbolo na manga de sua camisa se quebrou como vidro, espalhando fragmentos de luz verde.

Alabaster derrubou a xícara.

— Isso é impossível! Ela não pode ter rompido minha barreira com sua magia, a menos que... — Ele olhou para Claymore. — Meus deuses! Claymore, ela está usando você!

Claymore ficou tenso.

— Ela está me usando? Do que está falando?

Antes que Alabaster pudesse responder, outro símbolo em sua camisa explodiu.

— Levante-se! Temos que ir embora agora! Ela acaba de derrubar a segunda barreira.

Claymore ficou em pé.

— Espere! Diga, como ela está me usando?

— Você não fugiu dela; ela o deixou escapar. — Alabaster o encarou. — Tem um encantamento em você que rompe minhas insígnias mágicas. Deuses, como pude ser tão estúpido?

Claymore cerrou os punhos. Fora vencido.

Estivera tão ocupado tentando entender as regras daquele mundo e criar uma estratégia que não contara com o fato de Lâmia ter pensado em uma estratégia própria. Agora seu erro a levara até ali, diretamente ao alvo.

Alabaster tocou levemente o peito de Claymore.

— *Incantare: Aufero Sarcina!*

Houve outra explosão. Dessa vez, fragmentos de luz verde voaram da camisa de Claymore, e ele cambaleou para trás.

— O que você...?

— Removi o feitiço de Lâmia. E agora...

Alabaster bateu em algumas runas em sua roupa e todas se partiram. Como que em resposta, um símbolo verde na perna de sua calça começou a brilhar.

— Fortaleci as paredes internas, mas elas não vão segurá-la por muito tempo. Sei que quer entender, sei que quer fazer mais perguntas, mas agora não. Não vou deixar você morrer. Apenas me siga e corra!

* * *

Até então ele havia estado mais confuso, alarmado, medroso e revoltado do que se podia imaginar. Mas agora experimentava uma emoção que não sentia há anos. O grande, o confiante dr. Claymore estava entrando em pânico.

Tudo isso era uma armadilha. Lâmia não fora derrotada com tanta facilidade. Havia sido um truque para ela poder passar pelas defesas de Alabaster. E tudo isso era sua culpa.

Alabaster correu para o lado de fora da casa, e Claymore o seguiu resmungando todos os palavrões que sabia — e não eram poucos.

Não havia notado antes, mas uma cúpula verde e brilhante cobria toda a casa e se estendia pelo menos até a metade do quarteirão. O brilho verde parecia estar enfraquecendo, como o símbolo na perna de Alabaster.

Apesar do sol brilhante e do céu claro de alguns minutos antes, nuvens de tempestade agora pairavam baixas, bombardeando a barreira com raios.

Lâmia estava lá fora, e dessa vez não estava brincando. Sua intenção era matá-los.

Claymore resmungou outro palavrão.

Alabaster parou quando chegou à rua e olhou para o céu.

— Não temos como escapar. Ela nos prendeu aqui. Essa tempestade é um feitiço. Não consigo desmanchá-lo enquanto a barreira estiver erguida. Fugir não é uma opção; temos que lutar.

Claymore o encarou, incrédulo.

— A caminhonete de Black está bem ali. Podemos pegá-la e...

— E o quê? — Alabaster o encarou de volta, deixando Claymore paralisado. — Não importa o quão rápido pudermos dirigir. Tudo que faremos será dar a ela um alvo maior para atingir. Além do mais, isso é exatamente o que ela espera que um mortal como você faça. Fique fora disso... Estou tentando salvar sua vida!

Claymore o observou, com o sangue fervendo. Estava ali para ajudar o menino, não para ficar parado e se sentir inútil. Ele estava prestes a argumentar quando a runa brilhante na perna de Alabaster explodiu em chamas. O menino se encolheu de dor e caiu de joelhos. Acima deles, a cúpula verde se estilhaçou com o som de um milhão de janelas quebrando.

— Irmão! — gritou Lâmia acima do estrondo de um trovão. — Estou aqui!

Raios caíram em torno deles, arrancando postes de eletricidade e incendiando árvores.

O restante do mundo parecia nem notar. Algumas casas adiante, um homem regava o gramado. Do outro lado da rua, uma mulher corria para seu utilitário esportivo falando ao celular, sem perceber que a árvore no seu quintal pegava fogo. O mesmo tipo de chama que havia matado Colosso... Aparentemente, para meios-sangues e monstros, o mundo mortal era só um dano colateral.

Alabaster se levantou com dificuldade e tirou do bolso um cartão. Em vez de um homem, naquele havia o desenho grosseiro de uma espada. Quando Alabaster bateu no desenho, a espada começou a brilhar, e de repente ela não era mais tão rudimentar.

Uma sólida e larga espada de ouro brotou do cartão, tornando-se real na mão de Alabaster. A espada tinha runas verdes gravadas, como aquelas nas roupas do menino. E embora pesasse cinquenta quilos, aparentemente, Alabaster a segurava com uma das mãos sem dificuldade.

— Fique atrás de mim e não se mova — disse ele, firmando os pés no chão.

Pela primeira vez na vida, Claymore nem tentou discutir.

— Lâmia! — gritou Alabaster para o céu. — Antiga rainha do império líbio e filha de Hécate! Você é meu alvo, e minha lâmina a encontrará. *Incantare: Persequor Vestigium!*

Os símbolos na espada brilharam ainda mais, e cada runa nas roupas de Alabaster brilhava como um pequeno holofote. Ele parecia rodeado por uma colagem de feitiços mágicos, e todo o seu corpo radiava poder.

Ele olhou para Claymore, que recuou um passo. Os dois olhos de Alabaster tinham um brilho muito verde, como os de Lâmia.

O menino sorriu.

— Vai ficar tudo bem, Claymore. Heróis nunca morrem, certo?

Claymore teve vontade de dizer que, na verdade, os heróis *sempre* morriam nos mitos gregos.

Mas antes que pudesse abrir a boca para falar, um trovão retumbou, e o monstro Lâmia apareceu no início do gramado.

Alabaster atacou.

* * *

Quando levantou a espada, Alabaster sentiu algo que não sentia desde que invadira Manhattan com o exército de Cronos — a disposição para dar a vida em nome de uma causa. Ele havia envolvido Claymore nisso. Não podia deixar outro mortal pagar com a vida por causa daquele monstro.

O primeiro golpe foi certeiro, e o braço direito de Lâmia se desintegrou em areia.

Para monstros normais, um ferimento como aquele causado por uma espada de ouro imperial seria uma sentença de morte, mas Lâmia apenas riu.

— Irmão, por que insiste? Só vim aqui para conversar...

— *Mentiras!* — gritou Alabaster, atacando o braço esquerdo. — Você é uma desgraça para o nome de nossa mãe! Por que não morre?

Lâmia sorriu, exibindo dentes de crocodilo.

— Não morro porque minha senhora me apoia.

— Sua senhora? — Alabaster estranhou.

Tinha a sensação de que ela não se referia a Hécate.

— Ah, sim — Lâmia se esquivou do golpe. Seus braços já se regeneravam. — Cronos fracassou, mas agora minha senhora se sublevou. Ela é maior que qualquer titã ou deus. Vai destruir o Olimpo e liderar os filhos de Hécate para sua era de ouro. Infelizmente, minha senhora não confia em você. Ela não o quer vivo para interferir.

— Você e sua senhora podem ir para o Tártaro, não me interessa! — gritou Alabaster, abrindo ao meio a cabeça de Lâmia. — Agora se associou aos deuses? Hera mandou você para me matar?

As duas metades da boca de Lâmia deram um grito de dor.

— Não mencione esse nome em minha presença! Aquela megera destruiu minha família! Não entende, irmão? Não leu meus mitos?

Alabaster sorriu desdenhosamente.

— Não perco tempo lendo sobre monstros desprezíveis como você!

— *Monstro?* — perguntou ela quando seu rosto se recompôs. — *Hera* é o monstro! Ela destrói todas as mulheres por quem seu marido se apaixona. Persegue os filhos dessas mulheres por ciúme e despeito! Ela matou meus filhos! Meus *filhos*!

O braço direito de Lâmia se regenerou, e ela o estendeu diante de si, tremendo de raiva.

— Ainda posso ver seus corpos sem vida diante de mim... Alteia queria ser artista. Lembro-me de seus dias de aprendiz com os melhores escultores de meu reino... Ela era uma *protégé*, ainda menina. Seus talentos rivalizavam até com os de Atena. Demétrio tinha nove anos, completaria dez cinco dias depois de sua morte. Era um menino maravilhoso e forte, sempre tentando deixar a mãe orgulhosa. Estava empenhado em se preparar para o dia em que ocuparia seu lugar como rei da Líbia. Os dois eram muito esforçados, ambos tinham futuros brilhantes pela frente. Mas o que Hera fez? Ela os assassinou brutalmente só para me castigar por ter aceitado as atenções de Zeus! É ela quem merece apodrecer no Tártaro!

Alabaster atacou mais uma vez. Dessa vez Lâmia fez o impossível — ela deteve a espada, segurando a lâmina de ouro imperial com as garras de réptil.

O garoto tentou recuperar a arma, mas Lâmia a segurava com força. Ela aproximou o rosto do dele.

— Sabe o que aconteceu depois, irmão? — sussurrou. Seu hálito cheirava a sangue fresco. — Minha vida de rainha acabou, mas meu ódio estava apenas começando. Usando o poder da Mãe, criei um encantamento muito especial que permitia aos monstros do mundo todo sentir o cheiro dos meios-sangues... — Ela sorriu. — Talvez depois que mais alguns milhares de vocês morrerem, Hera, a deusa da família, finalmente possa entender minha dor!

Alabaster arquejou.

— O que foi que disse?

— Sim, você ouviu! Fui eu que transformei a vida de todos vocês em um pesadelo! Dei aos monstros a habilidade de rastrear semideuses! Eu sou Lâmia, a assassina dos maculados! E, quando você estiver morto, nossos irmãos me seguirão como sua rainha. Eles se juntarão a mim ou morrerão! Minha senhora, a própria Mãe-Terra, prometeu devolver meus filhos. — Lâmia ria com alegria. — Eles voltarão à vida, e tudo que preciso fazer é matar você!

Alabaster conseguiu soltar a espada, mas Lâmia estava perto demais. Ela preparou as garras para arrancar seu coração. Houve um *BANG* estridente e Lâmia cambaleou para trás, com um buraco de bala no peito escamoso. Alabaster girou a espada, cortando-a ao meio na linha da cintura, e Lâmia desmoronou em uma pilha de areia preta.

Alabaster olhou para Claymore, que estava três metros à sua direita, segurando uma arma.

— O que está fazendo aqui? Ela podia ter matado você!

Claymore sorriu.

— Vi que você estava fazendo um trabalho tão ruim quanto o meu, então decidi dar uma mãozinha. Precisava fazer alguma coisa com minha última bala.

Alabaster o encarou, admirado.

— Deuses, você é realmente arrogante.

— Tenho ouvido muito isso ultimamente. Vou começar a considerar como um elogio. — Claymore olhou para o corpo de Lâmia, que já se regenerava. — Um aspirador seria muito útil agora. Ela vai voltar a qualquer minuto.

Alabaster tentou pensar, mas estava exausto. A maior parte de seus encantamentos desaparecera. Suas defesas estavam destruídas.

— Temos que sair daqui.

Claymore balançou a cabeça.

— Fugir não adiantou antes. Precisamos encontrar um jeito de lidar com ela. Lâmia disse que sua vida era sustentada por sua senhora...

— Mãe-Terra — disse Alabaster. — Gaia. Ela tentou destronar os deuses uma vez, nos tempos antigos. Mas como isso pode nos ajudar?

Claymore pegou um punhado de areia preta e a observou se retorcer, tentando se regenerar.

— Terra... — murmurou. — Se mandar Lâmia de volta ao Tártaro não funciona, se ela não permanecerá morta... Será que não existe uma maneira de aprisioná-la *nesta* terra?

Alabaster franziu a testa. Uma luz se acendeu em sua cabeça.

Havia esperado que aquele homem, aquele gênio, tivesse uma resposta mais complicada. Alabaster tivera a esperança de que, se contasse a Claymore sobre o Mundo Inferior e o que causava a morte dos monstros, a melhor mente do século poderia dizer a ele como matar Lâmia permanentemente.

Mas a resposta era muito mais simples que isso. Claymore acabara de resolver o problema sem perceber.

Não podiam *matar* Lâmia definitivamente. Gaia, a deusa da terra, simplesmente a deixaria voltar ao mundo mortal muitas e muitas vezes. Mas e se eles não *tentassem* mandá-la para o Tártaro? E se, em vez disso, *esta* terra se tornasse a prisão de Lâmia?

Alabaster o encarou.

— Temos que voltar para minha casa! Acho que sei um jeito de detê-la.

— Tem certeza? — perguntou Claymore. — Como?

Alabaster balançou a cabeça.

— Não há tempo! Precisamos pegar o livro que está em cima da minha mesinha de cabeceira. Se conseguirmos, poderemos detê-la. Agora vamos!

Claymore assentiu, e eles correram para a porta da frente.

Alabaster sempre tivera o poder de detê-la e simplesmente não se dera conta disso! Mas agora tinha a resposta. E não havia monstro no mundo capaz de fazê-lo parar.

* * *

Claymore estava cansado de correr.

Seu jovem amigo Alabaster parecia ter disposição para continuar por quilômetros, apesar da espada de cinquenta quilos que estava carregando. E ele enfrentava os ataques de Lâmia há semanas.

Claymore era outra história. Depois de ter escapado de Lâmia por apenas algumas horas, estava quase desmoronando. Meios-sangues deviam ser mais resistentes que os humanos.

Alabaster entrou correndo na sala de estar. Olhou para trás, rindo de orelha a orelha, e fez um gesto para Claymore se apressar.

— Esteve aqui o tempo todo! Deuses, eu devia saber!

Um trovão explodiu lá fora, e Claymore franziu a testa.

— Pode deixar essa conversa para depois da nossa vitória. E vamos esperar que sua munição mágica realmente funcione.

Alabaster assentiu.

— Tenho certeza disso! Toda forma de invencibilidade tem um ponto fraco. Tanques têm uma escotilha, Aquiles tem um calcanhar, e Lâmia tem isso.

Quando olhou para a expressão de Alabaster, Claymore quase sorriu. *Aquele* era o garoto despreocupado que devia ser — não um guerreiro meio-sangue que esperava morrer aos vinte anos. Ele parecia ser um garoto normal de dezesseis anos com a vida toda pela frente...

Talvez, depois da morte de Lâmia, Alabaster pudesse viver em paz. Talvez, se os deuses deixassem...

Mas o que *Claymore* ia fazer? Toda a sua vida havia sido dedicada a encontrar uma resposta para a morte, mas nos últimos dias ele descobrira que tudo em que acreditava era uma mentira. Ou melhor, descobrira que as mentiras que havia desprezado a vida toda eram verdade.

Como Claymore poderia fazer diferença agora? Como um homem de meia-idade sem qualquer poder especial poderia pensar em ter alguma influência sobre um mundo de deuses e monstros?

Sua antiga vida parecia sem sentido — os prazos, os autógrafos nos livros. Aquela vida havia derretido junto com seu laptop no Black's Coffee. Será que o novo mundo teria um lugar para um mortal como ele?

Alabaster o levou escada acima para um pequeno quarto. As paredes eram cobertas com as mesmas runas verdes das roupas do garoto. Todas ganharam vida e brilharam quando ele entrou e pegou o livro sobre a mesinha de cabeceira.

— Isso é um feitiço estenografado — explicou ele. — Tenho certeza de que vai funcionar. Tem que funcionar!

O menino olhou para Claymore, que esperava na porta. O sorriso de Alabaster derreteu. Sua expressão demonstrava horror.

Uma fração de segundo depois Claymore compreendeu o por quê. Garras frias arranharam sua nuca. A voz áspera de Lâmia sibilou perto de sua orelha.

— Se disser uma palavra desse encantamento, eu o matarei — ameaçou Lâmia. — Solte o livro, e talvez eu poupe a vida dele.

Claymore encarou o menino, esperando que ele lesse o encantamento, mas, como um idiota, ele largou o livro.

— O que está fazendo? — grunhiu Claymore. — Leia o feitiço!

Alabaster estava paralisado, como se mil pessoas olhassem para ele.

— Eu... não posso... Ela vai...

— Não pense em mim! — gritou Claymore, e Lâmia enterrou as garras mais fundo em sua nuca. Em seguida, cochichou em seu ouvido:

— *Incantare: Templum Incendere.*

O livro pegou fogo aos pés de Alabaster.

— O que está fazendo, seu idiota? — vociferou Claymore para o garoto. — Você é mais inteligente que isso, Alabaster! Se não ler esse feitiço, vai morrer também!

Uma lágrima desceu pelo rosto de Alabaster.

— Você não entende? Não quero que ninguém mais morra por minha causa. Levei meus irmãos para a morte!

Claymore parecia zangado. O menino não *via* o livro pegando fogo?

Lâmia gargalhava enquanto o livro se retorcia, transformando-se em cinzas. As páginas não durariam muito mais. Não havia tempo para convencer aquele menino cabeça-dura. Claymore teria que incitá-lo a agir.

— Alabaster... O que acontece quando morremos?

— Pare de falar isso! — gritou Alabaster. — Você vai ficar bem!

Mas Claymore balançou a cabeça. Ele era a única coisa que impedia o garoto de ler o livro, por isso sabia que atitude devia tomar. Tinha que destruir o último obstáculo no caminho de Alabaster.

Para vingar Colosso, para salvar aquela criança dos deuses, ele sabia o que tinha que fazer.

— Alabaster, você me disse antes que heróis não morrem. Talvez esteja certo, mas posso lhe dizer uma coisa. — Ele o fitou nos olhos. — Eu não sou um herói.

Claymore empurrou o corpo para trás, contra Lâmia. Os dois caíram no corredor. Claymore virou-se e tentou lutar com o monstro, esperando ganhar alguns segundos para Alabaster, mas sabia que não poderia vencer aquela batalha.

O grito horrorizado de Alabaster chegou aos seus ouvidos, distante. Em seguida ele começou a flutuar, flutuar para outro mundo. A mão fria da morte envolveu Howard Claymore como uma prisão de gelo.

* * *

Não havia barqueiro para ele, nem mesmo um barco. Era arrastado pela água gelada do Estige, conduzido em direção ao castigo que o esperava pela vida que havia levado.

Poderia tentar dizer que era um homem de motivações puras, que havia tentado pregar bom senso ao mundo, mas até ele sabia que isso não era verdade. Havia

ignorado a ideia da existência de deuses e desprezado todos que os idolatravam. Foram apenas motivo de riso para ele, mas se aprendera alguma coisa nas últimas seis horas era que os deuses não têm senso de humor.

Uma pena, pensou ele, enquanto era levado pela correnteza gelada. Se Alabaster não fosse inimigo dos deuses, Claymore poderia ser recebido como herói por ter salvado a vida do garoto.

Mas o destino tinha outros planos. Quando estivesse sendo julgado, seria punido também por ter ajudado um traidor.

Era irônico, realmente... Havia morrido fazendo uma coisa boa, mas podia ser condenado a uma eternidade na escuridão. Era seu medo na infância: morrer e ser recusado no céu.

É claro que, mesmo enquanto flutuava nas águas geladas, havia um sorriso em seu rosto.

O fato de Alabaster não estar fazendo a jornada em sua companhia revelava uma coisa: Lâmia não havia matado o garoto. Sem um refém para detê-lo, Alabaster devia ter lido o encantamento por pura raiva e derrotado Lâmia.

E isso era suficiente para deixar Claymore satisfeito, qualquer que fosse a punição escolhida para ele pelos deuses.

Agora ele riria por último, e pelo restante da eternidade.

Mas, surpreendentemente, o destino seguiu por outro caminho. Acima dele na escuridão, uma luz brilhou, tornando-se mais clara e mais quente. Ele viu a mão estendida em sua direção — a mão de uma mulher tentando alcançá-lo em meio ao negrume. Por ser um homem lógico, ele fez o que era lógico. Segurou-a.

* * *

Assim que seus olhos se ajustaram, ele viu que estava em uma igreja. Não a cintilante e sagrada igreja do céu, mas uma em péssimo estado. Era a mesma capela imunda e empoeirada que havia visto em seus sonhos. E, orando no altar, estava a jovem em vestes cerimoniais — a mãe de Alabaster, a deusa Hécate.

— Suponho que esteja esperando meu agradecimento — disse Claymore. — Por salvar minha vida.

— Não — respondeu Hécate em tom solene. — Porque não salvei sua vida. Você ainda está morto.

O primeiro instinto de Claymore foi protestar, mas ele se conteve. Não era preciso ser um gênio para constatar que seu coração não estava batendo.

— Então, por que estou aqui? Por que me trouxe a este lugar?

Ele se aproximou do altar e sentou-se na poeira ao lado de Hécate, mas ela não olhou em sua direção. Mantinha os olhos fechados e orava. Seu rosto era como o de uma estátua grega — pálido, lindo e atemporal.

— Eu *os* salvei — disse ela. — Meus dois filhos. Você vai me odiar por isso.

Os dois... Ela salvara Lâmia...

Claymore imaginou que não seria sensato gritar com uma deusa, mas não conseguiu evitar.

— Você disse a Alabaster que não podia interferir! Depois de tudo que sacrifiquei para ajudar o menino, você interferiu no último instante e salvou aquele monstro?

— Não quero que mais nenhum filho meu morra — disse Hécate. — A solução de Alabaster teria funcionado. Graças a sua morte altruísta, ele teve tempo para recuperar o livro e encontrar o feitiço. Era um encantamento poderoso, que anularia a magia destinada a curar e fortalecer um corpo vivo. Se ele o houvesse lançado em Lâmia, ela teria sido reduzida a uma pilha de pó negro, mas não teria morrido. Nem se regenerado. Teria continuado viva para sempre como uma pilha de pó. Eu intercedi antes que isso pudesse acontecer.

Claymore piscou. A solução do menino teria sido brilhante e simples. Admirava Alabaster mais que nunca.

— Por que não o deixou continuar? — perguntou Claymore. — Lâmia é uma assassina. Ela não merecia o julgamento de Alabaster?

Por um momento, Hécate não respondeu. Apenas uniu as mãos com mais força.

Depois do que pareceu uma eternidade de silêncio, ela sussurrou:

— Alabaster gosta de você. Vi como você o fez feliz. Deve ser porque nos lembra o pai dele. — Ela sorriu sem entusiasmo. — Alabaster é um filho que sempre deixa a mãe orgulhosa, apesar de ser incauto, às vezes... Mas Lâmia também teve um passado difícil. Ela não escolheu seu destino. Quero vê-la tão feliz quanto Alabaster.

— E me trouxe aqui só para dizer isso? — indagou Claymore, levantando uma sobrancelha. — Para me contar que tudo que fiz foi em vão?

— Não será em vão, doutor. Porque você vai cuidar de Alabaster.

Ele a olhou com curiosidade.

— Como, se estou morto?

— Minha principal função como deusa é preservar a Névoa, a barreira mágica entre o mundo olimpiano e o mundo mortal. Eu mantenho esses dois mundos separados. Quando os mortais vislumbram algo mágico, eu ofereço alternativas felizes nas quais eles podem acreditar. Alabaster também tem poder sobre a Névoa. Tenho certeza de que ele já mostrou a você algumas de suas criações, símbolos que podem ser transformados em objetos sólidos.

— Nebuliformes. — Claymore se lembrou do pai falso e da espada de ouro. — Sim, Alabaster fez uma pequena demonstração.

A expressão de Hécate tornou-se mais séria.

— Recentemente, os limites entre vida e morte se enfraqueceram, graças à deusa Gaia. É assim que ela consegue trazer seus servos monstruosos de volta do Mundo Inferior tão depressa, fazendo-os se regenerar quase imediatamente. Mas posso usar essa fraqueza em nosso favor. Posso devolver sua alma ao mundo em um corpo nebuliforme. Isso exigiria muito do meu poder, mas poderia lhe dar uma nova vida. Alabaster sempre foi teimoso e impaciente, mas, se você estiver ao lado dele, vai poder guiá-lo.

Claymore encarou a deusa. Voltar à vida como um nebuliforme... Tinha que admitir que parecia ser melhor do que a punição eterna.

— Se tem tanto poder, por que não conseguiu separar Lâmia e Alabaster antes? Minha morte não foi desnecessária?

— Infelizmente, doutor, sua morte foi muito necessária — respondeu Hécate. — A magia não pode criar coisas a partir do nada. Ela usa o que já existe. Um sacrifício nobre cria uma poderosa energia mágica. Eu *usei* essa força para separar meus filhos. Na verdade, sua morte me permitiu salvar os dois. Mais que isso: Alabaster aprendeu uma lição com sua morte. E suspeito de que você também tenha aprendido.

Claymore engoliu uma resposta. Não apreciava a ideia de sua morte ser usada como uma lição.

— E se isso acontecer de novo? — perguntou Claymore. — Lâmia não vai continuar perseguindo seu filho?

— No futuro próximo, não — disse Hécate. — Alabaster agora tem um feitiço poderoso para derrotá-la. Ela seria tola se o atacasse.

— Mas, com o tempo, ela vai encontrar um jeito de anular esse encantamento — deduziu Claymore.

Hécate suspirou.

— Talvez. Meus filhos sempre brigaram entre si. Os mais fortes lideram os outros. Alabaster uniu-se à causa de Cronos e levou os irmãos para a guerra. Ele se culpa pela morte deles. Agora Lâmia se sublevou para desafiar sua liderança, esperando que os filhos da magia a sigam sob a bandeira de Gaia. Tem que haver outro jeito. Os outros deuses nunca confiaram em minha prole, mas essa rebelião em nome de Gaia só vai causar mais derramamento de sangue. Alabaster precisa encontrar outra resposta, algum novo acordo que dê paz aos meus filhos.

Claymore hesitou.

— E se eles não *quiserem* paz?

— Não vou tomar partido, mas espero que, com você lá para guiá-lo, Alabaster tome a decisão certa, uma decisão que vai levar minha família à paz.

Uma razão para viver, pensou Claymore. Uma maneira de um mortal sem nenhum poder especial ter influência sobre o mundo dos deuses e monstros.

Ele sorriu.

— Isso soa como um desafio. Muito bem, eu aceito. E embora eu seja apenas um nebuliforme, vou me certificar de que ele tenha sucesso.

Ele se levantou, pensando em sair pela porta da igreja, mas parou.

Mesmo que estivesse morto, a resposta que procurava estava bem à sua frente.

— Tenho mais uma pergunta, Hécate. — Ele se empertigou, como Alabaster devia ter feito diante da plateia de sua palestra. — Se você mesma é uma deusa, para quem está rezando?

Ela fez uma pausa breve, virou-se para ele e abriu os brilhantes olhos verdes. Depois, como se a resposta fosse óbvia, sorriu.

— Tenho esperança de que descubra.

* * *

Alabaster acordou em um campo. Todas as runas de suas roupas haviam sido destruídas, e o colete à prova de balas estava destroçado a ponto de ter se tornado imprestável.

Mas, surpreendentemente, ele se sentia bem.

Ficou ali deitado na grama por um minuto, tentando descobrir onde estava. Suas últimas lembranças eram de Claymore se jogando sobre o monstro, as garras de

Lâmia apertando o pescoço do doutor, o livro queimando, o encantamento... Estava pronto para recitar o feitiço, e então... acordara ali.

Ele enfiou a mão no bolso e pegou os cartões nebuliformes; todas as inscrições haviam se tornado borrões pretos, desgastados com o restante de sua magia.

Então a forma de um homem apareceu acima dele, bloqueando a luz do sol. A mão estendida o ajudou a se levantar.

— Claymore? — Alabaster animou-se imediatamente. — O que aconteceu? Pensei... O que está *fazendo* aqui?

Claymore deu a Alabaster um sorriso que conservaria pelo resto de sua vida.

— Venha — disse ele. — Acho que nós temos uma pesquisa para fazer.

Sobre o autor



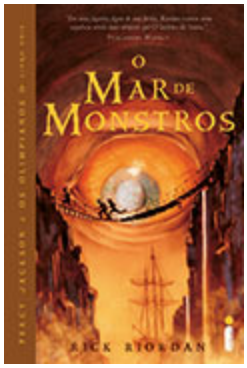
Rick Riordan nasceu em 1964, em San Antonio, Texas, Estados Unidos, onde mora com a mulher e os dois filhos. Autor best-seller do *New York Times*, premiado pela YALSA e pela American Library Association, por quinze anos ensinou inglês e história em escolas de São Francisco, e é a essa experiência que ele atribui sua habilidade em escrever para o público jovem. Além das séries *Percy Jackson e os olimpianos* e *Os heróis do Olimpo*, inspiradas na mitologia greco-romana, Riordan assina a bem-sucedida série *As crônicas dos Kane*, que visita deuses e mitos do Egito Antigo.

Conheça os livros do autor

PERCY JACKSON & OS OLIMPIANOS



Livro Um



Livro Dois



Livro Três



Livro Quatro



Livro Cinco



Os arquivos do semideus



Conheça os livros da série "As crônicas dos Kane"



Livro Um



Livro Dois



Livro Três



As crônicas dos Kane: Guia de sobrevivência



Conheça os livros da série



Livro Um



Livro Dois



Livro Três